



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
A IMAGEM DOS LATINO-AMERICANOS NA LIDERANÇA DO COMPONENTE
MILITAR DA MINUSTAH ATRAVÉS DA VISÃO DE DOIS SETORES VITAIS DA NAÇÃO
HAITIANA: OS EDUCADORES E OS CAMPONESES.**

AUTOR: VOGLE NAHUM PONGNON

BRASÍLIA, MARÇO DE 2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DAS AMÉRICAS**

**A IMAGEM DOS LATINO-AMERICANOS NA LIDERANÇA DO COMPONENTE
MILITAR DA MINUSTAH ATRAVÉS DA VISÃO DE DOIS SETORES VITAIS DA NAÇÃO
HAITIANA: OS EDUCADORES E OS CAMPONESES.**

AUTOR: VOGLY NAHUM PONGNON

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós- Graduação em
Estudos Comparados das Américas
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre**

BRASÍLIA, MARÇO DE 2013



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SOBRE AS AMÉRICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
DAS AMÉRICAS**

**A IMAGEM DOS LATINO-AMERICANOS NA LIDERANÇA DO COMPONENTE
MILITAR DA MINUSTAH ATRAVÉS DA VISÃO DE DOIS SETORES VITAIS DA NAÇÃO
HAITIANA: OS EDUCADORES E OS CAMPONESES.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: VOGLE NAHUM PONGNON

ORIENTADORA: Dra. Renata de Melo Rosa

BANCA EXAMINADORA:

—

Dr. Camilo Negri – CEPPAC/UnB-MEMBRO INTERNO

Dr. Jacques NOVION – CEPPAC/UnB-SUPLEANTE

Dra. Ana Flávia Barros IREL/UnB– MEMBRO EXTERNO.

Sumario

Remerciements.....	8
Dedicaces.....	10
Resumo.....	12
Apresentação.....	15
Introdução.....	22
Capítulo I - A República do Haiti, o processo de construção do Estado-nação e o ciclo de intervenção estrangeira pós-colonial.....	28
1.1 - Gênese da crise político-social haitiana.....	30
1.2- Pont-Rouge: metáfora da haitianidade.....	30
1.3 - O processo de construção do Estado-nação haitiano.....	32
1.4 - As lutas pela gestão do poder político e econômico.....	33
1.5- O projeto Louverturiano da libertação dos escravos.....	35
1.6 - As contradições internas antes da guerra da independência nacional.....	41
1.6.1- Nação haitiana e luta de classes, a primeira fase de decadência institucional.....	42
1.6.1.1 - O drama da ponte vermelha e os confrontos dos interesses de classes.....	43
1.7 - As consequências do preço do reconhecimento internacional do Estado do Haiti como uma nação soberana.....	46
Capítulo II - O nível de importância do setor educacional e dos camponeses na disputa política dos projetos de construção do Estado-nação haitiano.....	49
2.1 - Agricultores haitianos: uma classe historicamente escravizada.....	50

2.2- Evolução Histórica e social da classe camponeses Haitiana.....	52
2.3 - Compreendendo as resistências culturais do campesinato em relação à distante modernidade ocidental.....	54
2.4 - Um sistema educacional europeizado, voltado para o ocidente.....	57
2.4.1 - Elites, educação e o universo do sistema educativo haitiano.....	58
2.4.2 – As Elites e o fundamento do pensamento social haitiano.....	60
Capítulo III – As causas das violações múltiplas à soberania nacional.....	64
3.1 – O primeiro momento da agressão e ocupação estrangeira (1915).....	64
3.1.1 – As formas de resistência e de aceitação da ocupação de fato.....	65
3.1.2 – A corrupção das elites tradicionais e a insuficiência dos intelectuais....	66
3.2- <i>O movimento Péralte ou a força do setor rural haitiano.....</i>	<i>67</i>
3.3 - <i>As diferentes formas das agressões estrangeiras.....</i>	<i>69</i>
3.3.1 - Vulnerabilidade do Estado do Haiti frente às intervenções estrangeiras.	71
3.3.1 - <i>O Haiti e a agressão das potências estrangeiras.....</i>	<i>73</i>
3.4 - <i>ONU e a ocupação militar do solo haitiano.....</i>	<i>77</i>
3.4.1 – O contexto e as razões das intervenções da ONU.....	78
3.4.2- A instituição dos partidos políticos e do golpe de Estado de setembro de 1991.....	80
Cap. 4 - As percepções haitianas sobre a participação do Brasil e dos países da América Latina na Minustah.....	86
4.1– Os haitianos e seu método de percepção dos atos da MINUSTAH.....	87

4.1.1 – O setor educacional haitiano e sua percepção sobre a MINUSTAH.....	87
4.1.1.1- O sindicalismo no setor educacional haitiano.....	88
4.1.1.2- A confederação dos educadores haitianos e o movimento democrático.....	89
4.2 - Os Impactos e as influências do movimento sindical da educação nas esferas de decisão e de mobilização nacional.....	92
4.2.1 - A construção da imagem da MINUSTAH pelos dirigentes da CNEH.....	94
4.3 – O setor rural haitiano e a sua percepção sobre a MINUSTAH.....	97
4.3.1 – A Representação sociocultural do Norte e do Sul do Haiti.....	98
4.3.1.1- Os valores dominantes e as características próprias da região do sul.....	99
4.3.2 - Artibonite na tradição do Mito do Grande Norte.....	102
4.3 – A visão dos líderes camponeses do sul e de Artibonite a respeito da MINUSTAH	104
4.3.1 A coleta dos dados empíricos.....	105
4.3.2 - Os camponeses e sua percepção do contingente militar da MINUSTAH.....	106
4.4- Uma visão da MINUSTAH em uma perspectiva do movimento estudantil Haitiana, pós 2004.....	107
4.5 - Os novos desafios do ideal de Estado-Nação.....	108
Conclusão.....	112
Bibliografia.....	115
Anexo.....	126

**A Imagem dos latino-americanos na liderança do componente militar da
Minustah através da visão de dois setores vitais da nação Haitiana: os educadores e
os camponeses.**

REMERCIEMENTS.

J'adresse un remerciement speciale au peuple Bresilien, pour son hospitalité et son acceuil bien veillant, qui durant toutes ces de deux années passées à Brasilia, grâce a leur support moral, a pu me permettre d'oublier pour un instant ma nostalgie de la terre natale, Haiti. A toute l'équipe du Ceppac, de son personnel administratif qui, à aucun moment ne m'a marchandé leurs aides bienveillantes, à Jacinta, à Herciclever, qu'ils acceptent mes sentiments de reconnaissance et de gratitude.

J'adresse un remerciement infini à Renata Rosa, ma directrice de recherche, qui malgré des difficultés que je lui ai causé, a toujours usé de patience et de compréhension à mon egard, et chaque jours m'étonne de sa connaissance du dossier Haitien et surtout de l'évolution de notre histoire nationale.

A mes compagnons de promotion, qui dès le premier instant m'ont offert leurs amitiés, à Lorena Ferraz, qui m'a beaucoup supportés et qui est pour moi une petite soeur, à Jose Manuel Gonzales Cruz et sa compagne Jehyra, et sans compter Isabela Naranja.

Je voudrais remercier Dra. Patricia da Costa, et Shirlene Leonardo pour leurs encouragements et leurs supports, et appuis de toute sortes.

A mes amis de ma republique, à mes Freres Bresiliens Arturzinho et Abayomi Mandela Felix.

A mes compagnons de l'APG, à Marcius, à Fabio Borges et mon camarade Paulo Vinícius. A Marcia Guerdes et a sa famille.

Au Dra. Jeanne Mazza, femme incomparable qui m'a donnée tout son support durant ces derniers moment.

Tout ceci ne serait possible, il est vrai sans l'aide et l'encadrement de ma chère mère Fernande et de mes frères et soeur de sangs, à vous et encore grâs à vous. Gregory, Fenton, Ricardo, Caleb, Natacha vénus.

A Rosclair Philippe pour sa comprehension et son support, à Agath Michel Verna.

A toute l'équipe du Ceppac, de la Capes et de l'UnB pour le support financier.

En fin je remercie,la collaboration du Dr Kinsky Hippolite et du Professeur Jean –Mary Pierre,et aussi bien les paysans de la localité de Bocozele de Saint-Marc pour leur contributions.

DEDICACES

Je dedie ce travail à ces âmes que je hate de revoir, et qui ne m'ont pas encore connu.

Eu dedico este trabalho a estas almas, que eu quero rever de novo, e quem ainda não me conhece.

à

Lygov Brunswick, et Chloé Vénus.

**A Imagem dos latino-americanos na liderança do componente militar da
Minustah através da visão de dois setores vitais da nação Haitiana: os educadores e
os camponeses.**

Dissertação de Mestrado –CEPPAC -UnB.

RESUMO

O Conselho de Segurança das Nações Unidas, através da Resolução 1542, de 2004, decidiu enviar uma força multinacional para restaurar a estabilidade civil no Haiti, após a crise política do governo de Jean Bertrand Aristide, deflagrada em 29 de fevereiro de 2004, que forçou o presidente Aristide a se retirar do poder e exilar-se primeiramente, na República Centro-Africana e posteriormente na África do Sul, após múltiplas manifestações populares e diversas ações políticas contra seu governo. Mais de oito anos desde a sua implantação, as opiniões nacionais apresentadas aqui por dois setores da sociedade civil Haitiana, a saber, os educadores e os camponeses, foram investigadas em relação à percepção de cada grupo acerca da presença de uma força militar no Haiti pela Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH). A opinião dos dois setores organizados da sociedade civil pesquisados, aqui representados pelo Sindicato do setor da educação, a CNEH (Confédération Nationale des Éducateurs d'*Haiti*) e o grupo de camponeses representado nesta pesquisa por meio de duas principais regiões do país: o Norte e o Sul, oscilam entre a percepção de que a MINUSTAH pode ser interpretada como uma ocupação militar de caráter neo-colonialista, uma missão humanitária ou uma missão de apoio ao fortalecimento institucional do país. Ao confrontar estas correntes de pensamento com a trajetória histórica do povo haitiano, representada depois da época do início da fundação do Estado-Nação, em 1804, pelo antagonismo e divergências de pontos de vista entre as elites e as massas, percebe-se que a imagem que os dois grupos pesquisados fazem da MINUSTAH resultam, em primeiro lugar, da maneira pela qual cada grupo constrói a idéia de nação haitiana ou da “nação haitiana imaginada”. No limite, a percepção em termos aceitação ou não da presença da MINUSTAH em solo haitiano, depende do grau de envolvimento que cada grupo mantém com as elites de Port-au-Prince. É possível afirmar que o grupo dos camponeses, historicamente alijados do poder e do jogo político da capital não constroem uma oposição política sistemática à MINUSTAH. Como estão acostumados ao jogo clientelista ofertado pelas elites em contextos eleitorais, reproduzem a mesma relação instrumental com os militares da MINUSTAH e vêem interesse na permanência da Missão no país. Por outro lado, os educadores sindicalizados, que representam historicamente um grupo de elite que se opõe à visão de mundo dos camponeses, tendem a divergir de uma interpretação positiva acerca da MINUSTAH e o fazem por meio da instrumentalização de um discurso nacionalista que exclui os estrangeiros em solo haitiano. Esta divergência de interpretação acerca da presença da MINUSTAH reproduz e aprofunda as já históricas e consolidadas contradições construídas entre as elites e as massas camponesas haitianas, forjando uma interpretação contextual da MINUSTAH de acordo com o lugar de fala de cada grupo, impossibilitando uma visão única do povo haitiano sobre a Missão.

PALAVRAS CHAVES: Minustha-ocupação militar-percepção-camponeses-educadores.

ABSTRACT

The United Nations Security Council, through Resolution 1540, adopted in 2004, decided to send a multinational force in an effort to reestablish civil stability in Haiti after the political crisis of the Jean Bertrand Aristide government, which erupted on February 29, 2004. The crisis forced president Aristide to leave power and exile himself first to the Central African Republic and later to South Africa, after multiple popular protests and diverse political actions against the government. More than eight years since the implementation of the United peacekeeping force, the opinions presented here are of two national sectors of Haitian civil society, namely, educators and farmers, and are investigated in relation to the perceptions each group holds about the presence of military force in Haiti through the United Nations Mission for the Stabilization of Haiti (MINUSTAH). The opinions of the two organized civil society sectors researched, here represented by the Education Union (Confédération Nationale des Édicateurs d'Haïti) and the farmers' group represented in this project through two principle regions of the country: the North and the South, oscillate between the perception that MINUSTAH could be interpreted as a military occupation characterized by neo-colonialism, a humanitarian mission or a mission to support and reinforce institutions in the country. In confronting these different thought currents with the historical trajectory of the Haitian people, represented in the time after the foundation of the Nation-State, in 1804, by the antagonism and divergence of viewpoints between the elites and the masses, it is possible to note that the image that the two researched groups have of MINUSTAH result, in the first place, in the way in which each group constructs the idea of the Haitian nation or of the "imagined Haitian nation." At the most, the perceptions in terms of the acceptance or not of MINUSTAH presence on Haitian soil depend on the degree to which each group is involved with the elites of Port-au-Prince. It is possible to state that the farmers' group, historically excluded from the capital's power in the political arena do not construct a political systematic opposition to MINUSTAH. Since the farmers are accustomed to the clientelist nature of the elites in electoral contexts, they reproduce the same instrumental relation with the MINUSTAH military personnel and have an interest in the permanence of the MINUSTAH mission in the country. On the other hand, the unionized teachers, who historically represent an elite group that is opposed to the world vision of the farmers, tend to diverge from a positive interpretation about the MINUSTAH and show this through the use of a nationalist dialogue that excludes foreigners from Haitian soil. This divergence in interpretation around the presence of MINUSTAH reproduces and deepens the already consolidated and contradictory history constructed between elites and the Haitian masses, primarily farmers, forging a contextual interpretation of MINUSTAH according to the perspective of each group, preventing one single opinion from the Haitian people on the mission.

Key words :Minustha-Military occupation-perception-educationists-peasants.

REZIME (kreyòl)

Konsej sekirite nasyon zini,nan yon decisyon ki relé “Resolisyon 1542”li pran nan Lané 2004,décidé voyé yon fos miltinasyon pou kA remete lape ak estabillite em ayiti,depi apre grwo problem politik ke gouvennman presidan Aristid La te konnen,jiskaske li te tombe,oblige ,limenm te retire ko-l nan pouvwa,pati ale na eksil pou yon ti tan nan repiblik Sant Afrik e apre sa nan Peyi Afrik di Sid,lakoz dechenennman,latriye manifestasyon nan La ri,manigans politik tout kalite kont pouvwali-a. Men depi plis pase wit-na depi li Finn chita koli,instale l,opinyon piblik ayisyen an ke nou chwazi nan sans sa pou represante li,de sekte nan societe sivil la,nou vle pale de edikatez a edikate yo epi peyizan yo,nou mennen anket,sou yo ,poze kesyon,nan sa ki gen pou we ak kijan chak grwoup sa yo we,konprann,pesewwa imaj vini fos milite nan peyi ki rele MINISTA.Opinyon de sekte oganize nan sosyete a,ke nou poze keksyon,ke representan La,pa sendika CNEH,Pou edikate yo,epi nou chwazi de grwoup lide peyizan ki soti nan de gran zonn,ki diferan nan peyi a,nou vle pale de rijyon no ak rejyon Sid.Ni peyizan ki soti nan no,ni peyizan kap viv nan sid,ap balanse nan sa ki gen pou we ak jan yo konprann entevensyon milite MINISTA,yo pa Finn tombe Dako net ale ,pou ta we nan MINISTA,Tankou,yon fos okipasyon,tip “novo kolon”,yon misyon imanite, ou di mwens,yon misyon ki vinn pou mete kanpe enstitisyon yo nan peyi a.Le nou mete bab pou bab lide sa yo ke nou sot site La yo ak trajektwa ki mennen nan listwa pep ayisyen an,yon listwa ki depi 1804 chita sou mezantant,selman mal komprann yonn ak lot nou fini pa we ,pesewwa ke imaj ke de grwoup sa yo ,dapre resilta analiz enket La,genyen de MINISTA,soti premyeman nan manye gwoup sa yo bati lide yon genyen de nasyon,pou pi kle,se genpou we nan kijan yo “imajine sa yo rele nasyon ayisyen an”, nan denye bout.pesepsyon ki gen pou we ak Dako ou pa Dako ak entevensyon milite Ministah nan peyi dayiti depann de nivo akwentans,ou byen ak rapo yo develope ak elit potoprens.E li posib pou nou deklare que Grwoup,peyizan yo toujou,depi lontan nan listwa nou,sete zouti nan men politisyen potoprens,pa rive bati baz pou li ta kont entevansyon e vini Minista nan tout sans.Menm jan yo toujou sevi komin kliyan polotisyen, se konsa tou,yo sevi ak Minista e yo pa gen prwoblem,yo pa santi entere yo menase ak li.Yon lot bo,Edikate ki nan sendika yo,ki depi nan tout istwa nou,represante,Grwoup mounn ki nan Elit yo,ki we bagay yo depaman ak peyizan yo,se de mond diferan,menm yo menm tou divize sou jan yo we travay minista nan bom sans,Mem yo pito sevi avek zam zouti diskou nasyonalis ki mete deyo tout etranje sou te dayiti.Divejans nan entepretasyon vini Ministah nan AYITI,refe paret,refe gemen grwo kontradiksyon istorik ki deja eksiste ant elit ak Mas peyisan.ki Fabrike yon entepretasyon nan konteks vini MINISTA ki tombe daplon ak ki kote Chak Grwoup sa yo AP pale ,pa bay moyen pou degaje yon sel visyon de pep ayisyen sou misyon an.

PAWOL KLE: Edikate yo-Peyizan yo-Entevensyon milite-Minista-pesepsyon

Apresentação

Nesta dissertação de mestrado, apresentaremos, por meio de pesquisa qualitativa, a percepção de um grupo de camponeses das províncias de Bocozele e da periferia da cidade de Cayes e de professores sindicalizados de Port-au-Prince acerca da presença de forças militares estrangeiras coordenadas pela MINUSTAH em solo haitiano. Ao fazer esta abordagem, pretendemos realizar uma revisão crítica da literatura tanto brasileira como haitiana acerca da MINUSTAH. Enquanto a primeira, em razão de dificuldades metodológicas de acesso aos atores sociais haitianos não foca sua análise sobre o ponto de vista dos haitianos, como protagonistas da crise social e política pós-ditadura dos Duvalier, a segunda apresenta uma crítica ideológica profunda à intervenção, sem realizar uma análise cuidadosa da percepção dos diversos grupos sociais que compõem o Haiti de forma a negligenciar a importância do ponto de vista das comunidades rurais haitianas. Nessa perspectiva, a avaliação da presença das tropas da MINUSTAH costuma não levar em consideração metodológica a heterogeneidade da sociedade haitiana, o que explica em parte a facilidade na generalização das percepções sobre a MINUSTAH.

A problemática da intervenção militar da ONU no Haiti tornou-se um problema de pesquisa no Brasil, sobretudo no campo das Relações Internacionais. Em sua grande parte, os trabalhos realizados por brasileiros sobre a MINUSTAH a descrevem um ângulo humanitarista, caindo em uma catalogação documental sobre o que comumente chamamos de Crise haitiana. Nesse sentido, os trabalhos de Rosa (2007; 2009; 2012) e Thomaz (2010) apresentam uma abordagem brasileira sobre o Haiti por meio de uma visão independente do contexto haitiano de ocupação da MINUSTAH. Thomaz destaca as diferenças entre capital e as províncias. Para o autor, a memória dos períodos anteriores aos anos 1980 destoa da experiência de um desordem violenta:

“..os Haitianos foram capazes sim de construir um Estado ao longo do século 19 e Estado que se reproduziu até a primeira metade do século 20 e com os condicionantes próprias daquela região do Caribe. É a partir de meados do século 20 que começa a ser dilapidado, destruído sistematicamente. A lógica da Guerra Fria se impôs, as elites intelectuais foram eliminadas ou absolutamente domesticadas e as decisões de política econômica foram, em geral, desastrosas,

responsáveis pela destruição de esferas associadas a “tradição”, sem garantir a consolidação do propriamente “moderno”.¹

Nesse olhar, a compreensão da crise haitiana feita por intelectuais brasileiros apresenta um interessante olhar de fora. Com efeito, autores têm a tendência a situar o debate da percepção dos haitianos sobre as atividades da missão de paz da ONU no Haiti, com base nas avaliações realizadas em atividades sociais, construção de alguns escola, ajuda humanitária de assistência à fome, etc.

O diálogo teórico dos argumentos dos intelectuais brasileiros utilizados para categorizar a ação da MINUSTAH, como sendo um ato puramente humanitário, ou de uma ocupação militar, carecem de uma real compreensão do processo de construção do Estado-nação haitiano como tal, daí a importância desta dissertação construída por um haitiano que vive no Brasil.

De uma maneira geral, a imagem que os camponeses e educadores projetam sobre as tropas da MINUSTAH, a maneira como aceitam ou rejeitam a sua presença depende da dinâmica entre as diferentes percepções acerca da construção de imagem da nação, do sentido e da importância que cada setor concede ao seu território e ao Estado. Assim, a pesquisa tem como objetivo mostrar alguns preconceitos que os haitianos têm da intervenção latino-americana de maneira particular. Através da opinião dessas categorias sociais, pode-se ter um fragmento da percepção “haitiana” sobre os objetivos da missão e o tipo de solicitação que os haitianos fazem em relação ao quadro atual de “ajuda” humanitária dos países latino-americanos no Haiti.

O que marca a pertinência desta dissertação é a busca por reduzir a distância entre as análises feitas sobre o tema e a percepção dos atores populares organizados envolvidos no contexto pós-crise 2004. Esta dissertação está organizada em quatro capítulos.

O Cap. I trata do processo de fundação do Estado do Haiti desde a independência nacional até a crise política e social do ano de 2000, centrada sobre a divisão que separa a elite das massas. Temos a intenção de destacar dentro do mesmo quadro a seqüência de agressões sofridas pela nação haitiana por parte das potências

¹ Ver THOMAZ, Omar Ribeiro. “O terremoto no Haiti, o mundo dos Brancos e o lougawou”. São Paulo: *Cadernos Cebrap*, no. 86, 2010, p.6.

ocidentais. O Cap. II retrata o histórico de intervenções estrangeiras no Haiti e o apoio ofertado pelas elites à dominação.

No Cap. III, a dissertação se concentrará no levantamento que realizamos com os dirigentes do sindicato do setor da educação e os representantes dos camponeses. No último capítulo, pretendemos fazer uma avaliação analítica, rever as teorias e a hipótese principal, tendo em conta os novos dados de apreciação, com o objetivo de construir uma interpretação poderá nos mostrar as imagens que educadores e camponeses investigados projetam sobre as forças da MINUSTAH. Nesta pesquisa, a escolha por estes dois grupos deve-se ao fato de que seus pontos de vista nos permitem apresentar melhor a configuração social heterogênea e desigual da sociedade haitiana, explicitando a contradição mais relevante das categorias sociais na sociedade haitiana: os camponeses, caudatários da tradição africana e os educadores, herdeiros da visão de mundo ocidental.

Os educadores compõem uma categoria heterogênea, no que tange à filiação ideológica, classe social, etc., mas o elemento que os une é a socialização no idioma francês e nos valores do mundo ocidental, ao passo que os camponeses, aqui chamados de “massas dessalinianas” cultivam a reprodução dos valores em kreyòl e um estilo de vida não ocidental², vivem isolados da capital, com forte precariedade da vida social.

Escolhemos duas regiões de investigação dos camponeses: a primeira foi a província de Les Cayes, no sul do Haiti e em Saint Marc, no norte, dentro de uma seção rural mais ampla da região de Artibonite (Bocozel), do Departamento de Artibonite, mediante inserção em uma jovem associação de trabalhadores agrícolas de lá. Para os educadores, as lideranças investigadas pertencem ao sindicato da C.N.E.H, localizado em Port-au-Prince.

O fato de eu ser haitiano não ajudou muito na pesquisa com os camponeses, pois estes me consideraram como se fosse uma pessoa de fora, possivelmente ligada a um trabalho que normalmente as ONGs fazem no Haiti e não como um pesquisador acadêmico. Acostumados com a relação instrumentalizada com as ONGs, em alguns momentos os grupos de camponeses quiseram trocar informações por dinheiro, o que me obrigou a usar o serviço de um intermediário para ganhar confiança do grupo pelo fato de eles acreditarem que eu fazia riquezas com o nome deles.

² Ver Casimir, Jean. *La culture opprimée*. Port-au-Prince : editora Media-Texte/Fokal ,2006, p.7.

Nossa hipótese central nesse trabalho referia-se ao fato de os Haitianos, levando em consideração sua trajetória histórica de luta anticolonial, perceberiam a força da MINUSTAH como uma força de ocupação do tipo neocolonial. Esta hipótese foi construída a partir da minha militância política estudantil como estudante de INAGHEI (Institute National de Administration, Gestión et Hautes Études Internationales), da Université D'État D'Haïti, local de franca resistência política haitiana, cujos muros e portões sempre estiveram pixados com frases “Fora ONU” e “Abaixo a MINUSTAH”, conforme fotos abaixo:



Fonte: Renata de Melo Rosa (Arquivo pessoal), 2007.



Fonte: Renata de Melo Rosa (Arquivo pessoal), 2007.

Ademais, fui membro do Grupo G184, uma entidade da sociedade civil responsável pela divulgação do “Novo contrato social Haitiano³” e fui líder da FEUH (Federação dos Estudantes Universitários do Haiti), de abrangência nacional. Todas estas instituições listadas acima nas quais exerci forte militância política têm historicamente se posicionado contra as formas autoritárias dos governos Haitianos. De igual maneira, todos esses grupos se posicionaram contra o componente militar da MINUSTAH. As razões desta oposição se devem ao fato de a MINUSTAH ser vista, por estas instituições, como uma força de ocupação militar muito presente em Port-au-Prince, fazendo a população duvidar do caráter humanitário da Missão. Minha dúvida então se concentrou na amplitude nacional desta oposição. Teriam os camponeses,

³ Esse Grupo de encontro se assemelha a fórum permanente da sociedade civil. Inclui os grupos mais ativos da sociedade civil Haitiana. Este grupo apoiou a assinatura do Acordo de 4 de abril, que permitiu de fixar uma agenda para as próximas eleições presidenciais e legislativas do ano de 2006 e também limitou a atuação do governo de transição pelo Conselho de Sábios (Conseil de Sages).

isolados do movimento da cidade, esta mesma percepção dos grupos políticos organizados da capital?

Por outro lado, os professores sindicalizados compartilhariam da mesma visão política dos grupos de oposição? Tendo em vista que os professores Haitianos fazem parte de uma instituição que explicita a contradição o divórcio entre as classes dominantes e os camponeses iletrados falantes do kreyòl e serve de instrumento de reprodução de valores eurocêntricos de professores formados pela Escola Francesa. Sobre a divisão entre professores e camponeses, Casimir coloca que :

“En Haiti, l’instruction et l’éducation constituent deux poles qui se nient mutuellement. Elles refletent, au niveau de la connaissance et de la perception du monde, les contradictions et le divorce entre les classes dominantes et les classes dominées. L’école et la famille sont ennemis jurés, des institutions prises dans des structures culturelles distinctes.

L’école, c’est-à-dire le système d’instruction publique, évolue suivant les soubresauts des courants de pensées, mondiaux peut être, mais étrangers à notre réalité. Ce système ne peut remplir ce rôle sans transmettre les formes de vie occidentales qui sous-tendent l’information, il devient, du même coup, dans les secteurs où il faut lui reconnaître un certain succès, un mécanisme puissant de déformation et de déculturation. »(CASIMIR, 2006, p. 7)

A presença da MINUSTAH no Haiti, no entanto, tem diferentes leituras e interpretações, de acordo com o grupo social investigado. O que a MINUSTAH fez foi aprofundar a contradição referente a visão do mundo de professores e camponeses no contexto Haitiano. No Haiti, como todo o sistema de educação colonizado, as diferenças sociais se fazem a partir da fluência no idioma do colonizador. No entanto, os camponeses haitianos refutam esta imposição por meio do seguinte provérbio, muito comum no Haiti: “*pale franse pa vle di lespri*” (saber falar francês não quer dizer inteligência). Em uma nação em que todos os núcleos familiares falam kreyòl, muitos sabem se expressar em Francês e poucos pode escrever bem esta língua, *pale France pa vle di lespri*, demonstra que existe uma “verdadeira” alma Haitiana que, na maioria das vezes é rejeitada pela escola. Nesse sentido, as crianças da elite se percebem como mais bem educadas para poder se expressar bem no Francês, ao passo que as crianças das escolas públicas que não dominam a língua francesa se percebem como pouco educados e menos inteligentes. Assim, a escola se constitui, no Haiti, uma instituição de exclusão e de reprodução de valores ocidentais, de forma autoritária daí o contraponto proposto nesta dissertação ao comparar a visão de mundo de dois grupos que historicamente se excluem mutuamente no Haiti. De acordo com Casimir,

“La politique d’éducation national haitienne n’a jamais pu se distinguer d’une politique d’instruction publique.Elle est strictement et simplement un effort indigeste des Haitiens eux-mêmes visant à imposer à une population,qu’ils considèrent en tout point dégradés e et arriérée, les formes de vie occidentale. Les écoles et les moyens de communication de masse conspirent contre les productions culturelles nationales. Comme nos ressources limitées ne permettent pas d’assurer sur la scène national une image actualisée de ce que l’occident offre de meilleur, cette pretendue politique d’éducation national se resume à diffuser des contenus perimés de prestige revolu ou des créations nouvelles de mauvais gout que peut facilement assimiler une elite culturelle anémiée, coupée de ses racines et accablée par l’envergure de ses idoles ». (CASIMIR, 2006, p. 12)

Esta pesquisa foi realizada com mais de vinte pessoas, dez líderes camponeses no norte e oito no sul, mais duas entrevistas que fizemos com duas lideranças do sindicato dos professores.

Para realizar esta abordagem, repassamos um formulário de mais de vinte questões fechadas e abertas, os quais encontram-se anexadas a esta dissertação. As questões centraram-se em cinco temas relacionados com os diferentes aspectos e o conhecimento do lugar de origem dos contingentes militares que compõem a MINUSTAH, as percepções acerca dos principais objetivos da MINUSTAH no Haiti e a segurança e estabilidade institucional trazidas ou não pela MINUSTAH, além da tensão entre o nacionalismo e as forças de ocupação estrangeira no país.

INTRODUÇÃO

A MINUSTAH não foi a primeira experiência de ocupação militar estrangeira no Haiti. Além do período colonial francês em particular, a história nacional foi marcada por uma ocupação militar norte-americana por mais de 19 (dezenove) anos, de 1915 a 1934. No entanto, a decisão multilateral da comunidade internacional em realizar uma intervenção militar no Haiti toma lugar no período pós-guerra fria quando, em 1991, Jean Bertrand Aristide sofre um golpe militar que o destitui do poder, provocando sucessivas intervenções da OEA. A primeira foi a Resolução 2/91 da OEA, que criou a missão interamericana civil conhecida como OEA-DEMOC, a fim de que fosse restabelecida e fortalecida a democracia constitucional no Haiti. Rapidamente a crise política haitiana toma lugar na agenda de discussões da Assembléia Geral das Nações Unidas e no dia 11 de outubro de 1991, foi aprovada a resolução A/RES/46/7, intitulada “A Situação da Democracia e dos Direitos Humanos no Haiti”, que exigia o imediato restabelecimento do governo do presidente Aristide. Em dezembro de 1991, com a intensificação do problema da migração de refugiados haitianos, a Assembléia Geral da ONU aprovou a segunda resolução: Direitos Humanos no Haiti (A/RES/46/138).

No dia 3 de junho de 1992, foi enviada ao Secretário-Geral das Nações Unidas uma proposta formal em prol do envolvimento da Organização, pelo próprio Jean-Bertrand Aristide. Além de solicitar que a ONU assegurasse o cumprimento das medidas adotadas pelo foro interamericano da OEA, Aristide propôs que as duas organizações (OEA e ONU) trabalhassem em conjunto, em um esforço de enviar ao Haiti uma missão “multinacional” (ou “multidimensional”). Essa missão deveria promover o apaziguamento interno e o respeito aos direitos humanos, e posteriormente contribuir para a abertura de um diálogo político entre autoridades haitianas, com vistas ao estabelecimento de um “Governo de Reconciliação Nacional”. A resposta das Nações Unidas à crise da perda de mandato de Aristide foi a aprovação da Missão Civil Internacional – MICIVIH. Em um primeiro momento, as organizações definiram que a missão civil, iniciada em 1993, seria composta por dois grupos com número igual de observadores de cada organização. Uma outra missão foi estabelecida no Haiti no ano de 1993: a Missão das Nações Unidas para o Haiti (UNMIH) que chegou em setembro daquele ano e permaneceu até junho de 1996. Esta Missão foi aprovada pela

Resolução 867, do Conselho de Segurança, de 23 de setembro de 1993. Estes esforços da comunidade internacional (em especial dos Estados Unidos fizeram com que Aristide voltasse ao país em 1994, em um forte esforço diplomático dos EUA. Na sua volta, Aristide dissolve as Forças Armadas e os Golpistas não foram punidos. Como a tese do “mandato Perdido” não foi aceita pelo parlamento haitiano, Aristide se retira compulsoriamente em 1996 e dá lugar a seu forte aliado, René Préval. Em seu mandato, também foi aprovada uma outra Missão de Paz da ONU intitulada “Missão de Suporte das Nações Unidas para o Haiti (UNSMIH)”, aprovada pela Resolução 1063 do Conselho de Segurança e entrou em ação em julho de 1996.

Esta Missão foi seguida de outra, a Missão de Transição das Nações Unidas para o Haiti (UNTMIH). A operação, criada a partir da resolução 1123 (1997), duraria apenas quatro meses (até novembro de 1997) e tinha como principal função, assim como os últimos dois esforços, dar suporte às autoridades haitianas na continuidade da profissionalização da Polícia Nacional Haitiana.

A missão seguinte, MIPONUH – Missão de Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti –, permaneceu na região por mais tempo, entre dezembro de 1997 e março de 2000, para auxiliar o governo haitiano na profissionalização da Polícia Nacional Haitiana.

Em 2000, as eleições presidenciais foram marcadas por fraude e muita violência política. Aristide se auto-elege, com menos de 15 % dos votos. Estas eleições não foram reconhecidas pela OEA, mas mesmo assim Aristide instaura um mandato presidencial baseado na política do terror e da perseguição aos inimigos políticos. “Institucionaliza” os *chiméres*⁴, uma espécie de milícia ramada que servia aos interesses do presidente, formada majoritariamente por jovens rapazes haitianos, provocando o desaparecimento de pessoas que se opunham ao governo. Neste momento, Aristide conta com uma forte oposição política, dentre as quais se destacam a presença de dois ex-militares: Guy Philippe e Metayer, responsáveis pela tentativa de golpe de Estado do Aristide em 2001 e posteriormente em 2004, quando obtêm êxito na atitude de derrubada do presidente. Além disso, o segundo governo de Aristide conta com o embargo do Collin Powell, então Secretário de Estado dos Estados Unidos e um rápido deterioro das relações políticas haitianas. O Partido Lavalas, que até então lhe dera suporte, se fragmenta.

⁴ Polícia política de Aristide formada majoritariamente por jovens partidários do Lavalas.

Aristide funda outro partido intitulado Fanmi Lavalas, mas enfrenta forte oposição dos partidos OPL⁵, RDNP⁶, Lavalas⁷, FUSION⁸, etc.

A crise política e eleitoral nascida das eleições contestadas do ano de 2000, de certa forma, foi o motivo evocado para uma intervenção da ONU na crise política haitiana que culminou com a saída de Aristide do poder em 29 de fevereiro de 2004, momento que forças militares multinacionais chegaram ao país e continuam até hoje. A trajetória histórica, os momentos fortes das lutas sociais e políticas surgiram antes de 1804 e da proclamação da liberdade geral dos escravos na liderança de Toussaint L'Ouverture e a independência por Dessalines indo até aos obstáculos internos à construção de um Estado-nação no período pós-colonial.

A fraude eleitoral de 2000 seguida de um governo autoritário e politicamente enfraquecido de Aristide criaram um conjunto de eventos de natureza política manifestado por meio de reivindicações sociais, denúncias de atos de desrespeito aos direitos das humanos, obrigando o então presidente a renunciar seu mandato a partir por imposição da MIF (Força Multinacional Interina) formada por Estados Unidos, Canadá, França e Chile. Pela Resolução 1542 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, baseada no Capítulo VII da Carta, foi autorizada a mais duradoura intervenção militar armada sobre o solo haitiano.

A MINUSTAH, por meio de sua Resolução (1542) tinha como missão restaurar a paz, fortalecer a polícia nacional, auxiliar na consolidação das instituições republicanas, criar um clima de confiança, que pudesse facilitar a realização de eleições verossímeis e democráticas. Assim, seu objetivo era

⁵ *Organisation Du peuple en lutte*. Este partido foi fundado por Gerard Pierre-Charles e apoiou Aristide em sua primeira campanha eleitoral. Em um momento posterior, quando da volta de Aristide ao país, em 1994, fez oposição ao governo, que culminou com a demissão de Rosny Smarth, na época Primeiro Ministro do Haiti, que representava a sigla OPL.

⁶ *Rassemblement des Democratres Nationaux Progressistes d'Haiti*. Trata-se de um partido político de corrente democrata – cristão. A família Manigat tem a liderança política do partido até hoje. Leslie Manigat foi presidente do Haiti durante seis meses, em eleições contestadas pela oposição no ano 1988. Sua esposa, Mirlande Manigat, foi eleita senadora do Departamento de Leste nas mesmas eleições e candidata à presidência em 2010. O RDNP não participou da principal coalizão de oposição contra Aristide em 2004, por meio da Convergência Democrática pelo Centro. Leslie Manigat conseguiu de chegar em segundo lugar nas eleições em que René Preval saiu vencedor em 2006.

⁷ Partido *Fanmi Lavalas*, fundado pelo Jean Bertand Aristide na cidade de Jacmel, no Haiti.

⁸ Este partido político é um conjunto de representações de partidos de tendência esquerda ou socialista e inclui os Partido OPL, CONACOM (Congres Nationale des Mouvement Democratiques), o PANPRA (Partido Nationaliste Progressite Revolutinnaire Haitien) e o KID (Convention Inite Democratique) de Evans Paul.

“ to assist with the restoration and maintenance of the law, public safety to the Haitian national police and the coast guard, as well as with their institutional strengthening, including the re-establishment of the corrections system,

to assist the transitional government in its efforts to organize monitor ,and carry out free and fair municipal,parliamentaryand presidential elections at the earliest possible date,in particular through the provision of technical,logistical,and administrative assistance and continued security,with appropriate support to an electoral process with voter participation that is representative of the national demographics including women,

to assist the transitional government in monitoring,restriuring and reforming the Haitian national police consistent with democratic policing standards including through the vetting and certification ofits personnel,advising on its reoganization and training,including gender training,as well as monitoring/monitoring members of the Haitian national police⁹. »

Depois de quase nove anos de presença sobre solo haitiano, esta dissertação pretende questionar como os haitianos, por meio dos olhares dos educadores e dos camponeses projetam o comportamento dessas tropas. Ademais, trata de identificar e compreender a percepção dos haitianos em relação à performance dos soldados estrangeiros, quase todos latino-americanos¹⁰ e o ato de intervenção em si mesmo. Esta projeção de imagens será baseada na interpretação do comportamento dos soldados da MINUSTAH, a partir das perguntas a eles formuladas para esta pesquisa.

Caber-nos-á a tarefa de salientar a distorção operada na interpretação da carta da ONU, em virtude das regras convencionalmente estabelecidas pelo direito internacional, para dar cobertura legal à força de intervenção. Essa distorção ocorre em função de uma interpretação do mandato da MINUSTAH, o qual a princípio não prevê a aplicação do Artigo 42, que autoriza o envio de forças militares, mas mesmo assim envia número significativo de soldados sob o comando militar brasileiro, o que contradiz o próprio enunciado da Constituição Brasileira de 1988 quando prevê, em seu Art. 4º. Que a República Federativa do Brasil irá reger suas relações internacionais pelos seguintes princípios:

I - independência nacional;

⁹ Fonte: <http://www.un.org/en/sc/documents/resolutions/index.shtml>. RES/1542,30 de Abril 2004. Acesso em outubro de 2012.

¹⁰ O componente latino americano apresentou 48% das tropas e os países da Ásia 42%. Ver SEINTEFUS, Ricardo. *O Brasil e as Nações Unidas*. Brasília: FUNAG, 2007.

- II - prevalência dos direitos humanos;
- III - autodeterminação dos povos;
- IV - não-intervenção;**
- V - igualdade entre os Estados;
- VI - defesa da paz;
- VII - solução pacífica dos conflitos;
- VIII - repúdio ao terrorismo e ao racismo;
- IX - cooperação entre os povos para o progresso da humanidade;
- X - concessão de asilo político.

À luz do panorama da amostra de um grupo de camponeses haitianos de Les Cayes e Artibonite e de professores sindicalizados de Port-au-Prince as posturas informadas por eles em relação à MINUSTAH não se harmonizam com minha perspectiva teórica, pois em geral, acreditam que a MINSUTAH está exercendo um papel importante no Haiti. Como a trajetória do Haiti foi marcada pelo ciclos de intervenções estrangeiras e de ocupação militar pós colonial, eu imaginava que estes grupos teriam uma percepção mais radical sobre os soldados latino-americanos no Haiti e classificassem a MINUSTAH como inútil como solução para cuidar do problema interno haitiano, mas não é isso que os dados da pesquisa apresentam.

Neste sentido, no caso particular de compreensão dos haitianos sobre a imagem da MINSUTAH, o nacionalismo haitianos aparentemente claro, revelado em discursos, não deve ser compreendido como uma simples manifestação de amor à pátria ou expressão de um sentimento anti-MINUSTAH

Para representar essa situação, nós usamos o método qualitativo ^[11]. Assim, realizamos entrevistas e distribuimos algumas perguntas, sob forma de questionários, a dois grupos da sociedade civil haitiana, que constituem duas categorias sociais distintas

¹¹ Ver CHARLES, Ragin. *La construccion de la investigacion social, introduccion a los metodos y su diversidad*. Local: Bogota, Colombia Ed. Universidade de los Andes, 1994.

da sociedade. Para os educadores ^[12], consideramos uma organização que trabalha na educação básica, o CNEH. Por educadores, consideramos qualquer pessoa dedicada à educação básica e que tenha sido objeto de transformação pelo sistema de educação, que eles agora transmitem às crianças. O outro grupo refere-se aos líderes das comunidades rurais, relacionados com o trabalho agrícola nas regiões Artibonite e Les Cayes, do Haiti. Aqui, não olhamos os camponeses como uma forma de vida social, mas principalmente nos referimos a toda a pessoa que trabalha diretamente no trabalho com a terra, sem que sejam fundamentalmente e exclusivamente trabalhadores agrícolas ¹³. Os camponeses são a maioria da força de trabalho haitiana ativa. Levando em consideração sua situação de fragilidade, este grupo não é um ator importante na área política, mas em seu conjunto apresenta uma fonte maior de poder. Então, na dinâmica político-social haitiana, os camponeses representam uma categoria política sobretudo no que se refere ao peso dos votos na sucessão presidencial.

O trabalho está dividido em duas partes: na primeira, abordaremos as restrições históricas relacionadas com a constituição do Estado nação, marcado por abordagens de autores haitianos em duas visões de projetos de nações de Toussaint e de Dessalines, para nos ajudar a compreender a dimensão social da crise política e institucional haitiana.

Em relação à concepção colonial e às desigualdades sociais entre as elites e os camponeses, nosso foco vai ser tanto na história da educação no Haiti, como na maneira que o Estado haitianos historicamente administra o interior do país. Esta análise vai se fazer tanto na apresentação de dois projetos distintos de nação, como na contradição entre camponeses e educadores na sociedade haitiana. Nesse sentido, as argumentações versarão sobre a interpretação de alguns fatos sociais e dados históricos para chegar a uma compreensão do contexto social e político que pode explicar a imagem dos haitianos sobre a MINSUTAH.

Além disso, pretendemos apresentar as respostas aos questionários do levantamento sobre a percepção e analisar os dados coletados, com o objetivo de poder

¹² Ver LANFONTANT, Joseph Andre. *Le mouvement syndical Haitien: de ses origines aux debut du 21 e siècle*. Local San Jose, costa Rica: editora, O.I.T(Organisação internacional do trabalho)2003.

¹³ Ver SABOURIN, Eric. *Camponeses do Brasil*. Local: Versaille, France editora, Garamond ano?2007 Ver também MORAL, Paul. *Le paysan Haitien*. Local: Paris editora, G.P.Maisonneuve et Larose 1961.

confrontar os fatos empíricos com as considerações teóricas sobre a questão. Nesses questionários, foi investigada a maneira que os haitianos podem identificar os componentes militares de alguns países que compõem a MINUSTAH.

CAPÍTULO I - A República do Haiti, o processo de construção do Estado-nação e o ciclo de intervenção estrangeira pós-colonial.

Nesta primeira parte do trabalho, iremos abordar os fatos que marcaram as várias fases de processo da constituição do Haiti em Estado-nação. Dois métodos e estratégias de construção da nação foram escolhidos para análise: o método de Toussaint L'Ouverture (20 de maio de 1743 a 8 de abril de 1803), que queria libertar-se da escravidão, pela negociação com os colonos franceses e o de Jacques Dessalines (20 de setembro 1758 a 17 de outubro de 1806), que militou em favor de um Estado nação forjado pela exclusão absoluta dos cidadãos brancos¹⁴. Assim, estamos na presença de dois projetos distintos de nação: um de natureza autonomista e outro de fundo soberano baseado na formação de um “Império Negro”¹⁵. Na constituição Imperial de Dessalines, de 1805, esta questão está explicitamente apresentada mediante a fundação de uma nação negra, assentada sobre a questão racial. Nesse sentido, em tese, todo africano poderia ter a nacionalidade haitiana, mas nenhum branco poderia. A marca característica deste projeto estava em construir um império negro projetado contra a escravidão e a racialização das relações de trabalho. No entanto, mesmo com a exclusão formal dos cidadãos brancos no Haiti recém-liberto, o problema da escravidão e o sistema de *plantation* persistiram, trazendo à tona a fragilidade do aprofundamento ideológico das idéias de libertação nacional deste projeto de nação. L'Ouverture, por outro lado, projetava a nação haitiana não como um foco de resistência anti-ocidental do colonialismo, mas via nele mesmo a base de sustentação política do Haiti livre. Ele mesmo tornou-se homem de confiança de Napoleão e exerceu o cargo de governador-geral de *Saint Domingue* de 1795 a 1802¹⁶. Na primeira Constituição Haitiana, de 1801, ainda sob o domínio colonial francês e assinada por L'Ouverture, o colonialismo não é questionado e L'Ouverture assumia explicitamente que o domínio colonial do Império

¹⁴ O Artigo 12 da Constituição de 1805, assinada pelo auto-intitulado Imperador Jacques Dessalines informa explicitamente que: “No whiteman of whatever nation he may be, shall put his foot on this territory with the title of master or proprietor, neither shall he in future acquire any property therein.” Disponível em: <http://www2.webster.edu/~corbetre/haiti/history/earlyhaiti/1805-const.htm>. Acesso em: 05/03/2013. Ver a obra de Louis Joseph Janvier. *Les constitutions Haitienne*. Local: Paris editora Imp Flammarion ano 1886

¹⁵ A expressão é utilizada por Hoetink (1994).

¹⁶ L'Ouverture aprendeu a ler a idade aos 40 anos com seu padrinho Pierre Baptiste. Ver CAUNA, Jacques. *Toussaint Louverture, et l'indépendance D'Haiti, temoignage pour un bicentenaire*. Paris: Karthala, 2004, p.61-67.

francês¹⁷ exercia pleno domínio sobre o território haitiano, sendo ele constitucionalmente designado Comandante em chefe e governador-geral da ilha. Assim, o projeto autonomista de Toussaint queria construir a nação haitiana sem ruptura total com a França, a exemplo do que se observa na trajetória histórica das colônias francesas da América Latina existentes até hoje: Guiana Francesa, Martinica e Guadalupe.

Sem consenso político e com a prisão de L'Ouverture às galés francesas em 1803, Dessalines assume o comando da nação e rapidamente redige nova Carta Magna com as marcas da construção formal de um “Império Negro”. Com o assassinato de Dessalines na Pont – Rouge, em 1806, os séculos XIX e XX no Haiti foram marcados por fases de crises internas e interferências brutais estrangeiras na política haitiana.

¹⁷ Ver Constituição Haitiana de 1801. Disponível em: <http://www.marxists.org/history/haiti/1801/constitution.htm>. Acesso em 05/03/2012.

1.1 - Gênese da crise político-social haitiana

O Haiti conheceu momentos difíceis no curso da sua dinâmica histórica, social e política. O projeto de criação do Estado preparado por Toussaint L'Ouverture sofreu forte resistência política após sua prisão na França¹⁸ e dois projetos completamente distintos disputaram a hegemonia política haitiana. A tensão entre o projeto autonomista de Toussaint e o da construção de um Império Negro de Dessalines chegou a um ponto crítico que dividiu a nação em um Reino e uma Republica: o do norte, liderado por Henry Christophe e a Republica do sul, liderado por Alexandre Peti6n.

Assim, se antes da independ6ncia a situa76o dos escravos era terr6vel, em que os colonos franceses instauraram um sistema de explora76o desumano, com alta volatilidade de recomposi76o de vidas humanas para o trabalho nas lavouras de cana-de-a76ucar, no governo dos libertos, tanto no norte quanto no sul, os ex-escravos al76ados 6 categoria de “camponeses” continuaram na mesma situa76o, j6 que as grandes parcelas de terra foram distribu6das apenas entre as elites. Esta situa76o foi a base do que os historiadores haitianos chamam de: o drama da *Pont Rouge*¹⁹.

1.2- Pont-Rouge: met6fora da haitianidade

A Pont-Rouge 6 um local localizado no norte da capital Port-au-Prince, no qual os processos revolucion6rios haitianos assumiram propor76es dram6ticas e ajudaram a consolidar o mito de origem da na76o haitiana. Neste local, o Imperador Jean Jacques Dessalines foi assassinado em 1806, depois de instituir um modelo de reforma agr6ria

¹⁸ Dessalines teve outro objetivo. Ele se solidarizou com a estrat6gia de Toussaint, lutou para a independ6ncia total e optou pelo massacre dos colonos franceses. Na 1ª. Constitui76o haitiana afirmou que todos Haitianos ser6o reconhecidos como “noire”, quer dizer da ra76a quem vem da 6frica negra.

¹⁹ Morreu, no dia de 17 de outubro de 1806, na Pont Rouge em uma emboscada, Jean Jacques Dessalines. Seu corpo se rompeu na multid6o em partes. De origem africana, Dessalines foi o primeiro escravo em *Saint Domingue* que, depois segundo de Toussaint L'Ouverture, organizou no ano de 1802 a revolta contra o ex6rcito de Napole6o. Em 01 de Janeiro de 1804 proclamou a independ6ncia do Haiti, se auto-proclamou governador geral da ilha e logo depois Imperador Jacques I. Decidiu dividir as terras haitianas em uma reforma agr6ria, para garantir o acesso 6 terra pelos ex-escravos. Por esta revolu76o na estrutura econ6mica do Haiti p6s-colonial, foi assassinado na Pont Rouge, ponte que faz a liga76o de Port-au-Prince com as prov6ncias do interior do Haiti. Seu assassinato nesta Ponte marca, at6 hoje, a divis6o social do Haiti. Para maior aprofundamento sobre o tema. ver tamb6m TROUILLOT, Henock. *Dessalines, ou, Le sang du Pont-Rouge*. Port-au-Prince : Imprimerie des Antilles, 1967, ou do mesmo autor : *Dessalines ou La tragedie post-coloniale*, Port- au-Prince: Edition Panorama,1966.

para os novos libertos. Suas últimas palavras foram: “et les pauvres noirs dont les pères sont en Afrique, ils n’auront donc rien.”²⁰

Dessalines foi uma figura controversa na constituição política haitiana. De ação política radical, orgulhava-se de empinar a cabeça dos colonizadores nas cercas das lavouras de cana-de-açúcar da ilha. Tal atitude lhe rendeu atributos de personalidade atribuídos pelo Ocidente como “ferocidade infra-humana”, “negro ignorante”, alguém que “*conservava toda a ferocidade e barbárie da terra africana em que havia nascido*”, “*ignorância impenetrável*” e *crueldade horripilante*²¹. Seu assassinato na Pont Rouge foi apenas o pontapé inicial das dificuldades de gestão do Estado e controle do poder político que acompanhou toda a trajetória política do Estado-nação haitiano. De acordo com Casimir, “na Pont Rouge, sociedade e Estado dividem caminhos e nasce as “pessoas de fora”, os excluídos” (CASIMIR, 2012, p.8).

Tudo indica que a *Pont Rouge* poderia ter sido o símbolo do lugar a partir do qual as duas frações da elite poderiam ter firmado um pacto de alternância no poder. No entanto, tiveram de desvincular a negociação política da gestão econômica da sociedade, devido ao total rechaço das classes trabalhadoras da fórmula de economia de *plantation* promovida por ambas. Nessas circunstâncias, tornou-se difícil institucionalizar um método de chegada ao poder. A assistência de clientelas reduzidas e inconstantes, por sua própria definição, não se pode regular. Sem passar pela gestão da riqueza material, não poderiam os libertos nobres e os recém-chegados à condição de liberdade encontrar um espaço que pudessem negociar a gestão do poder (CASIMIR, 2012, p. 8, nota 22).

O período de instabilidade política que sucedeu o assassinato de Dessalines deu lugar a uma divisão informal do país: o Reino do Norte, controlado por Henry Christophe e a República do Oeste, controlada por Alexandre Pétion. Em 1822, com a ascensão de Jean-Pierre Boyer ao poder, o país foi reunificado e a República Dominicana foi anexada ao território haitiano. A unificação da ilha constituiu mais uma etapa do processo de materialização do mito de origem do povo negro nas Américas. O Império negro ganhou raízes institucionais e por 22 anos vigorou em Hispaniola, buscando reunir a diáspora negra em solo haitiano. De acordo com Hoetink (1994), em

²⁰ Estas palavras de Dessalines foram colocadas nas obras Haitianas de História. Ver Bellegarde, Dantes. *Dessalines a Parle*. Port-au-Prince: Societe d’édition et librairie, 1948, Laurent, Gerard Mentor. *Six études sur Jean Jacques Dessalines*. Port-au-Prince: Imprimerie les Presse Libres, 1950.

²¹ Ver SUMNER, Welles *La viña de Naboth: La República Dominicana 1844-1924*. Santo Domingo: Editora Taller, 1981

1804, Dessalines já oferecia uma recompensa de cinquenta dólares aos capitães americanos por cada negro haitiano que ele trouxesse dos Estados Unidos²². Em 1821, uma Sociedade Haitiana de Maryland foi formada por negros livres para estimular a emigração ao Haiti²³. Em 1824, Jean Pierre Boyer, além de libertar os escravos instalados na parte dominicana da ilha, também efetuou compras de liberdade de negros escravizados nos Estados Unidos em larga escala:

“Jonathan Granville fue enviado a Nueva York como agente Del gobierno haitiano el cual le entrego cincuenta mil libras de café para sufragar los gastos de la operación. Las condiciones ofrecidas por Boyer eran muy generosas,. Él prometió pagar el pasaje de los inmigrabntes, manteberklos durante cuatro meses, y luiego darles tierra a uma propcción de treinta y seis acres por cada doce trabajadores²⁴,”

O resultado deste projeto de reunir a diáspora negra das Américas em solo haitiano foi, de acordo com Hoetink (1994, p. 29), a soma de 13 mil negros escravizados que usufruíram da oportunidade de se estabelecer em um país livre. O impacto da reunião da diáspora pôde ser sentido nos dois lados da ilha. Particularmente no lado espanhol, a província dominicana de Samaná refletiu este momento. De acordo com o Reverendo James: “Los americanos nuestros de aqui obtuvieron sus tierras Del gobierno de Boyer. El le prometió y le Dio a cada inmigrante cinco “carreaux”, o sea, unos dieciséis acres de tierra, de modo que se convirtieron em propietarios y em ciudadanos inmediatamente.” (HOETINK, 1994, p. 32)

1.3 - O processo de construção do Estado-nação haitiano

Como observa Jean Casimir^[25], o processo de construção do Estado-nação é fruto da luta armada, que se opunha contra as piores condições de trabalho forçado racializado mediante a falência total da colônia, ocasionando os escravos a recorrer a esta forma extrema. A luta pela gestão do poder econômico e político vai se manifestar nas guerras fratricidas que sucederam ao período pós-colonial.

²² Os escravos haitianos foram levados pelos colonos franceses aos Estados Unidos depois a revolução haitiana de 1791. Ver HAMILTON, S.M., *The Writing of James Monbroe*. Nova York 1900, Vol. IV, 186, citado por TREUDLEY, M., *The United States and Santo Domingo*, reimpresso no *Journal of Race Development*, Vo. 7, Nos, 1 e 2, julho e outubro de 1916, p. 223. Apud Harry Hoetink, p. 28

²³ TREUDLEY, M., op. cit.

²⁴ GRANVILLE, *Biografia de Jonathan Granville*. Escrita por su hijo. Paris, 1873, 92.93, citado por Treudley, op. Cit., p. 224, apud Hoetink, p. 29.

²⁵ Casimir, 2009, página 94.

Esta luta pelo poder pode ser interpretada como o fruto da herança escravagista colonial, e irá marcar os dois grandes momentos de rupturas ^[26] sociais: a primeira levou ao assassinato de Dessalines na Pont Rouge, depois de intermináveis conflitos e antagonismos que marcaram a guerra civil provocando uma instabilidade política social crônica. Desde o início da gestão do Estado haitiano as dificuldades na promoção do interesse da coletividade eram notáveis. Assim, o pacto nacional que poderia versar sobre a unidade nacional haitiana, como um projeto dialético de finalização do processo revolucionário anti-colonial e anti-escravista não aconteceu devido ao que Fanon (2005) classifica como “condenação da terra”, no momento em que as elites políticas pós-coloniais herdaram o Estado colonial e pouco fazem para substituí-lo por um modelo mais igualitário de poder e acesso a bens da nação. Fanon também consegue explicar parte da visão de mundo de Dessalines e o fundamento ideológico de seu projeto de nação sem cidadãos brancos. De acordo com o autor, ao referir-se ao mundo colonial:

“Esse mundo compartimentado, esse mundo cortado em dois é habitado por espécies diferentes. A originalidade do contexto colonial é que as realidades econômicas, as desigualdades, a enorme diferença nos modos de vida não conseguem nunca mascarar as realidades humanas. Quando se percebe na sua imediatez o contexto colonial, é patente que aquilo que fragmenta o mundo é primeiro o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias, a infra-estrutura econômica é também uma superestrutura. A causa é consequência: alguém é rico porque é branco, alguém é branco porque é rico” (FANON, 2005, p. 56)

1.4 - As lutas pela gestão do poder político e econômico

A primeira proclamação da liberdade geral dos escravos foi causada por um contexto internacional favorável, e alimentada pelos acontecimentos revolucionários que ocorreram na metrópole francesa ^[27]. Ao nível da colônia, este evento teve o efeito de gatilho, que iria fazer aparecer as contradições sociais incontornáveis no Haiti e que persistiram por todo o período pós-colonial, em especial no que se refere aos “letrados e afrancesados” e os “camponeses iletrados falantes do kreyòl”.

²⁶ HECTOR, Michel. *Reflexion sur les particularites de la Revolution haitienne*. Bulletin special de la Societé d'Histoire de la Guadeloupe et de la Barbade, Mai 2004.

²⁷ Sobre a revolução francesa de 1789, ver BENOIT, Joachim. *Decolonisation ou neocolonialisme? Aspect fondamentaux des relations de la France, avec Haiti du 9^e siecle*. Paris: Hachette, 1969.

O surgimento de Toussaint, neste contexto, marcou a compreensão do contexto de mudança, e de escolha do momento adequado para cortar a ligação com a metrópole, sem se separar completamente. Mas qual seria a sua política a favor das massas de camponeses, com suas expectativas de bem estar e progresso social? Estaria Toussaint preocupado com a situação da massa de escravos que teriam acesso às terras haitianas? A posição vacilante de L'Ouverture, como governador-geral da ilha e compromissado a proteger os bens e interesses dos colonos franceses criou forte ruptura com as massas camponesas. De acordo com Aimé Césaire.

“Saint-Domingue est le premier pays des temps modernes à avoir posé dans la réalité et à avoir proposé à la réflexion des hommes, et cela dans toute sa complexité, sociale, économique, raciale, le grand problème que le XXe siècle s'essoufle à résoudre: le problème colonial. Le premier pays où s'est noué ce problème. Le premier pays où il s'est dénoué. Quand pour la première fois, Toussaint Louverture fit irruption sur la scène historique, bien des mouvements étaient en train : le mouvement blanc pour l'autonomie et la liberté commerciale, le mouvement mulâtre vers l'égalité sociale ; le mouvement nègre vers la liberté.

Le pouvoir bourgeois issu de la Révolution Française éprouva que la liberté est indivisible, que l'on ne pouvait accorder la liberté politique ou économique aux planteurs et maintenir les mulâtres sous la férule ; que l'on ne pouvait reconnaître l'égalité civile aux hommes de couleurs libres et dans le même temps maintenir les nègres dans l'ergastule ; bref que pour libérer une des classes de la société coloniale, il fallait libérer St-Domingue elle - même, remettre en jeu l'existence même de la société coloniale : ce qui parut au pouvoir contraire aux intérêts de la France. Quand Toussaint Louverture vint, ce fut pour prendre à la lettre la déclaration des Droits de l'Homme, ce fut pour montrer qu'il n'y a pas de race paria ; qu'il n'y a pas de pays marginal ; qu'il n'y a pas de peuple d'exception... On lui a légué des bandes. Il en avait fait une révolution ; une population, il en avait fait un peuple. Une colonie, il en avait fait un Etat ; mieux , une Nation. » (CESAIRE, 2004, p. 346)

Esta estratégia de abertura e de seu projeto de construção do Estado nacional, sem ruptura total com a França^[28] parece ter obrigado a Toussaint em manter o sistema

²⁸ Toussaint queria que Haiti fosse como a Martinica de hoje, ou seja, um domínio de potências coloniais como as que possuem a França e Inglaterra nos dias de hoje.

colonial na sua forma em uma perspectiva progressiva de transformação de escravo ao estatuto de cidadão livre²⁹.

1.5- O projeto Louverturiano da libertação dos escravos.

A relação entre Toussaint e Napoleão foi controversa. Em um primeiro momento, L' Ouverture cresce politicamente pela sua fidelidade com o governador da época, Lavaux (15 de setembro de 1793 a 19 de outubro de 1796), quem na guerra contra o General mulato Villatte, rival de Toussaint, comandante da região do sul, venceu e conseguiu chegar ao cargo de governador. Alguns autores como Aimé Césaire lhe consideraram como um Napoleão negro, pela sua inteligência militar, e também como o “primeiro dos Negros”³⁰, nomenclatura que costumava usar nas cartas que escrevia a Napoleão: “o primeiro dos negros ao primeiro dos brancos” falando do cônsul Bonaparte³¹. Mas as relações não eram como a de dois amigos. O historiador contemporâneo haitiano Pierre Buteau³² informa que essa relação foi o início de uma relação norte *versus* sul. Nesse sentido, na carta que o cônsul enviou pelo Governador Geral, é possível perceber esta tensão:

« *Nous avons conçu pour vous de l'estime, et nous nous plaignons à reconnaître et à proclamer les grands services que vous avez rendu au peuple français. Si son pavillon flotte sur Saint-Domingue, c'est à vous et aux braves noirs qu'il le doit. ...Que pourriez-vous désirer? La liberté des noirs? Vous savez que dans tous les pays où nous avons été, nous l'avons donnée aux peuples qui ne l'avaient pas.* »(SCHOELCHER,1882 : 316)

A pretensão do novo governador geral de *Saint Domingue* certamente previa a libertação dos escravos. Entre os diferentes movimentos e contestações que se preparavam na ilha, o planejamento de uma grande sublevação iria inevitavelmente ocorrer, dado o processo de amadurecimento da revolução independentista na ilha.

²⁹ Ver *Toussaint Louverture et l'indépendance d'Haiti, témoignage pour un bicentenaire*. Karthala, 2004, p. 61.

³⁰ CESAIRE, Aime. *La révolution Française et les Problèmes coloniaux*. Paris: editora Presence Africaine, 1960.

³¹ Ver SCHOELCHER, Victor. *Vie de Toussaint Louverture*. Paris: Karthala, 1982.

³² Educador, foi Ministro da educação nacional do Haiti, Secretário da Associação de História e de Geografia. Ver o blog de Jacques Cauna. Histoire d'Haiti et des Antilles. Disponível em www.jdecauna.over-blog.com.

Césaire (1967) distingue três fases relativas à descolonização haitiana: o primeiro movimento ocorreu exclusivamente entre os colonos franceses que queriam autonomia política da ilha e se instaurar como autoridade máxima. Fracassado este intento, os mulatos ou libertos ocuparam a arena política colonial com o objetivo de reivindicar a participação nas esferas de decisão e poder da colônia. Foram sucedidos pelos escravos que, organizados no norte da ilha, almejavam a independência colonial, o fim da escravidão e a formação de um Império Negro.

A sucessão histórica destes três grupos aponta para a fragmentação da gestão do poder na construção do projeto nacional. Os colonos franceses que tentaram, inicialmente, romper a relação de exploração e alienação política, a qual estavam submetidos pela Coroa Francesa fracassaram em seus intentos, pois os movimentos dos colonos do Norte e do Sul estavam divididos quanto ao tipo de Revolução pretendida. A Revolução que esses colonos lograram fazer no âmbito político, em 1791, possuía apenas validade local e, rapidamente, foi dissolvida pela Constituinte Francesa. De acordo com Césaire,

“Los blancos en Santo Domingo ya no eran clase al ataque, sino clase a la defensiva (...). La iniciativa histórica había pasado a otras manos: las de la clase media de los mulatos. La derrota de los *leopardinos*ⁱ así como la asamblea provincial del Norte, sancionaba un gran hecho: la incapacidad de la aristocracia de los “grandes blancos” a llevar a bien el movimiento anticolonialista (...) los colonos franceses de Santo Domingo sólo lograron esa lastimosa hazaña de lanzar un movimiento revolucionario a contrapelo de la historia.

No es sorprendente que no arrastraran a nadie en su movimiento (...) Nadie podía engañarse en lo sucesivo: la aristocracia de los colonos, por su naturaleza, por sus intereses del momento, no podía hacer otra cosa que buscar la protección del poder colonialista. Ello no significa el fin de la lucha anticolonista. Significa que otra clase debía levantarse y apoderarse de la bandera anticolonialista. Esta clase estaba dispuesta: era la de los mulatos” (1967:102-103).

Em uma segunda fase revolucionária, os mulatos ou libertos entenderam que deveria ser deles a liderança do povo haitiano. Césaire aponta os limites que este grupo apresentou na condução do processo revolucionário, posto que seu objetivo restringia-se à instauração da igualdade política, presente no *Código Negro* de 1685, mas

deliberadamente negligenciada. De sua parte, a monarquia francesa francamente tinha simpatia pelo grupo dos libertos, dentro do qual iria se destacar Toussaint L'Ouverture, tal como indica o conteúdo presente no *Código Negro* e o seguinte discurso de Luís XIV, em favor dos libertos:

“Otorguemos a los libertos, proclamaba el edicto de 1685, los mismos derechos, privilegios e inmunidades de que disfrutaban las personas que han nacido libres. Queremos que merezcan una libertad adquirida y que ésta produzca en ellos, tanto en sus personas como en sus bienes, los mismos efectos que la felicidad y la libertad natural causan en nuestros súbditos” (1967:38).

A vontade de Luís XIV não foi obedecida em *Saint-Domingue* porque no contexto insular, os conflitos e disputas entre colonos e libertos se acirravam, na mesma medida em que, na França, os pilares mais caros da igualdade e da liberdade estavam se sedimentando. Após a Revolução Francesa propalar os *Direitos do Homem*, os libertos entenderam que esta Revolução desencadearia o momento histórico oportuno para denunciarem a alienação de direitos, a qual estavam submetidos em *Saint-Domingue*. Este grupo havia tentado em vão, desde a publicação do *Código Negro*, um diálogo com os legisladores coloniais no sentido de exercerem plenamente seus direitos. Desde a proibição imposta aos libertos, em abril de 1758, os reflexos da intolerância eram evidentes na colônia. Vincent Ogé, personagem retratado por Césaire (1967), era um liberto que retornou da França assim que soube da promulgação do *Código Negro*, com o objetivo de fazer valer seus direitos constitucionais. Tentou inúmeras vezes um diálogo com os legisladores coloniais e acabou degolado e esquartejado em praça pública (Césaire, 1967: 107-115). O grupo dos libertos, do qual Ogé fazia parte e, após sua morte, passou a ser um de seus principais representantes e mártires, apresentou um estilo específico de fazer mudanças na sociedade colonial. Queriam, acima de tudo, reformas que contemplassem seus interesses diretos, enquanto cidadãos libertos, e não propriamente uma revolução. Ao constatarem a impossibilidade de inclusão civil, os libertos começaram a elaborar estratégias de poder que levasse em conta o uso da força. A rebelião de 1791, ocorrida no norte, sob a liderança de Toussaint L'Ouverture, propôs aos legisladores coloniais a promulgação de um tratado de reconhecimento da igualdade

civil e política dos libertos. Caso contrário, este grupo iniciaria, em conjunto com os escravos, uma guerra civil (Césaire,1967:176).

Entretanto, a ameaça de aliança com os escravos tratava apenas de um artifício retórico para pressionar os legisladores coloniais, pois os libertos, liderados por Toussaint, preferiram o caminho da diplomacia para alcançar a igualdade civil. Ao acreditar na possível união entre escravos e libertos e temendo uma possível guerra, a França envia a Port-au-Prince, em abril de 1793, tropas aliadas para assegurar o cumprimento dos direitos civis e políticos dos mulatos. O poder colonial francês acreditava que o reconhecimento desses direitos silenciaria as tensões coloniais e tornaria os libertos aliados no combate à rebelião escrava. Césaire retrata o momento da conquista do direito da igualdade civil e política dos libertos em 1793 da seguinte forma:

“Los grandes blancos habían sido vencidos. Se acercaba una era histórica. Quedaba por saber a favor de quién.

Es un hecho que de una pequeña casta menospreciada, de un grupo social amarrado corto, los hombres de color en poco tiempo – la revolución es locomotora de la historia – habían logrado integrar una clase tal que, prevaleciendo contra toda otra, era imposible en lo adelante gobernar sin ella. Era esa realidad, tal como la había hecho dos años de revolución.

(...)

La constituyente se había agotado en arreglar el problema blanco, cuando ya era el problema mulato lo más importante. La Legislativa creía arreglar el problema de las colonias arreglando la suerte de los mulatos. Al hacerlo no cayó en cuenta que ya el problema mulato sólo era secundario y que lo esencial ahora era lo que ninguna asamblea deliberante, había osado mirar cara a cara hasta ese momento: el aterrador problema negro” (1967:206-207).

O terceiro e último grupo que conduziu o processo revolucionário foi o escravo. Como Césaire indica, ele não tinha nenhum poder na relação colonial, pois era escravo. Percebido como objeto, tanto pelos brancos quanto pelos libertos, ele surpreenderia os dois atores políticos e encerraria o processo revolucionário haitiano, proporcionando uma dupla revolução: a independência colonial e o fim da escravidão.

O elemento que levou a essa tomada de consciência coletiva dos escravos em particular, foi o Congresso de Bois –Caiman³³. Durante este primeiro Congresso de

³³ Trata-se de uma localidade do norte de Haiti, localizada na montanha vermelha, em que foi organizado o primeiro encontro dos escravos quem fugiram das plantações com o objetivo de se revoltar e fazer a rebelião. Esta reunião aconteceu na noite de 29 de Agosto de 1791. Ver Gerard Bathelemy. *L'univers rural Haitien, Le pays en dehors*. Paris: l'Harmattan, 1991.

escravos rebelados³⁴ o grupo dos revoltados se galvanizou pela urgência e necessidade de se libertar da bigorna do sistema escravista. No decorrer desta cerimônia, eles utilizaram os rituais da religião de África. Neste sentido, sacrificou-se um animal, e se convidou o sacerdote Vudu. Foi também Boukman, sacerdote do vudu, que ordenou a cada um dos participantes pintar o corpo com este sangue, e bebê-lo, acompanhado de uma oração de invocação, sob uma chuva torrencial e sons de trovão. Este ato altamente simbólico representou uma virada decisiva, mítica e mística, surpreendente que irá estimular líderes e revoltosos³⁵.

O assalto efêmero de Mackandal^[36] poderia não ter este efeito de resiliência que o furacão Boukman causou na mente dos escravos. Boukman foi perseguido e foi o primeiro liberto que iniciou a prática do envenenamento como método de resistência contra a escravidão. O projeto de libertação de Toussaint foi de longe alimentado pelo forte movimento de resistência coletiva anterior^[37].

Dir-se-á que o contexto internacional de jogos geoestratégicos das guerras na Europa ou a rivalidade franco-inglesa, jogaram a favor do seu posicionamento estratégico e político do Haiti? . O dossiê Toussaint³⁸ foi um caso sem precedentes no movimento anti-escravagista, em termos das condições de emergência e meios utilizados para atingir os seus objetivos.

Toussaint é acima de tudo, um soldado a serviço da França, seus valores eurocêntricos não são insignificantes nas suas escolhas e ações políticas colocadas para a concretização do seu projeto de nação e sua visão de Estado, escravo privilegiado

³⁴ Uma escrava rebelada e um escravo que fugiram da plantação até a montanha, para lutar contra o modo de viver desumanizante na colônia de santo Domingo. Ver DUTERTRE, Jean Baptiste. *Histoire General des Antilles (1667-1674)*. Fort-de-France, Martinica: Edition CEP, 1958, Tome1.

³⁵ Ver MONTEJO, Estaban. *Biografia de un Cimarron*. Havana : editora Wiliam Rowlandson ,1996. Ver também MANIGAT, Leslie Manigat. « The relationship between marronage and slave revolts and revolution in Saint-Domingue-Haiti, comparative perspective on slavery in new World plantation societies ». *Annals of the New York Academy of sciences*,1977, volume 292, p. 420-430.

³⁶ -Ele foi queimado vivo por haver iniciado a revolta marrom em 20 de junho de 1758 no cabo Haitiano. Ver DORSAINVILLE, Jean Claude. *Histoire D'Haiti cours superieur*. Port-au-Prince: H.Deschamps, 1934.

³⁷ Ver a obra de FAUCHARD, Jean. *Regards sur l'Histoire d'Haiti*. Port-au-Price: H. Deschamps,1988.

³⁸ Toussaint aprendeu a ler e escrever com mais de 40 anos com a ajuda de seu padrinho, Pierre Baptista, e de sua segunda mulher Suzanne . Além disso, Toussaint foi um excelente cavaleiro e considerado um gênio no estratégia militar. Ver SCHOELCHER, Victor. *Vie de Toussaint Louverture*. Paris: Karthala, 1982, p.25.

desse fato, apesar de seu senso de história e de amor à raça, não consegue desfazer-se completamente da classe e dos interesses dos colonos franceses.

É necessário a partir daí, perceber o futuro do novo estado e entender o ponto de ruptura entre o sonho Louverturiano e o projeto Dessaliniano de Estado-nação ^[39]. A repressão aos agricultores permaneceu intacta nos dois projetos e a exigência militar de trabalho forçado dos camponeses significa que, em sua abordagem de liberação, o governador-geral resolveu priorizar uma insurreição em ordem, em uma progressiva mudança de perspectiva. A execução do General Moïse ^[40], seu próprio sobrinho, indica, por este gesto, que Toussaint assassinaria qualquer insurgente para garantir que os bens ou as propriedades privadas das grandes plantações de terra fossem invioláveis, seguindo a tradição colonial escravagista. De acordo com Madiou,

“L’article 14 attache le cultivateur à l’habitation pour la continuité des travaux des cultures. L’article 15 crée le système paternaliste; l’habitation est une manufacture où le travailleur n’a que les droits que lui accorde le propriétaire. L’article 16 stipule que le cultivateur ou l’ouvrier est portionnaire dans les revenus; que tout changement de domicile entraîne la ruine des cultures et sera puni selon les règlements de police en vigueur. L’article 17 sur l’introduction des cultivateurs, indispensable au rétablissement et à l’accroissement des cultures, est équivoque et suscite des doutes sur la permanence de la liberté, à l’instigation des ennemis de Toussaint. L’article 73 rétablit les droits de propriété des émigrés français et crée, à leur retour, un conflit entre eux et les indigènes qui ont occupé les habitations durant leur absence. Le cumul et l’application stricte de telles contraintes provoquent une révolte qui, si elle s’étend, risque de saboter la politique agraire du gouverneur-général et même de déstabiliser son gouvernement. Elle est dirigée par son neveu adoptif, le général Moïse.

Moïse commandait le Nord où il était inspecteur général de culture et avait sous ses ordres le Colonel Christophe, commandant du Cap-Haïtien. Moïse refusait d’employer les moyens forts pour assujettir les travailleurs au travail. Il déclarait qu’il n’était pas «le bourreau des siens», que les noirs n’avaient pas conquis leur liberté pour être sous la verge et le bâton des propriétaires blancs. Il demandait à son oncle de vendre les terres de l’État aux officiers, aux soldats et aux cultivateurs, à l’encontre de la politique agraire de Toussaint dont la philosophie de la prospérité, selon Moral (1978:18), se résumait à trois préceptes: la primauté de la culture, la garantie de la liberté par le travail et l’extension de la discipline militaire à la masse des travailleurs.

Une conspiration s’ourdit le 10 octobre 1801 au Cap-François et ne tarda pas à s’étendre dans tout le département. Le massacre de 200 blancs prélude un programme dont l’objectif est le

³⁹ Os dois projetos foram totalmente diferentes. O único ponto comum foi o desejo de libertação geral dos escravos. Ver *Toussaint Louverture, avant 1789, légende et Realite, Conjonction*, No 134, 1998.

⁴⁰ Ver JAMES, C.L.R. *Os Jacôninos Negros*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2001.

massacre de tous les Français. Toussaint, avec l'énergie et la rapidité qui le caractérisaient, adopta des mesures immédiates et impitoyables. Dans la région des Gonaïves il poursuivit sans relâche les rebelles et ordonna à Dessalines d'écraser la révolte. Un grand nombre de cultivateurs furent exécutés à l'arme blanche. Christophe fit de même au Cap. Moïse arrêté est accusé d'être le chef de l'insurrection. Ses partisans sont tués impitoyablement. Cette extermination est appelée «guerre-couteaux», parce que seulement poignards et couteaux avaient été utilisés pour tuer.

Toussaint crut que l'exécution de Moïse, le 29 novembre 1801, lui gagnerait la sympathie du gouvernement français qui lui saurait gré de sauvegarder les privilèges des colons. Il se trompait grandement. Bonaparte envoya une formidable expédition sous le commandement de son beau-frère Leclerc pour le rétablissement de l'esclavage. Toussaint organisa la résistance mais les cultivateurs indigènes ne répondirent pas à son appel. Ils n'oubliaient pas la féroce répression des partisans de Moïse au profit des Français qu'on leur demandait de combattre maintenant. Toussaint, vaincu, tombe dans un piège tendu par le général Brunet, est arrêté le 10 juin 1802 et déporté trois jours après. »(MADIU, 1989, t. 2, p.144)

Como veremos mais à frente, o precursor da independência nacional, ao contrário de seu sucessor, Dessalines, não foi um “marroon da liberdade”⁴¹. Como servidor do Estado francês, não fez mais que conciliar os dois papéis que lhe concederam o seu *status*: defender sua etnia como afro descendente e servir os interesses da França na qualidade de cidadão ^[42]. Quando veio o momento favorável de se separar da metrópole francesa, se afirmou como autoridade, decidindo afrontar os colonos pelas armas, mas seria um pouco tarde demais, porque ele já tinha perdido a confiança da sua base, por ter demasiadamente negligenciado a sustentação política de apoio dos escravos, frente à sua notável dependência da metrópole.

1.6 - As contradições internas antes da guerra da independência nacional

As contradições surgem, de fato, a partir das diferenças de interesse que animaram os diferentes atores que participaram do processo de libertação nacional.

⁴¹ FAUCHARD, Jean. *Les marrons de la liberté*. Port-au-Prince: Ed.Henri Deschamps, 1988.

⁴² Em alguns livros históricos da França, Toussaint foi apresentado como um dos generais franceses.

Rigaud e Petion⁴³ fizeram parte do contingente expedicionário da França que chegou ao Haiti para estabelecer a escravidão no ano 1802. Rigaud foi comandante da região do sul e Petion instituiu no Haiti o sistema republicano, eleito e presidente duas vezes e a última vez com direito de desenhar seu sucessor. O curioso é perceber que dois libertos se encontravam a bordo dos navios expedicionários franceses, dois homens de cor, para restaurar a escravidão dos negros⁴⁴. Eles se juntam ao acampamento dos insurgentes, após serem informados do destino trágico das pessoas de cor da Martinica, conscientes que um destino similar lhes estará também reservado⁴⁵.

A falência constatada de *Saint Domingue*, a desconstrução da sociedade colonial, repousa essencialmente nesta dinâmica de dominação, de luta por mais vantagens e privilégios, na colônia. De acordo com Casimir,

“Em 1804, o Haiti e o Estado colonial prévio são estados bandoleiros, frutos da violência e que se mantém pela força bruta. Suas autoridades políticas são igualmente despóticas. A formação nacional, desde logo, outorga alguns objetivos de gestão do poder opostos ao do grupo colonial do estado metropolitano, mas os mecanismos específicos de gestão e de direção são similares. O autoritarismo do Estado nacional se vislumbra desde os regulamentos de cultivo de Toussaint que o Estado se encarrega de pôr em prática até o final do século XIX, sem modificações substanciais em sua filosofia.” (CASIMIR, 2009:114)

São estes mesmos reflexos antagônicos, que vão cimentando o longo percurso de construção do Estado, com a alternância em nível do poder nacional as elites dos antigos libertos, cujo Toussaint seria o maior líder e o grupo dos recém libertos, liderados por Dessalines, cuja condição de camponês desfavorecido pouco mudou desde a independência até à abolição formal da escravatura⁴⁶.

⁴³ Alexandre Petion foi fundador da República do Haiti. Mulato, foi presidente do país entre 1807 a 1818. O General Andre Rigaud foi comandante do Departamento do sul e preso ao lado de Toussaint, na França. Ver MANIGAT, Leslie. *La Politique Agrário Du Gouvernement de Alexandre Petion (1807-1818)*. Port-au-Prince: Phalange, 1962.

⁴⁴ Ver Manigat, Leslie, op. Cit.

⁴⁵ Ver CASIMIR, Jean. *Haiti et ses élites*, 2009, p. 104.

⁴⁶ Ver BELLEGADE, Dantes. *Histoire Du Peuple Haitien(1492-1952)*. Genebra: Edition Held, 1953.

1.6.1- Nação haitiana e luta de classes, a primeira fase de decadência institucional.

Segundo Jean Casimir⁴⁷, o país conheceu um período de estabilidade de 1874 a 1908, marcado por transições de governos que cumpriram regularmente os mandatos constitucionais de cinco anos⁴⁸. Esta época é considerada pelo autor como o primeiro momento de um consenso social para estabelecer o Estado-nação.

Suite une periode de stabilite politique d'environ trente ans (de 1874 a 1908)avec des gouvernements qui durent en moyenne cinq annees chacun .la rupture originale entre les Affranchis de vielle souche et ceux de la derniere recolte, sans se cicatriser , avance ver un modus vivendi, un Etat-nation original se structure avec ses institutions et les conflits responsables de sa dynamique. » (CASIMIR, 2009 :124)

1.6.1.1 - O drama da ponte vermelha e os confrontos dos interesses de classes.

Depois do assassinato de Dessalines, que ficou frente a um governo que durou apenas dois anos, o Haiti se dividiu informalmente em Reino do Norte e República do Oeste. São duas formações despóticas, apesar de suas características formais diferenciadas. Entretanto, Christophe, no Norte, rejeita inclusive o princípio de uma negociação com a França para o reconhecimento da independência. Dirige um Estado que se quer soberano que não admite nenhuma potência externa suscetível de restringir, limitar ou de autorizar sua autonomia. Ao negar a quem quer que fosse o menor direito sobre o Estado haitiano, Christophe inaugura um conjunto de relações políticas que potencialmente deveriam desembocar em uma aproximação significativa entre o Estado e a sociedade. A rejeição das negociações com a antiga metrópole promete uma dinâmica política em direção ao exercício da soberania nacional, na medida em que se entende por estado soberano aquele em que a autoridade política suprema se submete somente a sua própria lei. Para assegurar o apoio dos sujeitos do reino em um caso de conflito armado, o Estado teria que lhes garantir certos direitos. Por essa via, o Estado

⁴⁷ CASIMIR, Jean, 2009, p.124.

⁴⁸ As leis constitucionais nessa Época, permitiu que o mandato do Presidente seja cinco anos, ver *Les constitutions Haitienne (1801-1885)*, de Louis Joseph Janvier Paris: Imprimerie Flammarion,1886.

do norte construiria sua legítima supremacia. Trata-se potencialmente de um estado de direito que acabaria por transcrever nos textos da lei a satisfação das necessidades da população. Não obstante, a reconstrução da economia de *plantation* patrocinada por Christophe indica que, depois de 20 anos de reinado, não se produz nenhuma aproximação relevante entre Estado e sociedade. A promessa de soberania não frutifica, já que a plantação de gêneros de exportação, com exceção da fórmula proposta por Polverèl supõe a racialização das relações de trabalho, ou seja, a fabricação sistemática da inferioridade do trabalhador agrícola. Nenhuma negociação entre estado e sociedade pode florescer nesse tipo de economia.

“por outro lado, na política de Dessalines, a necessidade de uma melhor distribuição da terra se apresenta como uma exigência normativa ou de direito. A República de Petión distribui parcelas por razões práticas de estabilidade política. Dentro dessa mesma orientação pragmática, o Estado que Petión dirige, e depois dele Boyer, aceita a negociação com a antiga metrópole e solicita inclusive que autorize a sua existência, levantando assim o enorme problema de sua legitimidade como estado nacional. Os “republicanos” do Oeste, ao se sentarem à mesa de negociação com a antiga metrópole e, pior ainda, ao oferecerem pagar uma indenização aos colonizadores por lhes haver empobrecido, fazem retroceder a independência conquistada em 1804. Pela mesma via, referendam seu próprio direito às plantações e aos escravos que trabalhavam nelas antes do corte fatídico. Escolhem o apoio da França para sobreviver e conservar seus privilégios, em vez de apostar, como Christophe, em uma eventual negociação do apoio da população insurgente.” (CASIMIR, 2009, p. 10)

Portanto, os antigos livres se consideraram lesados, pelo decreto de 2 de Janeiro e 24 de julho de 1805⁴⁹, o autoritarismo agrário lembra-os antigos regimes da época colonial e sua solução não agrada a nenhum grupo.

Com a adesão ou a ascensão de Boyer, este foi capaz de realizar a consolidação do território fragmentado pelos grupos rivais em vários sub-estados ^[50], dos quais o mais marcante foi o reino do norte do Rei Henry. Sua segunda conquista foi o processo

⁴⁹ Esse decreto tomou pelo Dessalines anulou todos os atos realizados no período de 1802 a 1803, prejudicou a pretensões dos recém-livres na vontade dele de se asparam das propriedades deixaram vazias pelos colóns, o governo confiscou esse bem ver o texto Pierre Josue Agenor Cadet, Le Prix d'un bicentenaire, Imprimerie La Presse Evangelique, P-au-P, Haiti. 2006.

⁵⁰ Sob o governo de Petión, o país se dividiu entre sua República ao sul e o Reino de Christophe, ao norte. No sul, também surgiu também a rebelião organizada por seu colaborador Rigaud e os *Rigaudianos* queriam construir um território independente no sul.

de ativação do reconhecimento internacional do Haiti, esta abordagem se desenvolveu em duas estratégias diferentes desenvolvidas segundo os interesses de classe, de que a escolha feita por Boyer levou a consequências que fizeram desacelerar os esforços sociais e políticos para o fortalecimento das instituições fundamentais para manter o Estado.

Boyer chegou ao poder para suceder a Petión, como o chefe da guarda do palácio Nacional. Boyer foi adquirindo mais vantagens que todos os possíveis candidatos para ser o novo presidente, e Petión, antes de morrer não teve tempo de desenhar seu sucessor. Diante da confusão que se estabeleceu no Senado Haitiano, Boyer impõe a força ao senado e este lhe escolhe como presidente. A campanha do leste obedece a uma lógica de interesse histórico e estratégico de consolidação de unidade da ilha⁵¹ para fins de defesa contra qualquer invasão francesa⁵²:

“L’interet historique de la presidence de Boyer (1818-1843),c’est d’avoir ete la seule occasion de l’aboutissement d’un long reve anterior a l’indépendance haitienne : l’unité de l’île sous un meme gouvernement,un meme drapeau,avec l’avantage strategique de pouvoir la defendre sur toutes les cotes contre une eventuelle invasion etrangere »(THEODAT, 2003, p. 123)

Boyer tinha interesse na parte ocidental da ilha de fala hispânica. Assim, ocupa Santo Domingo de 1822 a 1844 , causando forte constrangimento nas relações diplomáticas dos dois países:

“ Le 19 Fevrier 1822,entrant a Santo-Domingo par La puerta Del conde,Boyer fut recu par des vivats enthousiastes et une ville en liesse,et lorsque Nunez de coiceres voulut lui remettre les cles de la ville de Santo Domingo,selon la coutume des vaincus, Boyer eut l’elegance de refuser cet honneur et d’ajouter a son hote.

« ce n’est pás la force des armes qui m’a porte ici,mais la volonte des Habitants qui m’ont appele librement pour que je leur garantisse les droits et les avantages dont ils n’ont pu jouir(Price-Mars,J.1953,P.195) » «(Theodat, 2003, p. 127)

⁵¹ As tentativas de ocupação da parte espanhola datam de 1801, mas, foi em 1822, que o governo haitiano consegue ocupar, institucionalmente, o território dominicano. Tal ocupação se estende até 1844 e produzirá mudanças na categorização dos diferentes tipos de negros que habitam o imaginário dominicano. Ver ROSA, Renata de Melo. “A Noblesse Haitiana nos 200 anos de império Negro”. In: CABRERA, Olga; ALMEIDA, Jaime de. Caribe: sintonias e dissonâncias. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

⁵² A preocupação da República do Haiti à época recaía sobre uma eventual invasão da França via território dominicano do século XIX.

1.7 - As consequências do preço do reconhecimento internacional do Estado do Haiti como uma nação soberana.

Uma das consequências da dependência externa do Haiti foi a aceitação do princípio do pagamento de dinheiro por um reconhecimento internacional, por parte do governo de Boyer. Isto indica o estado de inconsistência das elites dirigentes, suas incapacidades para salvaguardar as conquistas históricas, o que fragilizou ainda mais o jovem estado.

O ato foi um choque e tem posto em xeque os avanços já realizados em nossa conquista da liberdade, mas além deste simples fato, nossa preocupação aqui é compreender, as escolhas diferentes feitas pelos dois dirigentes: Christophe com a afirmação radical da não negociação com o poder colonial.

A pedido do emissário francês enviado para negociar a tutela, as circunstâncias permitiram Christophe fuzilar o enviado da França. Seguindo a mesma tradição de Petión, Boyer concordou em retornar à dinâmica da negociação para obter a independência⁵³. Boyer conseguiu reunificar a ilha, inclusive a parte norte do Haiti, onde Christophe se proclamou rei. Seguindo sua ação política, Boyer aceitou realizar o pagamento da dívida para independência, o que foi reconhecido o dia 17 de Abril de 1825, por Charles X da França. O pagamento era tão alto que só finalizou em 1893. Para cumprir os prazos e requisitos impostos pela França, o Estado haitiano teve de recorrer a empréstimos. A gênese desta precipitação do pagamento da dívida continuou a ser a consequência do isolamento da jovem república. Boyer tentou sair do isolamento. As nações amigas, na Conferência a ideia de constitui uma confederação de estado mas cada um guardara sua autonomia decidiram expulsar o Haiti, temendo uma possível disseminação do germe das revoltas de escravos para as outras colônias da

⁵³ Victor Schoelcher, *Vie de Toussaint Louverture*, Ollendorf, 1889, Karthala 1982 p 379; Robert et Marianne Cornevin, *La France et les Français outre-mer*, Tallandier, France, 1990, page 342-345; Robert Cornevin, *Haïti*, Que sais-je n° 1955, PUF, 2e édition, 1993; Rosa Amelia Plumelle-Urbe, *La férocité blanche*, Albin-Michel, 2001; François Blancpain, *Un siècle de relations financières entre Haïti et la France (1825-1922)*, France, L'Harmattan, 2001.

América^[54]. Foi o que justificou a recusa grotesca de ilegalidade do Haiti na conferência do Panamá, sob a instigação de Simon Bolívar^[55].

O projeto de libertar a América Latina liderado por Bolívar obteve apoio financeiro e militar por parte de Petión. Porém, ao contrário do acordo ^[56] concluído com os dirigentes haitianos, Bolívar visou somente a expulsão dos espanhóis de seu território, mas não a abolição do sistema escravagista que ele pretendia fortalecer, substituindo apenas os colonos.

A relação de Simon Bolívar com o Haiti relaciona-se com os projetos de libertação da América Latina. Bolívar realizou vários encontros com políticos Haitianos, os quais apoiaram a idéia libertária das Américas. O presidente Alexandre Petión (1807-1818) deu dinheiro, armas e outras materiais de Guerra à Bolívar com a condição de que este proclamaria a libertação dos escravos em todos os territórios da América Latina. Bolívar não cumpriu esta promessa, esqueceu o Haiti e, sobretudo não convidou o país para a Conferencia do Panamá⁵⁷. O Presidente Petión pediu então a Bolívar que lhe devolvesse o dinheiro e o dinheiro foi devolvido⁵⁸.

« Pas même Simón Bolívar, qui a pourtant su se montrer si vaillant, n'a eu le courage de procéder à la reconnaissance officielle diplomatique du pays noir. Bolívar avait pu reprendre sa lutte pour l'indépendance américaine (indépendance des pays d'Amérique Latine colonisés par l'Espagne, ndt), lorsque l'Espagne l'avait vaincu, grâce au soutien d'Haiti. Le gouvernement haïtien avait mis à sa disposition sept navires ainsi que de nombreuses troupes et armes, avec pour seule condition que Bolívar affranchisse les esclaves, une idée qui n'était pas encore venue au Libérateur. Bolívar a tenu cette promesse, mais après sa victoire, alors qu'il gouvernait déjà la Grande Colombie (à l'époque s'étendant sur les actuels Colombie, Equateur, Panama et

⁵⁴ Ver a obra de GRODIN, Marcelo. Haiti: cultura, poder e desenvolvimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

⁵⁵ Ver POUMAROUX, Lydie ; GETRIN, Christiane. *Bolívar et les Peuples de Nuestra America*, des sans-Culotte noirs au libertador. Centre D'études et de Recherche Caraibeennes (Antilles), Paris : Presse Universitaire de Bordeaux-CERC, 1990.

⁵⁶ Bolívar achou que uma revolta de escravos seria pior que uma invasão espanhola. Ver ANDERSON, Benedict. « Pioneiros crioulos. comunidade imaginada: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo, Lisboa: edições 70, 1991. Ver também, GORENDER, Jacob. "O épico e o trágico na Historia do Haiti". Revista Estudos Avançados, 2004 e GARCIA, Carlos Bosh. "Las ideologias europeísta". In: ZEA, Leopoldo. *América Latina en sus ideas*. Paris: Unesco, 1986.

⁵⁷ Nessa Conferência, Bolívar queria reunir os países ex-colônias da Espanha em uma confederação de Estado, mas sem derrubar ao sua autonomia. Não obteve êxito pelo fato da não participação de vários países., não foi um sucesso pelo Bolívar Du fato que alguns pais não participaram.

⁵⁸ Ver AUBRIN, Charles. *Bolívar et La Revolution Americaine*. France: Bulletin Hispanique, vol. 38, 1936.

Venezuela, ndt), il a tourné le dos au pays qui l'avait sauvé. Et lorsqu'il a convoqué les nations américaines au Congrès de Panamá , il n'a pas convié Haïti mais a par contre invité l'Angleterre.

Os custos econômicos do peso da dívida do Haiti pelo pagamento indenizatório à França em 1825 e os empréstimos autorizados para atender as exigências de atraso, foi um verdadeiro escândalo. Empréstimos feitos para responder ao ultimato, anexado a uma dívida de qualquer modo, estas duas somas cumuladas só empobreceram e degradaram os esforços de construção das instituições de desenvolvimento, como a melhoria dos sistemas de educação ^[59]. Camponeses e trabalhadores agrícolas carregaram majoritariamente o peso desta dívida, por seus pontos de estrangulamento em termos de sobretaxação. Os 25 anos da Presidência de Boyer foram caracterizados pela ausência de instituições de instrução e de formação. Portanto, este espectro sugere o nível de deterioração que o setor rural em particular, conheceu e conhecerá nos anos subsequentes^[60].

Ao longo do século XX, a convivência se manifesta por uma sequência de divisão, entre o centro urbano e o mundo rural haitiano, o homem da cidade e o rural, bem como o outro lado de privilégios do acesso da educação e as massas iletradas e miseráveis que constituem em geral os plantadores de safra.

⁵⁹ RICHARD, J.M. *Sociologie historique du systeme educatif Haitienne*. Ver tambem JANVIER, Louis Joseph. *La caisse populaire et l'école en Haïti*. Port-au-Prince : Imprimerie de l'abeille, 1906.

⁶⁰ MORAL, Paul. *De l'économie Haïtienne*. Port-au-Price: Imp.de l'Etat, 1959.

Capítulo II - O nível de importância do setor educacional e dos camponeses na disputa política dos projetos de construção do Estado-nação haitiano

Este capítulo tem como objetivo identificar dois importantes setores da vida nacional Haitiana: os educadores e os camponeses. Desde o início da história nacional, eles foram parte integrante da dinâmica de construção de nossa ideia de nação, e por isso eles são vitais para a compreensão da presença militar no Haiti a partir da MINUSTAH.

Depois da fundação da nação, a instrução sempre foi um privilégio de elite, e o sistema se modelou a partir do modelo francês e do eurocentrismo histórico que foi uma herança colonial. A educação sempre atuou no Haiti como a grande divisão entre o que os sabem ler e escrever o francês, como marca de distinção e justificação de exclusão dos camponeses. Nesse sentido, os educadores vão projetar uma percepção a partir das elites francófonas, uma elite colonizada que eles perpetuam através da transmissão destes valores às crianças na escola.

Historicamente, o setor da educação do Haiti não tem tido um lugar prioritário nos projetos dos líderes políticos de todas as épocas. Para os mesmos, instrução era algo reservado para as crianças das elites ou descendentes dos militares do exército haitiano⁶¹. Esta priorização deveu-se em grande parte pelo fracionamento das elites haitianas, pela falta de unidade nacional e pela herança irrefletida do regime colonial, cujo modelo econômico baseado na agricultura de *plantation*, na escravidão e no analfabetismo continuou estruturando a relação entre os grupos de poder no Haiti liberto. Se voltarmos à constituição de 1805, assinada por Dessalines, a ênfase no militarismo estrutura a nacionalidade dos homens haitianos e nitidamente inaugura a nova classe de privilegiados. Notem o Inciso 9 do Art 1 da Constituição de 1805: “No person is worth of being a Haitian who is not a good father, good son, a good husband, and especially a good soldier⁶². Assim, ao longo dos séculos que sucederam a independência haitiana, o

⁶¹ Como menciona Casimir, o país foi militarizado e dividido entre dois grupos: os soldados e os trabalhadores. Ver o texto de ARDOUIN, Beaubrun. *Études sur l'Histoire d'Haiti*. Local: Port-Au-Prince editora, Cheraquit 1958 e DANTEs, Bellegardes, op. Cit.p.56

⁶² Ver Constitution of Haiti 1805. Disponível em: www.Haiti-reference.com Acesso em: 11.03.2013

exército se verteu na instituição que sempre acompanhou a transição entre os governos. De acordo com Casimir,

“nous ne pouvions échapper, dans l’organisation de notre gouvernement, a nos origines essentiellement militaire et paysannes. Toutes nos constitutions depuis celle de 1805 jusqu’à celle de 1888 établissaient et confirmaient le système militaire comme le rouage essentiel du gouvernement ». (CASIMIR, 2006 p. 127)

Não é coincidência que o Haiti é o país que acumula um dos maiores índices de analfabetismo do mundo⁶³, presente majoritariamente nas áreas rurais. Quando este sistema de educação foi fixado nacionalmente⁶⁴, em 1843, se instalou sob os moldes de educação eurocêntrica e francófona.

Mesmo com a política de reforma agrária implantada por Dessalines em 1805, em substituição às grandes propriedades, os camponeses não receberam qualquer tipo de ajuda governamental de apoio ao desenvolvimento deste setor depois da independência até a ocupação americana de 1919, já que, neste período, o camponês haitiano nada mais fez do que explorar a terra em benefício de terceiros e nenhum ajuste adequado permitiu-lhes melhorar as suas condições de existência.

Assim, a demarcação entre o centro urbano e as áreas rurais foi o epicentro das desigualdades haitianas, da distância entre os dois modelos de vida que caracterizaram a sociedade haitiana. O mundo rural Haitiano, seus costumes e práticas culturais cotidianas nunca sofreu nenhum alcance do governo central de Port-au-Prince e se opôs historicamente^[65] ao país legal, nos centros urbanos, onde prevalecem as normas e parte da perspectiva ocidental e francófona^[66].

⁶³ Cerca de 50%, de acordo com os dados da UNICEF. Com efeito, com 52,9% de analfabetismo, o Haiti ocupa o número 191 em um ranking de 205 países investigados. Ver www.indexmundi.com. Acesso em 13 de março de 2013.

⁶⁴ O Ministério da Educação do Haiti foi estabelecido no ano 1843. Ver DARTIGUE, Jean-Joseph Maurice. *An economic program for Haiti, a special report*. Washington: Institute of inter-America affairs, Good supply division, 1946.

⁶⁵ Ver DESPEIGNES, Montalvo. *Le droit informel Haitien: approche socio-Ethnographique*. Paris: universitaire de France, 1976.

⁶⁶ BARTHELEMY, Gerard. *L’univers rural Haitien, le pays en dehors*. Port-au-Prince : Henri Deschamps, 1989.

2.1 - Agricultores haitianos: uma classe historicamente escravizada.

O mundo rural, no seu grau de servidão percebido de acordo com a abordagem de G. Barthelemy (1991)^[67], através da oposição entre o escravo liberto e ocidentalizado e um tipo de escravo que acabara de chegar da África pela colônia constitui o modo de funcionamento, auto-regulado posto em prática pelos camponeses, durante a guerra da independência. Na verdade, esta oposição entre os libertos, aqui chamados de *louverturianos*, que mais tarde comporiam as elites afrancesadas do país e exerceriam o controle do país por séculos e os escravos libertos pela Revolução haitiana de 1793, aqui chamados de *dessalinianos*, irão marcar a fragmentação do Estado haitianos resultante dos interesses das elites descendentes dos libertos que viram na Rebelião de 1793 muitas de suas próprias terras serem queimadas em conjunto com as propriedades francesas. A ameaça de Dessalines aos privilégios já adquiridos por este grupo, incluindo o acesso à propriedade e a escravos, deixou este grupo politicamente preocupado em manter intacto o latifúndio colonial, o militarismo agrário, e o trabalho na terra sob os mesmos moldes escravagistas, sob a égide da monocultura voltada para o abastecimento das grandes metrópoles e com a supervisão de grupos armados, com poderes constitucionais de exercer a violência física contra os camponeses. Este foi o marco político sob o qual a dinâmica social e histórica haitiana se defronta sem jamais conseguir superar este confronto dialético que seria vital para o desenvolvimento do país e da unidade nacional. Esta fissura entre os interesses dos libertos e dos trabalhadores recém-libertos demarcará a divisão e a disparidade clara existente entre os dois segmentos deste conjunto. No entanto, para além da sua servidão, sua hostilidade à modernidade ocidental almejada pelas elites de Port-au-Prince constitui o fundo da sua distância com a elite que se manifesta no profundo preconceito contra este grupo, rejeitando suas crenças mais caras, como o kreyòl e o vudu. Para este fim, como arma de resistência, o vudu não constituirá apenas uma identificação coletiva, mas o sistema que vem suportar, alimentar, fortalecer o novo indivíduo que se afirma contra todas as formas de arregimentação escravagista colonial ⁶⁸.

⁶⁷ Idem

⁶⁸ Ver Gerard Barthelemy *Reflexion sur deux memoire inconciables, celle du maitre et celle de l'esclave : le cas d'Haiti*. Cahier d'études africaines (Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales), No 173-1274, 2004.

2.2- Evolução Histórica e social da classe camponeses Haitiana.

Os camponeses sempre fizeram parte do conjunto vital e majoritário da população haitiana. Durante o período de 1915 a 1934, eles representavam em geral perto de 80% a 90% da população total ⁶⁹.

Nesta época, aproximadamente 2% da população total acumulava a riqueza e o controle político do país. Apesar dessas diferenças, um fato inquestionável, é que a classe camponesa foi muito importante para que o Haiti fosse considerado como o país rural por excelência do novo mundo ^[70].

A importância do campesinato na vida nacional não é só certificada pela única estratégia nacional referente à população rural, seu lugar na exploração e no produto interno bruto é igualmente grande, os produtos agrícolas representam a parte principal das exportações haitianas pelo exterior ⁷¹. É necessário acrescentar que a tributação da produção agrícola constitui a parte mais substancial das receitas internas na época. ^[72].

Neste momento chave da ocupação americana, a produção cafeeira, em particular, conheceu um grande sucesso na exportação. Assim, inevitavelmente todos os haitianos foram economicamente dependentes da agricultura e, sobretudo da produção cafeeira ⁷³. A sociedade rural apresenta uma dupla face: de um lado, uma massa de camponeses sem terra, arrendatários do Estado ou meeiros de outros. De outro, os grandes proprietários à cabeça dos quais se encontra o Estado haitiano. Eles praticam principalmente um absentismo muito profundo. Entre estes dois extremos estão alguns proprietários médios, desempenhando o papel de especuladores. Na outra ponta, os

⁶⁹ BELLEGARDE, Dantes. La nation haitienne. Paris :Cheraquint.1938, p.195.

⁷⁰ U. S. Congres Senate, Second Session, Inquiry into occupation and administration of haiti and Dominican Republic, vol 2 (Washinton, Abril de 1922, p.1393).

⁷¹ No ano 1978 os exportação agrícola do Haiti foi de 73% e passa no ano 2009 a 5%,verMinistere de l'Agriculture,des ressources naturelles et Du developpement rural,MARNDR,Mars,2011,politique de developpement agricole,2010 a 2025.port-au-prince,Março,2011.

⁷² MILLET, Kethly,les paysans Haitiens et l'occupation Americaine(1915-1930) Canada,Quebec editora, collectif Parol ano 1978 p. 6.

⁷³ Até o ano 1950, os camponeses viveram dessa produção e o Haiti tinha um lugar interessante no exportação do café na América. No ano 1859, o Haiti ocupou o 4º. lugar dos países que exportavam café.

pequenos agricultores podem se agrupar em três categorias principais, a) aqueles que têm suas terras sob um contrato de arrendamento do Estado, um tipo de contrato que ao longo do tempo o trabalhador pode comprar a parcela de terra, mas nunca terá a propriedade por direito b) aqueles que são meeiros na terra de proprietários médios, c) aqueles que não têm qualquer terreno, mas ocupam ilegalmente terras de áreas públicas ou alugam a sua força de trabalho aos dois grupos anteriores.

O velho reflexo repressivo do tempo da colônia, representado pelo autoritarismo agrário ressurgiu sem problemas. Esta prática foi caracterizada pela concessão do direito para o chefe da localidade de um município que se chama “Chef section” exercer repressão contra a vadiagem, exatamente como na época da escravidão, por medo de os novos livres confundirem liberdade e licença. A liberdade, em geral, no Haiti, foi acompanhada de alguns direitos e deveres. Segundo o Artigo 60⁷⁴ do Código Rural Haitiano de 1864, que define o dia de trabalho, este poderia ser substituído por pagamento em dinheiro de 4 gourdes⁷⁵ mas só os agricultores ricos podem pagar tais desembolsos importantes.

O outro aspecto significativo da existência do camponês permanece no serviço militar obrigatório do exército, que vai da faixa dos 18 aos 50 anos, sem exceções⁷⁶. Trata-se de um exercício de contingência e repressão particular aos camponeses iletrados, já que os moradores citadinos, particularmente os jovens, têm sido capazes de encontrar os meios de escapar às mobilizações. Nas famílias abastadas, as crianças podem obter no berço, por jogo de influências, uma patente de capitão, ou simplesmente, comprar uma patente de coronel da guarda nacional, tendo em vista que o regime militar haitiano não obedece aos princípios de carreira militar ou concurso público.

Foram, então, os camponeses à força de presença militar, a cada revista dominical, do chefe da província que atuava como recrutador do camponês e acabava

⁷⁴ Código rural Haitiano. Gouvernement d’Haiti 27 de outubro 1864. Ver também TROUILLOT, Henock. *Le code rural de Boyer et La paysannerie Haitienne, dans conjonction*, Port-au-Prince : H.Deschamps,1964.

⁷⁵ Equivalente a 80 centavos de dólar americano.

⁷⁶ Este dispositivo tem a ver com as leis constitucionais da época. Levando em consideração que o país se construiu sob uma lógica de guerra e ocupação, era de extrema importância contar com uma mobilização rápida de soldados. No entanto, desde a constituição haitiana de 1987 e com a dissolução do Exército por Aristide em 1994, o serviço militar foi substituído pelo serviço cívico.

por considerar o direito do Estado na ingerência da vida cotidiana e no trabalho dos camponeses dispondo deles a qualquer momento, como um ser poderoso, Deus ou à sua expressão, (o Estado é todo poderoso, um Deus ou, em kreyòl, *Leta se bondie ou bondie se leta*), em uma reprodução intacta da escravidão do regime colonial. A expressão hostil do Estado haitiano contra os camponeses desenvolveu igualmente um “medo do uniforme” e de homens armados, do eco de toque de corneta⁷⁷.

Por este motivo, a maioria dos chefes de Estado no Haiti tinha origem no militarismo até a ocupação americana de 1919, quando ascende ao poder o primeiro presidente civil⁷⁸.

“Chez certains paysans audacieux, l'appât des epaulettes et l'ambition de commander provoquaient quelques fois des actes de bravoure, qui aidaient singulièrement au succès des affaires. On le récompensait en leur decernant des Brevets militaires. On les donait de l'argent... devenaient commandant de communes ,commandant d'arrondissement... ils y imposaient sans merci, pour montrer et faire valoir leur autorité fraîche et joyeuse... »
(CASIMIR, 2006 p.127)

Explorado tanto pelos líderes políticos quanto pelo Estado, o campesinato vê sua miséria se agravar com o fato de que seus métodos de trabalho não acompanharam a tecnologia disponível nas cidades. Um rendimento já insignificante pelo fato de a agricultura não ser mecanizada e a energia animal muitas vezes ser apresentada somente em propriedades médias, tornou o campesinato haitiano extremamente empobrecido e isolado em níveis de confinamento sem paralelo no mundo ocidental, como falta de acesso à energia, água e a outros serviços elementares. O destino do campesinato pode se resumir nestas palavras: desempenho limitado, acumulação de capital inexistente e, portanto, nenhuma segurança face ao futuro.

⁷⁷ Ver PROSPER, Avril. *L'Armée d'Haiti, Bourreau ou Victime ?* Port-au-Prince, Haiti : Imp. Le Natal, 1997, pp. 329-339.

⁷⁸ Michel Oreste foi o primeiro chefe do estado civil Haitiano pós-colonial antes da ocupação Americana. Governou o Haiti de 12 de maio de 1913 a 27 de janeiro de 1914. Ver ROGOZINSKI, Jan. *Brief history of the caribbean*. Nova Iorque: Fact on file, 1999. Ver também ver www.haiti-reference.com. Acesso em fevereiro de 2013

2.3 - Compreendendo as resistências culturais do campesinato em relação à distante modernidade ocidental.

A resistência camponesa pode assumir inúmeras formas individuais, e assumir uma lógica puramente individualista, mas no Haiti, está profundamente inscrita na crença popular e coletiva de uma maneira particularmente forte (SAINSINE,2004: 42)⁷⁹.

Nossa abordagem insiste também nos processos de subjetivação do fenômeno de resistência dos camponeses haitianos. Nesse sentido, ela se atém às muitas lutas realizadas pelos camponeses com o objetivo de resolver seus problemas cotidianos. De acordo com Millet (1989):

«ignorar o elemento de interesse na resistência camponesa, é ignorar o contexto que determina as políticas campesinas, há de fato uma fusão entre os interesses e a resistência, por exemplo, quando um soldado deserta do exército».⁸⁰

Nossa abordagem dita comporta igualmente uma dimensão cultural e religiosa. Neste sentido, incide particularmente sobre as formas religiosas e culturais que podem assumir a resistência camponesa. Basta dizer que as práticas religiosas e culturais em questão estão profundamente enraizadas nas tradições e da comunidade local. A abordagem de Norbert Elias⁸¹ é também importante para explicar a resistência. O autor, com efeito, propõe-se a olhar, de um lado, as relações que se desenvolvem entre os indivíduos, mesmo dentro das entidades e, por outro lado, a relação entre os indivíduos considerando o isolamento e a entidade em questão. Nesse sentido, o indivíduo é visto não como sendo uma única identidade para além da entidade a que pertence, mas sim como sendo extremamente sobreposto, já que as entidades não possuem uma constância própria, sendo sua natureza a mesma do grupo ou da associação a que pertence.

A dimensão histórica desta abordagem revela-se importante e necessária para a compreensão dessa resistência, pois se trata de uma dimensão multidimensional, popular cultural e social e de uma história que tenta ligar o passado ao presente e lê-lo à

⁷⁹ Ver SAINSINE, Yves. *Mondialisation, développement et paysans en Haiti, proposition d'une approche en terme de resistance*. Tese de Doutorado defendida na Université catholique de Louvain, 2007

⁸⁰ Millet, op. Cit., p.27

⁸¹ Ver ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

luz do passado⁸². Em outras palavras, a abordagem visa em primeiro lugar analisar as diversas formas de resistência que o campesinato haitiano conheceu.

O olhar sobre a resistência camponesa haitiana permite-nos compreender a pluralidade de seu alcance e a marca de corte entre alfabetizados/francófonos/cidadãos e analfabetos/falantes do kreyòl/camponeses⁸³. De acordo com Casimir,

“ et c’est justement de cela qu’il s’agit. La coupure lettre-illettre marque le depart entre le moderne et le traditionnel, le prolétaire et le bourgeois, le Vodouiste et le se croit, occidental. j’entends que le probleme de la coincidence de l’instruction et de l’éducation n’a aucune solution a court terme, vu les circonstances historiques de notre formation en tant que nation. Peuple sans ecriture, peuple dont la culture ne contient pas une production elabore de connaissance positives dans un monde gouverne scientifiquement-ce qui n’est pas un gage de succes-nous devons cheminer par des sentiers differents de l’évolution des peuples occidentaux ou occidentalises⁸⁴. »

Para Roger Bastide⁸⁵ (1996), referindo-se a uma conclusão semelhante sobre a ruptura entre moderno e tradicional, expressa que as revoluções organizadas revelam, ao mesmo tempo, um movimento de resistência "cultural", o sinal de protesto negro contra a cristianização forçada, contra a assimilação dos valores e do mundo dos brancos, e a vontade de permanecer Africano⁸⁶.

Essa resistência também pode encontrar sua explicação nas relações entre brancos e escravos durante o período colonial, como também certas práticas de escravidão, de discriminação entre as categorias sociais, tais como os antigos e os recém libertos as quais não tiveram grandes mudanças depois do governo de Toussaint L’Ouverture e mesmo durante a ocupação americana do país em 1915, mais de um século após a independência do país. A massa de camponeses do país sempre foi economicamente subjugada, mas a despeito disso ou justamente por isso apresentou sua resistência cultural, religiosa e política regurgitando às avessas os valores ocidentais de exploração e dominação e opressão cultural.

⁸² Idem, p. 37.

⁸³ Idem

⁸⁴ CASIMIR, op. Cit., 2006, p.13.

⁸⁵ Ver BASTIDE, Roger. *As Américas Negras*. França: Edição L’Harmattan, 1996.

⁸⁶ CASIMIR, op. Cit., 2009, p.82

Assim nos relata Jean Casimir, o testemunho pungente de um governador da Martinica, nestes termos:

“Cheguei às Antilhas com todos os preconceitos da Europa contra os rigores que se tem dos negros... Mas rapidamente, convenci-me de que uma disciplina severa e muito severa é o mal indispensável e necessário... A segurança dos brancos requer que se tenham os negros na mais profunda ignorância. Eu cheguei a acreditar firmemente que é necessário tratar os negros como se fossem animais...” (citado por J.L.Fanco, 1970, p.162).

2.4 - Um sistema educacional europeizado, voltado para o ocidente.

A visão de mundo das elites haitianas que habitam as cidades, em particular a capital Port-au-Prince, nunca rompeu com a perspectiva *louvreuriana* voltada ao modelo francês em particular. É interessante notar, neste sentido, como os vestígios coloniais permaneceram implantados no universo social das elites haitianas de modo a permitir que a preferência pelo modelo do opressor estivesse em permanente contradição e violência com o universo simbólico dos camponeses. O sistema educacional haitiano deve ser visto, como sendo o produto de uma elite forjada segundo o modelo ocidental, no qual os educadores e instrutores são apenas correntes de transmissão desse conhecimento elaborado e, sobretudo aplicado e reproduzido com o objetivo de distinguir entre membros de uma mesma comunidade. Bourdieu (1989) vê o espaço social como um campo de lutas no qual os atores (indivíduos e grupos) elaboram estratégias que os permitam manter ou melhorar sua posição social. Estas estratégias estão relacionadas com os diferentes tipos de capital. O capital econômico, sob a forma dos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis, a curto e longo prazo. Para esse sociólogo, a educação escolar, uma das formas do capital cultural, é um recurso tão útil como o capital econômico na determinação e reprodução das posições sociais. A distribuição desigual das diferentes formas de capital justifica as diferenças de estratégias adotadas por cada indivíduo, no sentido de explicar como os diferentes agentes apreendem, por exemplo, as situações escolares e se acomodam a

elas, ou como eles são excluídos do sistema educacional. Bourdieu, principalmente nas pesquisas conduzidas em conjunto com Passeron (1964; 1970), desvenda a seleção escolar que elimina e marginaliza os alunos oriundos das classes populares, enquanto privilegia os alunos mais dotados de capital cultural e social, contribuindo assim, para a reprodução, de geração em geração, dos capitais econômicos, culturais e sociais acumulados. Esta teoria contraria o princípio da igualdade presente em diversas Constituições e no direito formal de que existe igualdade de chances no sistema educacional⁸⁷. Bourdieu propõe uma método para entender como as condições sociais determinam o modelo de educação que, no caso do sistema educacional haitiano, como mostrou Fanon (2002) e uma modelo que surgiu de mestre colonizado.⁸⁸

“La décolonisation est la rencontre de deux forces congénitalement antagonistes qui tirent précisément leur originalité de cette sorte de substantification que secrète et qu'alimente la situation coloniale. Leur première confrontation s'est déroulée sous le signe de la violence et leur cohabitation – plus précisément l'exploitation du colonisé par le colon – s'est poursuivie à grand renfort de baïonnettes et de canons. Le colon et le colonisé sont de vieilles connaissances. Et, de fait, le colon a raison quand il dit « les » connaître. C'est le colon qui a fait et qui continue à faire le colonisé. Le colon tire sa vérité, c'est-à-dire se s biens, du système colonial. « (FANON, 2002:45)

No próximo item, apresentaremos os quadros de referência de algumas figuras da classe intelectual haitiana através de suas próprias idéias e diretrizes estabelecidas em suas obras, para poder compreender que pensamento social local emana o modelo de instrução haitiano que gere também a nosso modo de representação social.

2.4.1 - Elites, educação e o universo do sistema educativo haitiano.

A educação no Haiti construiu sua dinâmica de acordo de acordo com as circunstâncias e a situação dos grupos sociais que se sucederam no poder. A educação preencheu funções tão positivas quanto negativas as quais podem ser identificadas em cada contexto histórico. Para o Haiti recém libertado da escravatura, educação era

⁸⁷ Ver BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *La reproduction: elements pour une theorie du systeme d'enseignement*. Paris: Edition de Minuit, 1970.

⁸⁸ Ver FANON, Frantz. *Les damnés de la Terre*, 1961, 2002. France, edition, les classiques des sciences sociales.

principalmente realizada nos sulcos da ideologia judaico-cristã emprestada e copiada da Europa na forma e no conteúdo e constituiu um instrumento privilegiado e eficaz da reconquista: o neo-colonialismo nasceu no mesmo tempo em que o colonialismo sofreu a sua derrota mais retumbante ^[89].

No Haiti, o mundo rural viveu um isolamento quase total e acabou por conquistar, apesar de toda a resistência, sua autonomia. O meio camponês isolado, desintegrado, uniformemente deserdado, deixou de participar na vida política. Esse isolamento rural do Haiti se traduz também na privação intelectual, na extensão do analfabetismo⁹⁰. Descrevendo a situação, o escritor Paul Moral dá uma descrição particular da vida camponesa haitiana:.

Le besoin d'instruction est general dans les campagnes.le parler français y jouit d'un incomparable prestige.le paysan vaguement lettre fait d'emblee partie des notabilites.on se prend alors a regretter amerement que de fumeux debats sur les voies et moyens de la desanalphabetisation,sur les rapports du français et du creol, sur l orthographe de la langue vernaculaire,masquent l urgence qu il ya acree des ecoles et a les entretenir,a lever un peu le voile d ignorance qui recouvre les campagnes depuis longtemps.la responsabilite des elites est si fort lourde. (Moral,1961 :221.)

A educação que se incute aos jovens é uma educação moral e religiosa, nos diz Auguste⁹¹ (Auguste, 1954:124)), o principal sentido do ensino primário haitiano é criar homens de valor, patrióticos e cristãos. Casimir (2009) nos lembra que um dos aspectos do drama nacional haitiano reside ainda e, sobretudo no problema assustador da educação popular que deve, mesmo no rescaldo da grande epopéia de 1803, tornando o objeto fundamental da missão política das elites dirigentes haitianas⁹².

A respeito do tipo educacional haitiana, objeto da imagem da fratura social, Charles Tardieu escreve em sua tese:

Cette education haitienne s'est construit a deux antipode. D'un cote l'éducation coloniale et creol avait pour fonction la socialisation et la qualification de la main-

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Tardieu, Op. Cit., p. 48.

⁹¹ AUGUSTE, Charles A. *Pour une education haitienne*. Port-au-Prince, Haiti: les Presses libres, 1954 .

⁹² Tardieu, Op. Cit., p. 51.

d'oeuvre esclave ou libre.de l'autre, l'éducation,Marron,qui dans la clandestinite la plus complete,s'adresse aux esclaves et aux noirs en general et qui avait une double fonction mystique et politique :...ces deux educations ne sont pas uniquement en contradiction, elles participent d'une lutte feroce et sans merci entre deux ordres sociaux.l'un caracterise par le regime esclavagiste, l'autre par la volonte de liberation des esclaves et des Travailleurs noirs et hommes de couleurs libres et affranchis. (Charles Tardieu, 1990, p.60)

Nas palavras de Appolon ^[93], o confronto entre os projetos *louverturiano* e *dessaliniano* nasce através do vudu, já que a escrita é o instrumento sem o qual o mercantilismo não pode passar a acumulação de Capital, é ao mesmo tempo, instrumento de conquista e enumeração. Por outro lado, o espaço vudu se mede pela linguagem que vem diretamente dos espíritos e dos mistérios que emprestam à ocasião quadros humanos para transmitir-los aos vivos. Segundo Casimir (2009), o vudu é objeto de preconceito das elites haitianas porque a concepção europeia lhe nega o estatuto de religião, tanto como a língua Kreyol⁹⁴

“Le vodou pour lui ne peut etre considere comme une religion et la langue creole demeure « un dialecte ». le creole, le vodou,le plaçage,l'economie de subsistance sont reglementes dans les codes de lois de la Republique dans la mesure ou il s'agit d'etablir des methodes visant a les eliminer.Les porteurs de la culture creole percoivent le pays dans une perspective metropolitaine coloniale. »

“En meme temps un mouvement de resistance « culturelle »,le signe de protestation du noir contre la christianisation forcee,contre l'assimilation aux valeurs et au monde des blancs, c'est la volonte,de demeurer (africain) j'affirme qu'il est impossible d'etudier les societees opprimees sans rechercher la base de cet invariable rejet de la (civilisation).Une etude des societees opprimees ne peut pas s'elaborer a partir de l'opinion que les oppresseurs se font d'eux-memes et des personnes qu'ils reduisent en esclavage. » (CASIMIR, 2009:86)

⁹³-APPOLON,Willy. *Le vaudou, un Espace pour les « Voix »*. Paris: Galilee, 1976.

⁹⁴ CASIMIR, op. Cit., 2006, p. 226

2.4.2 – As Elites e o fundamento do pensamento social haitiano.

A imagem que se destaca do pensamento dos camponeses, construído através do pensamento social pelas elites, e em toda a sua história, informa que a massa rural e analfabeta haitiana se manifesta na antítese desta elite que é frequentemente definida como um modelo de escola do pensamento ocidental ^[95]. É aí que reside o nó político de todo o conflito entre um visão haitiana “de dentro”, com foco na realidade cultural e nacional e entre um modelo educativo importado da colônia francesa.

As duas ordens conheceram um caminho diferente nos seus processos de devir político, altamente influenciadas pelo contexto social que condicionou a permanência do conflito^[96].

O pensamento social haitiano está constantemente confrontado com este duplo movimento reverso, às vezes nem africano nem francês. No entanto, me atrevo a dizer que os intelectuais são mais franceses do que africanos⁹⁷. Os membros da elite haitiana, sobretudo no início do século XIX, se impõem a enorme missão de defender os africanos e a raça negra porque se consideram, de todos os negros, os mais ocidentalizados. Sua reverência à África não diminui o reconhecimento da Europa como fonte de toda cultura e de todo o conhecimento válido. A herança africana que reconhecem guarda um sabor colonial e escravista e o orgulho que provoca esconde o profundo propósito etnocida do Ocidente cristão. Nada do que se elabora a partir dessa herança tem o mínimo prestígio em seus projetos de vida, a não ser que o Ocidente lhe dê o reconhecimento prévio. A África que serve de matéria prima para a cultura nacional é a cara que os dirigentes haitianos tratam de ocultar desde sempre, gastando no processo o melhor dos recursos disponíveis.

“Avec une population terrorisée et totalement isolée, la classe dirigeante recycle et renouvelle les concepts coloniaux pour se tailler un chemin au 20^e siècle. Dans l’après-guerre, la révolution de 1946 ne freine pas le recule de l’Etat national. Les luttes pour le pouvoir tournent autour de la célèbre «question» de couleur, de sorte que la problématique des conflits de «race» s’impose à celle des relations entre les deux cultures en vigueur, relation centrale pour le bon

⁹⁵ SCOTT, Ian-Pierre. *La pensée sociale Haïtienne aux 20^e siècle*. Disponível em : www.ficsum.qc.ca. Acesso em : 13-02-12

⁹⁶ -CASIMIR, op. Cit., 2009, p. 118

⁹⁷ Idem

deroulement et la gestion de la vie quotidienne. De cette manière, la tentative de freiner l'involution mise en branle à partir de l'occupation américaine finit par renforcer l'eurocentrisme des couches dirigeantes. Chaque prétendu groupe « racial » s'exerce à prouver qu'il est plus apte à remplir la mission civilisatrice assumée au nom de l'occident. (Casimir, 2009 : 136)

Tomando como exemplo Louis Joseph Janvier⁹⁸, Antenor Firmin⁹⁹, Jacques Stephene Alexis¹⁰⁰, Jaques Roumain¹⁰¹ ou Jean Price Mars¹⁰² passando por Gerard Pierre Charles¹⁰³, Leslie Manigat¹⁰⁴, apenas para citar os intelectuais haitianos contemporâneos, apenas o tempo diferencia suas visões de mundo, mas no fundo, em termos de associação de classe, as visões pré-construídas de um modelo tipo pró-ocidental marcam as suas obras.

“le modele sociale haitien Dans l'histoire d'Haïti, s'est réalisé pendant la période révolutionnaire, en 1801 ; son expression juridique est la constitution rédigée à l'instigation de Toussaint Louverture. Le modèle qui en est résulté tire ses fondements théorique et idéologique de la pensée des abolitionnistes et des physiocrates. Réaménageant le régime interne de la colonie ainsi que les relations entre celle-ci et la métropole, il est à proprement parler un modèle néo-colonial. Reconduit par les élites après l'indépendance, il a défini le cadre du processus de structuration sociale haïtienne. Il est antérieur à 1804. Il date de 1801, c'est-à-dire de la Constitution de Toussaint Louverture. Il formalise un modèle social à partir duquel s'est structurée la société haïtienne. Ainsi, resurgit la question de la nature de la rupture que constitue l'indépendance. Se pose aussi le problème de la nature du pouvoir louvertureur dont la représentation habituelle ne laisse aucune place à l'idée de négociation. Le modèle social louvertureur, néo-colonial, s'inscrit dans un horizon théorique : la pensée des abolitionnistes et des physiocrates. Maintenu après l'indépendance par les élites haïtiennes, il a installé Haïti dans la dépendance, en générant un Etat autoritaire fondé sur l'exclusion des masses.» (Carlo Avierl Celius, *Le model sociale Haitien*, Martinica: Rev. Pouvoir dans la caraibe, 1997, p.2)

O objetivo de edificar um "pensamento do povo" baseado no "conhecimento" ou "Folclore", para citar a expressão de Jean Price Mars, está claramente definido na

⁹⁸ Les Affaires d'Haïti, Flammarion, de 1886

⁹⁹ De l'inégalité des races Humaines. Paris : l'Harmattan, 2002.

¹⁰⁰ Comperre Generale soleil, Paris : Gallimard, 1955

¹⁰¹ Le Gouverneur de la Rosee, Port-au-Prince. Paris : Imprimerie de l'Etat, 1944

¹⁰² Ver PRICE-Mars, Jean. Ainsi parla l'oncle. Port-au-Prince : Presse nationales 2001

¹⁰³ *La crise Haïtienne contemporaine*. Port-au-Prince Edition collection Chudac, 2009

¹⁰⁴ Ver o texto de Picard Byron, especialista Haitiana das obras de Price Mars, Colloque international, L'Ethnologie et la construction de la nation politique du peuple du citoyen en Haïti, Port-au-Prince, Université d'Etat d'Haïti du 15 au 18 Février 2012.

publicação do programa de revisão de indígenas¹⁰⁵. Para Sylvain (1927), a produção deste conhecimento deve vir tanto dos mitos quanto da poesia, como das manifestações culturais que testemunham a compreensão filosófica do real haitiano. Mas Price-Mars (1929) foi fundamentalmente de inspiração europeia no seu ideal de construção da nação que desejava transpor no Haiti:

A l'encontre de ces idées, nous tenterons de montrer ce qui distingue le discours price-marsien du nationalisme haïtien, particulièrement dans ses expressions marquantes de la période qui se situe au tournant du 19e et du 20e siècle en Haïti. Nous chercherons à établir la spécificité de son idée de construction de la nation qui trouve sa matrice dans le modèle européen (qu'il a voulu transposer en Haïti). Ce n'est que par ce biais qu'on peut saisir les enjeux politiques de sa démarche de reconnaissance de la culture/pensée populaire et de sa volonté de l'« intégrer [...] dans la discipline de l'ethnographie » (Jean Price-Mars, 1928). La France n'est pas seulement le lieu de la rencontre de Price-Mars avec l'ethnologie, mais aussi, celui de l'éveil de sa conscience politique, et, bien plus, celui où il a fait l'expérience d'une rencontre, celle de l'ethnologie et de la politique qui ont formé le cadre du processus européen de « création des identités nationales » (Anne-Marie Thiesse, 1999). (Jhon Picard Byron, Enseignant à l'UEH et membre doctorant du CELAT, Université Laval)

A França não é apenas o lugar do encontro de Price-Mars com a etnologia, mas também o do despertar da consciência política, e muito mais, o local de onde deriva sua experiência de um encontro, o da Etnologia e das políticas que formaram o quadro do processo europeu de criação de identidades nacionais.

O que se pretende dizer de tudo que precede nossa construção social em termos de representação social, indo ao pensamento social, é que este foi edificado por uma elite eurocêntrica. A influência latino-americana nunca foi um fator preponderante no moral haitiano. Neste sentido, nos perguntamos como depois do nascimento da nação, nos relacionamos com o resto do continente. De acordo com Casimir:

“A partir de 1915, l'action politique significative devient de plus en plus opaque aux yeux de La population et La pratique de l'Etat se limite essentiellement aux negociations avec les Etats Unis et Le reste de lacomunauté internationale. Les liens officiels du pays avec l'Amerique latine passent maintenant par l'organisation des Etats Americains ou les demandes de participation au pouvoir(empowerment) desgroupes opprimes n'ont aucune signification.(Casimir,2009 :135)

¹⁰⁵ Sylvain G.Chronique-Programme,Revue Indigene,No9,Juillet 1927.

Assim, durante séculos, o Haiti construiu sua dinâmica política e cultural no isolamento, sem manifestação de interesse profundo para com o povo latino-americano. Por escolha, decidiu este caminho, mas a partir do final do século XX teve de experimentar sucessivas intervenções militares vindas do Ocidente, o que causou um choque político sem precedente e mostrou ao mundo um Haiti incompreensível cuja ação da comunidade internacional pouco ou nada consegue fazer por absoluta falta de compreensão dos modelos cognitivos que orientam o pensamento haitiano das elites e das massas camponesas.

Capítulo 3 – As causas das violações múltiplas à soberania nacional

Este capítulo tem como objetivo discutir o histórico de intervenções estrangeiras no Haiti e suas principais causas. Nossa hipótese é que as elites locais estiveram sempre em defesa de seus interesses e para isso, se aliaram às potências estrangeiras para que pudessem manter seus privilégios de classe.

Em julho de 1915, as tropas norte-americanas ocuparam a República do Haiti. Esta ocupação militar do solo nacional foi certamente o primeiro tipo de ingerência estrangeira, orquestrada de maneira brutal, do gênero neo-colonialista e de um imperialismo muito arrogante¹⁰⁶.

A este nível, as diferentes formas da resistência nacional e aceitação desta ocupação militar norte-americana por meio das elites políticas e econômicas ou dos camponeses constituirão elementos fundamentais que nos permitirão apreciar as percepções correspondentes a cada um neste período determinado, para melhor entender a visão destes mesmos grupos em relação às tropas atuais da MINUSTAH.

3.1 – O primeiro momento da agressão e ocupação estrangeira (1915)

A ocupação americana do Haiti, em 1915, marca um ponto de retorno sobre novas formas traumatizantes da vida dos haitianos que representaram o sistema colonial. Esta fase brutal de direta invasão territorial norte-americana, permitirá mais uma vez considerar a questão que separa as elites das massas camponesas. A resistência camponesa pode ser interpretada como uma forma de percepção e aceitação dos diversos componentes sociais do ato de ocupação. No início do século XX, os interesses estrangeiros no Haiti se tornam um fator importante na vida nacional, a política das grandes potências foi ditada pelos interesses dos seus cidadãos estrangeiros em conjunto com as elites locais. (CASTOR, 1988, p. 24).

¹⁰⁶ Ver Jose Martí. *Nuestra America*. Biblioteca Digital Ciudad Selva. Disponível em: <http://www.ciudadseva.com/textos/otros/nuestra.htm>. Acesso em janeiro de 2013.

3.1.1 – As formas de resistência e de aceitação da ocupação de fato

A base política que servirá de motivação a esta intervenção militar foi o estado catastrófico à época da situação social e política no Haiti, ao ponto de inquietar seriamente alguns líderes ilustres de opinião, como Edmond Paul ou Antenor Firmin¹⁰⁷. Nesse período, a Guerra civil foi intensa¹⁰⁸. No Haiti, em um período de menos dois anos o país conheceu quatro mudanças de Chefes de Estado, derrotados pela guerra civil com grupos rivais pelo conquista do poder¹⁰⁹, o que permitiu a Antenor Firmin e Desmevar Delhorme¹¹⁰ prevenirem essa crise vários anos antes:

Após um século de independência, o Haiti apresentava todas as características de estagnação econômica e de um profundo desequilíbrio social. A produção não aumentava. A massa definhando na maior miséria. A administração pública era caótica. O país não conhecia nem a estabilidade, nem progresso (CASTOR, 1988, p. 15).

A ocupação americana foi realizada sob o comando do Presidente democrata Woodrow Wilson para o restabelecimento da paz. Perseguia, além disso, outras ambições geoestratégicas para os americanos, portanto a situação social das pessoas não iria realmente mudar em termos de mobilidade social ou da redução das desigualdades, já que os camponeses que já sofriam os malefícios de um novo autoritarismo agrário, com a chegada dos americanos esse autoritarismo se manifestou pelo sistema de Corve, que consistiu no fato de os camponeses trabalharem a Terra à força e sem remuneração, ou seja, sob a supervisão de soldados¹¹¹, o que constituiu uma outra forma de

¹⁰⁷ Firmin foi um dos melhor intelectuais haitianos. Foi candidato à presidência do Haiti no ano 1902, mas perdeu as eleições para seu adversário: um general poderoso e analfabeto. Após esta derrota, Firmin se exilou na ilha de Saint-Thomas. Publicou, dentre outras obras, *De l'Égalité des Races Humaines*, em oposição à obra de Gobineau *Essai sur l'inégalité des races humaines*.

¹⁰⁸ *Essa guerra civil que o Firmin se referenciou como uma das fases críticas da história nacional, que constituiu o período de 1890 a 1911. Nesse período, os cinco governos que se sucederam foram obrigados a gerar e consolidar a independência e combater os problemas políticos internas. Ver CHASSANY, Pascal. Une république indépendante en péril? Haïti: 1890-1911. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/471>. Acesso em: 19.03.2013*

¹⁰⁹ Foram eles: Michel Oreste, Oreste Zamor, Davilmar Theodore e Vilbrun Guillaume Sam.

¹¹⁰ Ver DELHOMME, Demesvar. *Les theoriciens aux pouvoirs*. Port-au-Prince: Editora Fardin, 1980. Demesvar Delhomme nasceu no Haiti em 10 fevereiro de 1831 e morreu em Paris, França, em 26 de Dezembro 1901. Foi jornalista, professor, ministro da educação e da justiça, escritor e ideólogo Haitiano.

¹¹¹ Esses soldados não eram necessariamente americanos, mas controlaram por intermediário dos chefes de seção das zonas rurais, que se chamou: "Chouket La roze".

escravidão. No entanto, apesar de tudo isto, as elites continuaram alheias às condições de vida dos camponeses e aspiravam, como de costume, manter seus privilégios históricos mesmo sob intervenção norte-americana na ilha.

3.1.2-A corrupção das elites tradicionais e a insuficiência dos intelectuais

Após a independência, o setor comercial passou às mãos dos haitianos, em particular, dos antigos libertos. Eles mantiveram, de fato, as mesmas facilidades e privilégios do tempo colonial, dando mostras do que constitui a grande maioria dos comerciantes haitianos. Este setor se encontrava em uma situação frágil às vésperas da ocupação.

La bourgeoisie, confronte a la difficile presque insurmontable d'accumulation de capital, mena avec tenacite une inegale, chaque incendie,son capitale diminuait,et devrait tres souvent se retirer definitivement des affaires.Elle voyait ses perspectives de progres bloquees par la satrapie gouvernante.un de ses secteurs n'avances desiraient, non seulement commercer mais aussi investir ses capitaux dans le cadre d'une politique conforme a l'industrialisation du pays.les secteurs dirigeants noirs et mulatre,c'est –a – dire la caste militariste, les grands seigneurs feudaux et la bourgeoisie marchande comptaient a peine quelque 5 mille personne(0,02% de la population totale),malgre les contradictions existant en leur sein, ils formaient une oligarchie homogene face au peuple. Castor. P.27

A ocupação de 1915 realizou funções importantes para as elites haitianas que clamavam pela ordem e paz. As camadas dirigentes imaginavam que os norte-americanos, mesmo subjugando as massas de camponeses miseráveis, os ajudariam a acumular fortunas que pudessem ser estabelecidas em um clima de paz. Mas sua colaboração, longe de ser patriótica, tinha um conteúdo de classe e indicava a forte divisão de classe que orienta a sociedade haitiana (CASTOR, 1988, p. 76).

Os políticos tradicionais haitianos, passando pelos burocratas que esperavam a melhoria das suas condições de carreira e de estabilidade econômica, prejudicados por impostos e pela difícil situação econômica geral, tornaram-se fiéis aliados da ocupação

americana (CASTOR, 1988, p. 78), e mesmo do lado do clero católico, a colaboração foi total. A esse respeito, Monsenhor Kersuzan, um grande amigo dos americanos, disse em 1918 da excelente cooperação entre a igreja e a ocupação.

Após o desembarque, o almirante Carperton certificou-se do apoio das classes dirigentes tradicionais: encontrei-me com os oficiais do último governo escreveu Carperton, em 2 de agosto na Secretaria da Marinha, os senadores e deputados haitianos acreditam que as forças americanas devem permanecer no Haiti e que as conversações entre os dois governos devem começar. A burguesia aprova a ocupação na esperança de uma garantia de paz e de prosperidade. Os políticos previram um fluxo considerável de dinheiro que lhes permitirá enriquecer. O Tratado foi assinado pelas classes dirigentes com menos com menos reticências que os americanos tinham previsto. Eles se apoiaram sobre um sector importante da classe dirigente, que se manteve o seu apoio fiel durante todo o período de ocupação. (Castor, 1987:75)

3.2- O movimento Péralte ou a força do setor rural haitiano

O movimento anti-imperialista ou o movimento nacionalista anti-ocupação norte-americana conheceu duas fases: de um lado, ocorreu o movimento organizado pelas elites em círculos literários de resistência e, do outro lado, a luta armada, organizada sob a forma de guerrilha rural, chefiada por um chefe de nome Charlemagne Péralte¹¹².

Para entender as motivações desta intervenção, é necessário entender as tendências gerais da política externa e continental dos Estados Unidos no início do século. A guerra da secessão que ainda persistia no sul e a acumulação de capital no plano doméstico, fazendo aumentar o comércio foram elementos de projeção de uma expansão norte-americana notável. Após a guerra hispano-americana¹¹³, os Estados Unidos emergiram no cenário mundial como uma potência econômica de primeiro plano, pronta a desafiar as nações da velha Europa, nos seus pressupostos políticos,

¹¹² Ver GAILLARD, Roger. *Les Blancs débarquent 1918-1919, Charlemagne Perralte Le Caco*. Port-Au-Prince, Haiti, Edition Roger Gaillard, 1930. Nasceu no ano 1886, o revolucionário e nacionalista Haitiano, Péralte vem de uma família rica da região do Plateau Central, Hinche e foi executado pelos Americanos na Grand Riviere Du Nord, em 31 de outubro 1919.

¹¹³ Ver Donald H. Dyal; Brian B. Carpenter e Mark A. Thomas, *Historical dictionary of the spanish American War*. Greenwood Press, 1996 e também Frantz Despagne- *Le traite de Paix entre l'Espagne et les Etats unis* Bulletin Hispanique, 1899, vol 1, pp.24.

ideológicos e militares. O Caribe ocupava um lugar de destaque neste jogo geoestratégico:

A América Latina, em particular a zona do Caribe, ocupará um lugar de escolha nesta estratégia de conquista. Com suas terras tropicais, ricas e férteis, sua proximidade geográfica e a sua posição face ao canal do Panamá, o “Mediterrâneo americano” era considerado por muitos homens de Estado do Norte, como uma caça particular guardada. “É inevitável que mais cedo ou mais tarde, os Estados Unidos protegerão e regulamentarão a vida dos republicanos do Caribe - comentou Roosevelt”. A adesão à doutrina Monroe pode forçar os Estados Unidos, mesmo contra a sua vontade, e no caso de má conduta ou fracasso desses Estados a exercer a política de polícia internacional (CASTOR, 1987, p. 36).

Desde 1847, o governo e alguns líderes políticos norte-americanos manifestavam interesse pela posição do Haiti, porque diziam: "a ilha situa-se no oceano, a terra mais próxima do canal do Panamá, na mesma rota que leva ao canal. Também uma motivação ligada à questão econômica fundamental, tinha sido sua base, na verdade, o próprio presidente Wilson declarou que, é seu dever levar assistência legítima para os investidores americanos no Haiti. Mas também temos o dever de proteger o a exploração do Haiti ou injustiças que possam ser impostas por parte de americanos”¹¹⁴.

Para justificar a intervenção, a diplomacia norte-americana conduziu o “Presidente fantoche” da época, Louis Dartiguenave a assinar um Tratado¹¹⁵, tão humilhante que provocou escândalo mesmo no corpo legislativo haitiano. Na primeira parte, os americanos pediram o controle dos portos, depois mais tarde, as reservas de ouro do Banco Central da República^[116].

No que se refere à massa camponesa, nada mudou na sua posição, estima-se uma taxa de analfabetismo de 95% no Haiti, após 15 anos de ocupação, o mesmo estado de miséria anterior. Assim, muitos camponeses se juntaram a Charlemagne Péralte, um

¹¹⁴ Richard A. Haggerty, *Foreign Relations*, 1930, pp 370-371

¹¹⁵ Essa convenção foi realizada dois dias depois do início da ocupação, que constitui a base legal da ocupação, estabelecendo a relação entre os americanos e os governos Haitiano. Nessa convenção, os Americanos pediram o controle dos portos e planejaram a instituição da força armada do Haiti. Ver CASTOR, **L’occupation Americaine d’Haiti**. Haiti : Henri Deschamps, p. 59-60.

¹¹⁶ CASTOR Suzy . **L’occupation Americaine d’Haiti**. Haiti: Henri Deschamps, 1988.

líder Caco¹¹⁷, considerado por tudo as gerações haitianas como o mito da resistência contra a ocupação americana de 1915 em sua iniciativa de guerrilha anti-americana. De acordo com o discurso do Senador haitiano Charles Moravia, em 1919:

Ces frequentes injustice, plus le regime de la corvee,ont eu pour effet de compromettre presque completement la sympathie de la population rurale,sur laquelle les forces d'occupations auraient pu s'appuyer plutot que sur la vigilance de la police¹¹⁸

O objetivo de Charlemagne Peralte foi de caçar os americanos da ilha como tinham feito seus ancestrais contra os franceses, assim o novo comandante assinava suas declarações da seguinte forma: "chefe do exército revolucionário lutando contra os americanos no solo haitiano."¹¹⁹

3.3 - As diferentes formas das agressões estrangeiras

Se em *Saint Domingue*, as rivalidades foram elevadas entre os países da Europa acima de tudo colonizadora e imperialista, atraídos por riquezas e recursos naturais da ilha kiskeyana, no século 20, a questão se apresentava de outra forma. Não existia senão dois tipos de colonização memoráveis: francesa e americana que aconteceram no Haiti no século 18. Também conhecemos outras formas de agressão desses mesmos países, se trata aqui a bem da verdade, de casos severos de atentado à soberania e de ingerência, ou uma manifestação direta do poder militar sobre um estado fraco.

A relação do Haiti com a República Dominicana não foi muito boa ao longo da história dos dois povos que compartilharam a ilha Quesqueya, antiga *Saint-Domingue* no período colonial. Essa relação foi marcada por um século de agressões dos dois lados. Rosa em uma análise recente do período do terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti relatou esse panorama, que pode explicar na algumas maneira as manifestações

¹¹⁷ Os *cacos* foram dos soldados camponeses, manipulados pelos políticos que queriam chegar ao poder, que usaram os cacos como mercenários. A ocupação americana acabou com o movimento caco. Seu último chefe foi Rosalvo Bobo, um político extremista do Cabo Haitiano e Charlemagne Peralte.

¹¹⁸ MORAVIA, Charles. Legations d'Haiti au departement d'Etat, 5 aout 1919.

¹¹⁹ CASTOR, Suzy, 1988, p. 134.

de preconceito racial contra os Haitianos se relaciona com a história passada entre os dois povos:

“ a manifestação racista e xenófoba dos dominicanos contra os haitianos não é nova e nem começa com os aportes massivos de haitianos à vizinha República Dominicana pós-terremoto de 12 de janeiro de 2010. O racismo dominicano contra os haitianos já foi amplamente descrito nas pesquisas de Rubén Silié. Desde o seu surgimento como nação independente, o Haiti tem se mostrado um desafio intelectual para o campo das ciências sociais e, contemporaneamente, para os instrumentos de proteção internacional dos direitos humanos. Facilmente rotulado de Estado falido, a dificuldade cognitiva na elaboração de um pensamento sólido sobre o país reside em um (falso) dilema, a saber: como a famosa “pérola das Antilhas”, berço da rebelião negra de 1793 e espaço da primeira República Negra das Américas, tornou-se o país mais pobre de nosso continente? Antes mesmo do terremoto, o Haiti já se colocava como um problema mais ou menos “sem solução” para as Américas. Após o terremoto, as previsões e os diagnósticos tornaram-se ainda mais desafiadores ...as elites mulatas não se importaram com o fluxo de trabalhadores à República Dominicana, no início da década de 30, cujo resultado primeiro foi o ato de genocídio cometido pelo General Trujillo, em 1937, em Dajabón/RD Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República Dominicana que faz fronteira entre os dois países, que contabilizou mais de 5 mil mortos. ¹²⁰

3.3.1 - Vulnerabilidade do Estado do Haiti frente às intervenções estrangeiras

Casimir (2009) coloca nas suas reflexões as profundas dificuldades da realização de uma mudança política e social e da sobrevivência do Estado Haitiano. O autor criticou outros pensadores haitianos que nunca entenderam a história do Haiti a partir dos projetos políticos dos oprimidos. Para Casimir, existiu uma profunda ruptura entre elite e a massa que resultou na continuidade do Estado colonial e Haiti pós-colonial, resultando no isolamento do Haiti.

¹²⁰ - ROSA, Renata. Subjetividade e subversão do Racismo: Haitianos na República Dominicana. Rev. inter, Mob. Hum, Brasília, Ano 23, No 34. 2010.

“indépendamment des choix individuels, les conflits qui naissent Du choc des forces politiques en présence aux alentours de 1793 exigent pour se resorber un refus des relations sociales racialisées et de leurs corollaires. C’est dans ce terreau que s’enracine en 1804 un des versants de l’Etat en Haïti. La conjonction des forces politiques en présence à Saint-Domingue à la fin du 18^e siècle ne peut trouver un équilibre, même instable, qu’en détruisant le régime colonial, sa forme de gestion de la vie publique et de la vie privée, ainsi que sa conception des composantes d’un système sociopolitique. La révolution haïtienne est porteuse d’un Etat anti-plantationnaire, antiraciste et anticolonial, et l’on peut ajouter qu’il s’agit d’un Etat postcapitaliste. L’analyse politique, limitée aux aspects formels du nouvel Etat et à sa marche vers une organisation politique »républicaine », »impériale », »Royale », »Démocratique » ou »autoritaire », recèle un dangereux piège : celui de passer allègrement outre à la spécificité du lien social en voie de s’institutionnaliser et de lui substituer en contrebande les orientations mises à la mode par les encyclopédistes et autres intellectuels des 18^e et 19^e siècles, élaborées à partir d’une histoire combien différente. » (CASIMIR, 2009 :241)

Nesse sentido, o estado do Haïti, segundo Casimir se define com um “e” minúsculo:

“ces conceptions de l’Etat-avec E majuscule-évoluent à partir de l’idée de base de l’Etat-avec e minuscule- d’une entité administrative. En ce sens, l’expression : l’état d’Haïti se réfère à la situation du pays auquel un arrangement stable des composantes principales attribue une certaine durée. Faire allusion à cet état ou à cette situation n’est pas traiter de l’Etat en Haïti, quoique le dernier sujet ne puisse se discuter sans en appeler au premier. On admettra donc que l’Etat-avec la majuscule-est cet arrangement stable de composantes d’une société, ordinairement une société nationale, qui embrasse ses aspects interdépendants politiques, économiques et socioculturels... gouverner n’est pas simplement un faisceau d’actes administratifs et n’est certainement pas dominer. » (CASIMIR, 2009: 225).

Essa fragilidade do Estado do Haïti deve-se à posição das elites haïtianas que, do mesmo jeito que colaborou com a ocupação de 1915, não conseguiu manifestar nada

mais do que uma resistência moral contra os ocupantes americanos, o que Price-Mars¹²¹ conclui que falta às elites haitianas encontrarem sua vocação de liderança ou sua vocação social.

“(…) Si depuis deux ans l’occupation étrangère est venue trouver l’élite divisée et fragmentée, retournée contre elle-même, au point qu’il est impossible de la déterminer a une action d’ensemble sur le terrain légal, même à une résistance morale contre l’envahisseur, c’est que l’élite a failli a sa vocation de commandement, c’est qu’elle a failli a sa vocation sociale, c’est enfin que, l’élite s’est rendue indigne de sa mission de representation et de leadership. »(PRICE-MARS, 2001: 108)

Com efeito, no final do século XIX, ainda, as rivalidades da política imperialista apareciam em primeiro plano nas relações internacionais, com forte impacto na área do Caribe. A Alemanha, a fim de assegurar as suas zonas de influência, tomou parte abertamente no conflito que se colocava no Haiti, em 1912, entre o velho General do Norte Alexis e o intelectual Anténor Firmin. Deste conflito resultou que os alemães passaram armas e munições aos grupos rivais, e um incidente se produziu no estuário, quando o almirante Killick comandante do navio haitiano, decidiu interceptar e confiscar suas munições ^[122].

O outro aspecto da agressão alemã no Haiti foi o famoso fato, conhecido como o *caso Luders*. Este haitiano alemão foi condenado pela Justiça haitiana de uma infração penal, porém Luders reivindicou a sua nacionalidade alemã e negociou a sua liberação, retornou ao país de seu pai e, dois meses mais tarde, duas fragatas alemãs ancoraram à porta sem a habitual saudação com mandado de segurança para o governo do Haiti, a saudação de vinte tiros de canhão à bandeira alemã, o pagamento de vinte mil dólares em termos de compensação a Luders. Deram um ultimato de 4 horas de tempo às autoridades para decidir, caso contrário a cidade seria bombardeada ^[123].

¹²¹ Ver PRICE-MARS, Jean. *La vocation de l’élite*. Port-au-Prince : Edition des Presses Nationales, 2001.

¹²² Ver The new York Times, September 11, 1902 em uma matéria intitulada « Killick Down with his warship. He fired The Crete-a-pierrot’s after magazine ». Disponível em www.nytimes.com, arquivo: Acesso em :2013.

¹²³ - Emile Lüders, atacou um policia Haitiano, foi preso pela justicia Haitiana a 30 dias ,o Governo Alemanha nao concordou com a decisão haitiana, e pediu a revocação do policia assim que os juízes quem tomaram a decisão, os Estados Unidos da America da melhor apoio com o governo de Alemanha, como o governo Haitiano não obedeceu, o 6 de Dezembro 1897, o Alemanha exigiu o saludo de sua bandeira ,uma carta de desculpe, 20 mil dólares para o luders ,o governo aceitou .

O presidente Tirésias Antoine Simon Sam¹²⁴ cedeu e renunciou o poder dois meses mais tarde, após esta decisão vergonhosa e humilhante. Nestas duas situações, a alma nacional, orgulho das pessoas foi profundamente contaminado e ferido, que vai reforçar ainda mais um sentimento anti-estrangeiro já marcado na primeira constituição de Dessalines e que será posteriormente mantida em vários regimes, inserido em suas leis sobre nacionalidade ^[125]. Talvez este seja um dos motivos do isolamento haitiano, tendo em vista que os estrangeiros tiveram seus direitos negados constitucionalmente durante mais de um século.

O caso Luders indica a manifestação típica de um tipo de agressão, incluindo a participação dos cidadãos estrangeiros, posteriormente manipulados, levando à intervenção direta do governo estrangeiro nos assuntos haitianos. Ao contrário do caso do Presidente Leconte¹²⁶, em que os cidadãos de origem sírio-libanesa foram diretamente e pessoalmente envolvidos no assassinato de um chefe de estado haitiano em função.

No decorrer deste período (21 setembro 1897), o Haiti foi objeto de diferentes formas de agressão incluindo o século XXI, marcado por dominações de ordem econômica e militar. Esses percalços sempre deixaram sequelas de humilhação memorável e forte preconceito racial, como as declarações contidas no discurso do imperador Guillaume sobre os haitianos durante a disputa entre a Alemanha e Haiti:

De tels antécédents ainsi qu'une loyale enquête eussent été de nature à éclairer un esprit impartial, à convaincre un homme de sang-froid — tout autre que le César tudesque dont une incurable infirmité semble avoir fermé l'oreille, surtout à la voix de la justice. Hélas! qui oserait révoquer en doute l'omnipotence du monarque paré de la gloire de son « inoubliable » grand-père? Qui pourrait méconnaître la légitimité de son impérial caprice? C'est dit : le souverain de cinquante-deux millions d'âmes a décidé de faire sentir la force de son bras à un Etat minuscule et désarmé. Cela importe à ses projets maritimes et convient à sa conception personnelle de la grandeur de « l'invincible » Allemagne. Comme la Grèce, il faut traiter Haïti par le canon. Et,

¹²⁴ - 18^o presidente do Haiti. Governou o país de 31 de março 1896 a 12 de maio de 1902.

¹²⁵ - PONGNON, Vogly Nahum. La Nationalité Haitienne d'origine dans les Constitutions Haitienne. Monografia apresentada à Université d'Etat D'Haiti, Faculté de Droit et des Sciences Economique de Port-au-Prince para a obtenção do título de Licencié en Droit, 2010.

¹²⁶ O presidente Leconte, neto de Dessalines, morreu no Palácio Nacional, queimado por uma bomba e o presidente Stenio Vincent (18 de novembro 1930-15 de maio 1941) acusou os Haitianos descendentes dos sírio-libaneses descendente de assassinato. Ver Stenio Vincent. *En Posant les Jalons*. Port-Au-Prince: Imprimerie de l'Etat, 1939.

sans vouloir rien en tendre, buté à l'implacable arrêt qu'a formulé sa morgue féodale, le protecteur et l'ami de celui que M. Glads- tone a appelé l'assassin Abdul-Hamid, n'aura de cesse qu'il n'ait incliné devant sa toute-puissance le petit peuple voué à risololement et à une lutte sans espoir. Ensuite, cette glorieuse besogne accomplie. Sa Majesté, le front ceint des lauriers promis à son frère, s'écriera en parlant des haïtiens : "É um desprezível bando de negros, ligeiramente tintos de civilização francesa. Meus navios-escolas, embora tripulados apenas por moços, lhes ensinarão boas maneiras¹²⁷".

3.3.1 - O Haiti e a agressão das potências estrangeiras

Esta tradição de ingerência no território haitiano pelas potências europeias data desde o período colonial. A ilha kiskeya descoberta no início por um navegador italiano Cristóvão Colombo. Desta porção de terra que a Espanha iniciou a ocupação concedeu a parte oriental aos franceses em razão do Tratado WYswick (1697)¹²⁸. Os espanhóis assinaram o Tratado, permanecem no outro lado da ilha, atual República Dominicana, sem mostrar grande interesse na parte oriental. A exploração da quantidade dos recursos naturais necessários à Europa ocasionou a devastação da colônia. A colônia de *Saint-Domingue* representou um mercado lucro em termos de aprovisionamento. A Inglaterra, e mais tarde, os americanos manifestaram ambições sobre a ilha, como se esta fosse suas possessões pessoais.

L'Angleterre vient compliquer la situation en essayant de s'emparer de Saint-Domingue. Entre 1793 et 1802, la France et le Royaume-Uni sont en guerre. L'Espagne rejoint les ennemis des Français. Pourtant, beaucoup d'esclaves de Saint Domingue, et notamment ceux dirigés par Toussaint Louverture partent grossir le camp des combattants espagnols, ennemis de la France Une expédition anglaise quitte la Jamaïque le 9 septembre 1794 et débarque à Jérémie le 19. Plus de 9 000 hommes la composent. Pour les Anglais, il n'est pas question d'abolir l'esclavage. Le soutien de la part des propriétaires de Saint-Domingue est total. De nombreux Mulâtres de la province occidentale rejoignent le camp anglais, mais pas le général Rigaud, qui tient une bonne partie du Sud. Dans les Antilles, les Anglais remportent plusieurs victoires et,

¹²⁷ Ver Solon, Menos, 1898. Port-au-Price: Editor Imp. de Verrollot. Disponível em : Bibliotheque Nationale de France, Departement philosophie, Histoire, Sciences de L'Homme, 8-Pu-442. Gallica.bnf.fr/Bibliotheque Nationale de France.

¹²⁸ -Nesse acordo a Espanha concedeu a parte ocidental da ilha espanhola à França, que ele já ocupou de fato depois a século 16.

en deux mois, ils s'emparent de la Martinique, de la Guadeloupe et de Sainte-Lucie¹²⁹.

Estas ingerências têm servido de pretexto para incursões inadequadas, como foi o caso da queda do governo de Michel Oreste (maio de 1913 a janeiro de 1914) quando fuzileiros americanos, alemães e franceses desembarcaram em Port au Prince para proteger os seus respectivos cidadãos. Em 26 de maio de 1914, uma canhoneira inglesa veio exigir uma forte indenização do governo haitiano para os irmãos Peters, cidadãos ingleses que alegavam prejuízos sofridos durante as insurreições anteriores^[130].

No decorrer do século XX, também as relações entre o Haiti e seu vizinho dominicano não foram amenas, atos de agressão e conflitos foram divididos entre as duas comunidades vizinhas, culminando em 1934 no famoso massacre dos haitianos na República Dominicana, conhecido com o nome de Massacre haitiano em Dajabón, província dominicana que faz fronteira com o Haiti^[131]. Na ocasião, mais de dezenas de milhares de haitianos foram massacrado pelos soldados dominicanos a mando do General Trujillo. Por outro lado, o governo haitianos do presidente Stenio Vincent não se mostrou determinado a dar uma resposta, o que informa que as elites políticas haitianas nunca estiveram dispostas a proteger os camponeses, maioria absoluta que sofreu com este massacre.

Os desequilíbrios econômicos flagrantes entre República Dominicana e Haiti deram a possibilidade de os dominicanos exercerem certa influência na política haitiana. O controle do mercado de *Braceros*, camponeses haitianos que se deslocaram para a República Dominicana em busca de trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar manifestou-se, sobretudo na terceira década do século XX e hoje a República Dominicana conta com mais de 1 milhão de haitianos em seu território. De acordo com Rubén Silié :

¹²⁹ Ver *Sophie perchellet Haiti: des siecles de colonisation et de domination*. Disponível em : www.cadtm.org. Acesso em : 23 de agosto de 2010.

¹³⁰ Ver Suzie Castor. *L'occupation Americaine d'Haiti*. Port-au-Prince., Henri Deschamps, 1988.

¹³¹ Nouvelle perspective de relation Hatiano-Dominicanaine, vers um changement des mentalités.ver Vogly Pongnon. Le nouvelliste Haiti, Du 14 au Dimanche 23 Septembre 2000, Port-Au-Prince,Haiti.No 37294.

“Históricamente, las relaciones entre Haití y la República Dominicana han estado marcadas por el conflicto y la confrontación, una situación heredada de la dominación colonial, en la que los intereses metropolitanos tuvieron la Isla como escenario. El hecho más importante que ha contribuido a marcar de este modo las relaciones es que los haitianos ocuparon el territorio de la República Dominicana durante veintidós años; por lo que el país del Este no se independizó de una metrópolis europea, sino de Haití. En el siglo veinte, las relaciones domínico-haitianas estuvieron marcadas por confrontaciones y por perturbaciones políticas que distorsionaron los objetivos de paz y amistad entre los dos países vecinos. A diferencia de otros países latinoamericanos, los reclamos de límites fronterizos fueron resueltos desde el siglo diecinueve, con el tratado de 1929. Ello contribuyó a que no se produjeran conflictos armados entre los países. Sin embargo, los gobiernos dictatoriales o autoritarios que hubo en la Isla, se empeñaron en manejar las relaciones, como si ambos países estuviesen a punto de un conflicto. Durante la dictadura de Rafael Trujillo (1930-1961), se construyó en esta parte de la isla una ideología anti-haitiana a la luz de la cual se produjeron muchos estereotipos y prejuicios, acompañados de los supuestos propósitos expansionistas de los haitianos, llegando a distorsionar el hecho de la incipiente inmigración haitiana como una estrategia de re-ocupación del territorio dominicano¹³²”

As dificuldades de harmonização diplomática entre a República Dominicana e o Haiti possuem raízes históricas e data da época em que os dominicanos foram vítimas de ataques repetidos dos haitianos, em 1801, 1803, 1805 e 1822, a mais duradoura. Os Dominicanos foram objeto da mais avançada manifestação do imperialismo haitiano¹³³, sob o regime de Boyer, que organizou uma invasão e manteve suas tropas de ocupação por 23 anos em solo dominicano, de 1822 a 1844. Posteriormente, outras tentativas haitianas de invasão à República Dominicana foram frustradas, como a de Riviere

¹³² SILIÉ, Rubén. “Aspectos y variables de las relaciones entre republica Dominicana y Haiti” In> Revista Futuro, Vol. 3, no.9, 2005. Revista trimestral latinoamericano y caribeño de desarrollo sustentable. Disponível em: www.revistafuturo.com. Acesso em: 13 de Março 2013. Ver também SILIÉ, Rubén. “Poblacion y esclavitud en Santo Domingo en siglo 17. Revista Integración y Ciencia, Santo Domingo, RD : Universidade APEC, Ano1, N1, 1986.

¹³³ As invasões do Haiti à República Dominicana, se realizou na lógica de proteger o país contra uma nova ocupação da França, porque a invasão de 1804 das tropas de Napoleão acontece a partir do Território Dominicana. Ver Jean-Price Mars. *La republique d’Haiti et La republique Dominicaine*. Port-au-Price: Collection Du tricentenaire, 1952.

Herard¹³⁴, em 1844, de Jean-Louis Pierrot¹³⁵ em 1845 e de Soulouque¹³⁶ entre 1849 e 1855.

Na época da ocupação norte-americana de 1915, um ano mais tarde, os norte-americanos ocuparam a ilha toda, o que equivale dizer, durante quase 8 anos o Haiti e República Dominicana conheceram um destino comum, dominação e a desconstrução do Estado nos seus elementos essenciais: a existência de fronteira, soberania nacional, caracterizado por um governo composto de nacionais e sem autonomia em suas tomadas de decisão ^[137]. A desocupação do território dominicano, durou apenas 6 anos e a do Haiti 19 anos completos, o que, à primeira vista, explica o nível de disparidade, mau funcionamento institucional, e a capacidade organizacional dos líderes haitianos a se autogerir no pós-crise. No drama da situação caótica haitiana, os americanos aproveitaram para criar organizações institucionais à sua forma, para forçar os haitianos a viverem juntos¹³⁸. De acordo com Suzy Castor:

“ Cependant à partir de novembre 1914, les Nord-américain avaient décidés d’occuper ,militairement Haiti.ils attendaient seulement le moment opportun,les dernier soubresaut du regime féodal haitien leur fourniront l’occasion de mettre leur plan à execution.Les circonstances qui entourèrent donc le renversement du pouvoir de Guillaume Sam,différent de tous les schemas habituel de chute de gouvernement.En cette occasion,il ne s’agissait pas de la collusion de deux fractions des classes dirigeantes pour renverser un président et l’envoyer en exil,pendant que l’insurrection triomphante couronnait le nouveau maître.Le peuple entrainé dans l’histoire, faisait un règlement de compte et manifestait une certaine conscience de son rôle actif .(Castor,Suzy 88,p.55.)

¹³⁴ Charles Riviere Herard foi Presidente do Haiti entre 30 de Dezembro 1843 a 4 de janeiro de 1844.

¹³⁵ Jean-Louis Pierrot (1761-1857) foi o 7º. presidente do Haiti, de 16 de Abril 1845 a Março de 1846.

¹³⁶ Faustin Soulouque, foi o segundo Imperador do Haiti (15 de Agosto 1849 a 6 de Agosto de 1867), dirigiu o país de 1849 a 1856.

¹³⁷ Ver SAMIR, Cohen. « Les Etats face aux nouveaux acteurs ». In : *Revue Politique internationale*, n°107, printemps 2005.

¹³⁸ Com efeito, essa separação resulta de divisão entre si, na luta de interesse egoísta, e falta de cultura de compromisso, e a capacidade de superar seu grupo para dar prioridade ao interesse comum.

3.4 - ONU e a ocupação militar do solo haitiano

Os soldados missão da paz da ONU, seguindo uma resolução 1542 do Conselho de Segurança intervieram militarmente no Haiti o 30 de Abril 2004. À margem dos argumentos jurídicos legais ou convencionalmente alegados para corroborar a tese de uma missão de paz e estabilidade, convém analisar a oportunidade de tal missão, mesmo sob a natureza do conflito haitiano e não ao afastamento forçado do Presidente Aristide, em 2004¹³⁹. Trata-se de um fato inquestionável que a carta das Nações Unidas autoriza uma intervenção militar em casos específicos¹⁴⁰, mas a crise haitiana não se enquadrava nos pressupostos propostos pelo Cap. VII da Carta da ONU em efeito segundo o Beatrice Pouligny-Morgant¹⁴¹.

Em efeito, ela explicou que os estados unidos usam, esse capitulo para controla dentro do Haiti a vaga de imigração do povo quem fugir a misera e se risca no mar para florida, então esse meança ao paz foi interpreta no sentido de proteção de sua interesse de proteger sua território de imigrante haitiano,também explico que a onu contrariamente a pratica usa esse capitulo para resolver um problema social e política,esse decisão não resultou de um acordo de paz entre os atores

“ cette décision ne suit pas la signature d’un accord de paix entre des acteurs politiques locaux mais correspond à une décision du Conseil de Sécurité adoptée dans le cadre du Chapitre VII de la Charte des Nations Unies (recours à la force) .. (Poligny 1998 :17)

Secunda ela também as objetivas da missão não se harmoniza como esse capitula e de tudo maneira tomar conta de ser vazio e não bem definido não pode dar resultado.

« Le premier d’entre eux concerne l’appréciation, au départ, que les acteurs avaient des objectifs de l’intervention onusienne. Les difficultés liées au fait que l’action onusienne se soit exercée souvent dans un cadre inédit, avec des objectifs variant beaucoup entre l’explicite et l’implicite, ont joué ici un rôle majeur. Avec la force multinationale (suivie de la MINUHA), ces

¹³⁹ Ver a Carta das Nações Unidas. Disponível em www.un.org.

¹⁴⁰ São eles: ver Cap. VII da carta

¹⁴¹ -Beatrice Pouligny-Morgant.Pouvoirs dans La caraibe,10/1998:Haiti,l’oraison democratique,politique recente d’Haiti,les effets paradoxaux d’une intervention,www.revues.org.disponivel,o 09 março 2011.

ambiguïtés étaient aggravées par le fait que le mandat de la mission n'était pas calqué sur des accords de paix, contrairement aux scénarios habituels de l'ONU (ce qui n'empêche du reste pas que les lectures des dispositions de ces accords soient très variables). A cela il faut ajouter le télescopage permanent entre : les ambitions aussi vagues que démesurées affichées par les intervenants ("restaurer la démocratie"), le flou de l'objectif central qui leur était fixé (l'instauration puis le maintien d'un "environnement sûr et stable", formule sur le contenu de laquelle il ne pourra jamais y avoir de consensus, y compris chez les intervenants eux-mêmes... »(Pouligny-Morgant.1998 :34)

Por duas vezes em uma década, tropas da ONU intervieram militarmente no Haiti para restaurar a paz, em que, em todos os momentos o regime Lavalas foi o protagonista principal¹⁴². Durante a primeira intervenção,o 15 de março 1995 sobre esse vez o nome da MINUHA, a percepção que ficou na opinião pública haitiana e estrangeira dos países que se chamaram amigos do Haiti,França,estados unidos,Canadá ,Venezuela,ou Brasil via o regime Lavalas do Presidente Aristide como uma vítima da agressão dos militares e da oposição políticas e na segunda intervenção no 2004 da Onu com a MINUSTAH O regime lavalas será considerado como agressor e não como vítima de repressão da oposição político mudança de função e do ator, por isso nos perguntamos quais são os elos de continuidade e descontinuidade entre os diferentes objetivos de cada uma das suas intervenções quer dizer Águila que acontece o 15 março de 1995 minuah e do 30de Abril 2004 da minustha em termos de contexto político social haitiano, determinado no tempo. É preciso analisar caso a caso, mas em todos, a ONU interveio a pedido do governo haitiano.

¹⁴² Lavalas e o nome do partido político que o Presidente Aristide criou,ele e uma conjunto de partido político que tem ligação com ele participou no eleição de 1996 sobre o nome bo tab La ,acerca da mesa,hoje ele se chama partido fanmi lavalas ,uma combinação de um expressão popular(forte águas cuando esta chuvendo e que trazer tudo) e o nome de sua antiga O.N.G,Fanmi de La vi,a família e ávida.

3.4.1 – O contexto e as razões das intervenções da ONU

O contexto nacional haitiano se modificou após o fim do regime dos Duvalier, em 7 de Fevereiro de 1986, quando Jean Claude Duvalier abandonou o país. O movimento reformista, iniciado pela oposição haitiana, marcou o fim de um sistema, caudilhista, ditatorial e nepotista que caracterizava os regimes políticos da época^[143]. A corrente progressista, ou revolucionária dos anos 60, do qual muitos países latino-americanos fizeram parte, pôde finalmente estender os seus tentáculos no Haiti, mas no final das contas, como foi dominante na época, prevaleceu a teologia da libertação, liderada pelo então padre da igreja católica Jean Bertrand Aristide que mais tarde viria se tornar presidente do Haiti em 1991 e 2001.

O Aristide foi um pastor da Igreja católica romana (Salesiens), que o movimento democrático e social escolheu para se candidatar como presidente sobre a Bandeira F.N.C.D.(Front National pour le Changement et la Democratie) uma coalizão de partido político de tendência socialista, com uma retórica populista e com um discurso da igreja de povo, ele deveria afrontar o Marc Bazin considerado perto da burguesia tradicional e de tendência liberal, ele ganhou, na eleição de 16 dezembro de 1990, antes mesmo de tomar posse confrontou a uma golpe organizado pelo ex ministro de Duvalier, o Dr. Roger Lafontant, (do 6 o 7 de janeiro 91) e conseguiu de tomar posse (7 de Fevereiro 1991) e menos de seis meses depois na sua tentativa de reformar a administração do antigo regime da ditadura, recebeu de novo um golpe das forças Armadas do Haiti, (30 de setembro 1991) fugir exílio primeiro no Venezuela com ajuda do socialista Andre Perez, e depois no estado unidos, com ajuda de Bill Clinton, que numa intervenção armada dos Merins Americana lhe deixou de novo no poder no 1994. ficou mais de três anos fora de poder como presidente constitucional do país, em efeito esta esse três anos que ele querou recuperar que vai lhe fragilizar, sua relação com a comunidade e a oposição política que lhe deu melhor apoio durante o golpe. sua segunda eleição no ano 2001, será muito contestada o que vai gerenciar até a crise do ano 2000 e sua demissão como presidente no ano 2004.

¹⁴³ Ver Trouillot Michel –Rolph: Democratie et societe civile, in Laenec Hurbon (dir) les Transitions democratique, 1996, P-AU-P, Haiti

Mas desde o início, o movimento democrático nascido dessa matriz se encontrava confrontado com a resistência das sequelas do velho regime, então os conservadores membros da oligarquia recorreram ao exército, como garantia dos seus interesses,

Este último teve o controle do aparelho estatal, até à sua dissolução no ano 1995, pelo decreto presidencial do 6 de Dezembro do então presidente Aristide que, em 6 de janeiro estabeleceu uma força de policia de transição “interimaire” As crises de instabilidade que se seguiram após isso, demonstraram a existência de um regime de crise, e o limite do sistema político adotado^[144].

3.4.2- A instituição dos partidos políticos e do golpe de Estado de setembro de 1991

Como mencionado por Hector Michel ¹⁴⁵, o Haiti viveu vários momentos de crise em sua história. O autor classifica esses períodos, em cinco grandes momentos de agitação social e política: (1843-1848), (1867-1870),(1908-1915),(1986-1994). Cada um desses momentos, além de seu contexto histórico próprio se caracteriza por uma crise sistêmica generalizada, ou seja multissetorial, manifestada pela intensa mobilização popular, instabilidade política e o fracasso do Estado em atender às demandas da população:

« Dans cette perspective, chacune de ces périodes de perturbations politiques relativement longues et profondes, correspond en fait à une phase de crise du système de société, crise au cours de laquelle tous les champs structurant la vie sociale se trouvent plus ou moins affectés. On peut parler, en d'autres mots, de crise systémique généralisée ou multisectorielle, qui se caractérise à la fois par une significative et intense mobilisation populaire, une grande instabilité du régime politique sur un fonds d'affaiblissement accentué de l'Etat et par une marquante aggravation des conditions d'existence de nombreuses catégories de travailleurs, dans le cadre, soit d'une chute du volume de certaines productions clés, soit surtout d'un avilissement prolongé de la valeur monétaire d'importantes sources de la richesse

¹⁴⁴ ,ver Noam Choimscky,analyse da crise de 2004,jornal Le monde

¹⁴⁵ .Hector Michel,pouvoir dans les caraibes,mouvement populaire et sortie de crise

nationale. Ce type de crise ne se réduit donc pas à un simple dysfonctionnement momentané dans la succession des gouvernements. Il “ constitue plutôt un véritable processus avec son rythme propre, ses temps forts, ses temps faibles, ses hauts et ses bas, et peut parfois s’étendre pendant longtemps » (Hector 1988 :71)

Nesta dissertação, adicionamos o período de (2000-2004) ^[146]. Cada um desses períodos se caracteriza por fatos sociais específicos, nos quais os dados internacionais Quer dizer, o contexto internacional depois a guerra fria se mudou também para as crises política na Ásia, a dinâmica da globalização e o eventos dos 11 setembro não negligenciavam em termos de repercussão e de propagação, o período que nos interessa, para o momento presente, vai de 1986 a 1990, ou mais especificamente para análise do período que vai de 2001 a 2004.

O período indo de 1986 marcou momento de grã esperança, e de perspectiva de mudança de regime ditatorial a democracia, que a constituição de 1987 vai confirmar, pelo o acordo certo do povo numa referendun popular o dia 29 de Março 1987, mas o mesmo problemas que aconteceu no Haiti pós-colonial do século 19 reapareceu na luta pelo poder, e defesa de interesse de grupo, então nunca tiver uma transição política verdadeira, o que aconteceu entre 2001 a 2004 foi o resultado direita da herança dos governos dos Duvaliers e que a mudança autoritário nepotico não foi mudo, esse período nos permitir de entender a crise do regime política e da decomposição das estrutura institucionais e sociais que explica o chagada da Minustha, sem pelo quanto voltar para o período da fundação.

Entre estes dois momentos chave durante os quais as forças da ONU, o debate político depois da derrubada dos regimes Duvalier foi impulsionado principalmente por atores políticos que vieram do exílio, estes últimos, aliás, permitiram grande emancipação da corrente progressista de esquerda, que sem qualquer dúvida ao longo do tempo, teve a sua fase de radicalização, da união dos movimentos reivindicativos organizados pelos sindicatos, e sobretudo os comitês de zonas e das localidades, especialmente as comissões de moradores, das associações dos antigos prisioneiros políticos e por fim o movimento de libertação das igrejas, saído diretamente do movimento da teologia da libertação onde os TKL (Ti Komite legliz) foram os

¹⁴⁶ .momento forte da crise.

verdadeiros porta vozes ^[147]. Na verdade, o coquetel explosivo dos anos 60 e 70 na América Latina não podia deixar indiferente a Igreja Católica ou pelo menos parte de seus fiéis e seus quadros. Flertando com um vocabulário marxista, misturando economia, cultura e mesmo libertação racial, certo número de homens da igreja se sentiram ligados por uma análise que os levou ao mesmo tempo, ao caminho de colisão com o Vaticano e suas forças conservadoras ^[148]. De acordo com Henrique Dussel :

« In Latin America, from the economic crisis of 1929 to the coup d'état against Arbenz in Guatemala of 1954 (organized by the CIA), the emerging nationalistic bourgeoisie managed a certain industrial development. This effort led to a belief in the possibility of an economic development based in the nationalistic decisions of a populist state:3 guided by a charismatic popular leader?4 This was the promising beginning of the most stable capitalism developed in Latin America. The "globalization" of the market began with North American "penetration" into Latin America by way of the "doctrine of development" upheld by UNESCO'S Economic Commission for Latin America. This initiative was coupled with financial investments and developing technological dependence for the substitution of imports, thus beginning the expansion of transnational companies. Military support was added to bring down populist governments in the territory?5 Subsequently the Alliance for Progress opened the so-called Decade of Progress (1954-1964'. The acclaimed "development" never took place. Instead, countries in the area suffered extraordinary extraction of their national wealth, inflationary instability, mobilization of their popular sectors, and increasing impoverishment. In 1954 the present process of "globalization" under the global supremacy of the United States over Latin America was initiated. RELIGIONS/ GLOBALIZATIONS The history of this process encompasses establishing a structure of increasing dependency by stages. There was resistance, both successful and not so successful revolutionary movements against this tendency. Only by taking into account the horizon of this historical context can we understand the origin and development of the theology of liberation. According to national oligarchies and the intelligence services of the United States,

¹⁴⁷ -pequena comunidade religiosa

¹⁴⁸ -Gutierrez, Gustavo, Hacia una teología de la liberación, Perspectiva Lima, Cep, 1971, vertambem Lowy Michel, Laguerre des dieux. religion et politique en Amerique Latine, Paris, Edition du Ferlin, 1998

the only way to stop the situation from worsen- ing and to create stability was to move to another form of state rule: military dictatorships of national security states.²⁶ The economic paradigm based on "globalization" deepened the dependency already started with the Decade of Development.²⁷ Recent military dictator- ships, from the one in Brazil in 1964, to the one defeated in Haiti in 1994, tried to develop a viable capitalism of increasing depen- dence. »(Enerique Dussel,the socio historical meaning of liberation theologie,Reflection about its original Worl contexte,p.5,Biblioteca.clacso.edu.ca)

A institucionalização do sistema político haitiano entende que as representações sociais de órgãos e mecanismos de conquista do poder, não podiam ser definidas, e prontas para acolher qualquer tipo de teoria de pensamento político normativo. Políticos tradicionais e aqueles recém-saídos do exílio juntaram-se para construir instrumentos em torno do seu povo como mecanismo eficaz para satisfazer suas ambições pessoais, que não é mais do que substituir por outros privilégios, poder político, poder econômico exercido, pelos velhos Duvalieritas e pelos militares ^[149].

O Estado haitiano sofre seqüelas na sua formação por colonos franceses que o definiram como uma colônia de exploração, uma vez que estes partiram à força nos deixaram como herança aos escravos, as estruturas institucionais e os mecanismos de dominação, sem preparo, nem experiência alguma, os dirigentes haitianos geralmente autoproclamados imperadores, chegaram ao poder pela força das armas, considerando o aparelho do Estado como seu próprio patrimônio, o que explica que, mesmo no início da fundação do estado, que eles optaram por regimes tirânicos em moda à época na Europa. O autoritarismo substituiu o contrato social como uma forma de acordos entre governantes e governados, em detrimento dos quadros normais e regulares de representação política. Os governos Haitianos, como todos os outros regimes pós-coloniais no sentido de Fanon, reproduziram os dramas dos efeitos negativos da descolonização:

« a décolonisation, qui se propose de changer l'ordre du monde, est, on le voit, un programme de désordre absolu. Mais [40] elle ne peut être le résultat d'une opération ma gique, d'une secousse naturelle ou d'une entente à l'amiable. La décolonisation, on le sait, est un proces-

¹⁴⁹ -idem choascky Noam,journal lemonde

sus historique : c'est-à-dire qu'elle ne peut être comprise, qu'elle ne trouve son intelligibilité, ne devient translucide à elle-même que dans l'exacte mesure où l'on discerne le mouvement historicisant qui lui donne forme et contenu. La décolonisation est la rencontre de deux forces congénitalement antagonistes qui tirent précisément leur originalité de cette sorte de substantification que secrète et qu'alimente la situation coloniale. Leur première confrontation s'est déroulée sous le signe de la violence et leur cohabitation – plus précisément l'exploitation du colonisé par le colon – s'est poursuivie à grand renfort de baïonnettes et de canons. Le colon et le colonisé sont de vieilles connaissances. Et, de fait, le colon a raison quand il dit « les » connaître. C'est le colon qui a fait et qui continue à faire le colonisé. Le colon tire sa vérité, c'est-à-dire se s biens, du système colonial.» (Frantz Fanon, *Les Damnés de la terre*, édition les classiques des sciences sociales, 1961, p45)

Assim, não existe qualquer estrutura de ligação nacional forte e organizada se puderam fixar, seguindo o exemplo de práticas puramente demagógicas, os chefes dos partidos se rodearam de personalidades fortes nas cidades e regiões, ajudados por alguns mecenas para adotar uma representação, e construíam através de crises ou eventos ^[150]. Tal situação criou um vácuo social grave, uma falta de liderança, necessário em um tempo de deterioração das condições de existência, marcados pela incapacidade dos dirigentes de assumir, falta de preparação e instrumentos adequados devendo levar em conta as reivindicações populares. Fora, a democracia liberal, em si, o que sistema tenta encarnar ao logo do século XIX, implica na institucionalização dos partidos políticos sérios ^[151].

l'opposition démocratique, formée contre M. Aristide, est constituée de plusieurs dizaines de partis politiques sans troupes et souvent sans programme. Elle est confrontée à un risque d'éclatement face à la perspective du pouvoir. Réunissant différents partis, certains de type social-démocrate, d'autres clientélistes voire macoutes, elle est dans l'impossibilité de s'unir durablement sur un programme commun, le seul élément ayant permis son rassemblement étant la volonté de

¹⁵⁰ .Wargny e um intelectual francesa foi conselho do President Aristide, lhe ajuda na correção de alguns de seus publicações ,

¹⁵¹ -Michel Offerle, *Les partis poliique*, coleção que sais-je, 2012, numero 2376, 128 pages

chasser le despote Aristide ;(Cristophe Wargny,le monde diplomatique,du4 mars 2004,apres le d'apart force d''Aristide,en Haiti. Un Etat a reconstruire)

Do início o partido liberal e o partido nacional, fundaram sua doutrina sobre a base de cor, de competência e de quantidade como slogan, as raras tentativas de formação de um partido de esquerda, em particular, foi o projeto de alguns intelectuais sem serem capazes de realmente ampliar a base nas áreas urbanas e rurais, até o duvalierismo ser quebrado após uma ditadura de 29 anos^[1152].

Des intellectuels haitiens à travers le marxisme ont tenté à partir de la fin des années trente, d'organiser et d'orienter ces mouvements dans la paysannerie et dans le prolétariat urbain naissant. Ce afin d'articuler cette tendance structurelle de révoltes spontanées des milieux populaires aux idéaux socialistes. Cette articulation n'a jamais pu se faire réellement. Le déficit institutionnel comme la cohérence culturelle dans laquelle la majorité s'est organisée et la marginalisation dans laquelle elle a toujours été maintenue, ont représenté des obstacles majeurs, difficiles à surmonter et qu'il leur faudrait analyser en profondeur.(Lahens,Yanick,2008,alter presse : mouvement sociaux et partis politique,soumis le vendredi 25 mars2011)

Todos os passos não visavam mais que contornar as vontades dos povos para manter o status quo sem os Duvalier, o efeito oposto permitiu o aparecimento de um discurso de mudança tão acentuado que deve levar o Evangelho de libertação, com Jean B. Aristide, líder das massas ^[153].

Conclusivo sobre os momentos de convulsão social generalizada, o escritor Hector, resume que eles simplesmente acentuaram a deterioração das condições dos mais fracos, dos pobres.

Caracterizada por uma forte mobilização popular, a deterioração das condições de vida e do enfraquecimento do regime político, eles não produziram soluções políticas favoráveis ao povo. Eles revelaram as barreiras das estâncias sociais e a ausência de uma cultura política compromissada. Nesta perspectiva, a cada período de perturbação política relativamente longa e profunda, corresponde de

¹⁵² Pierre –Charles, Gerard, Radiographie d'une dictature

¹⁵³ Olivier Branco de fanmi lavalas, investir dans l'humains,p-au-p.1999-

fato uma fase de crise do sistema e da sociedade, uma crise ao longo da qual todos os campos que estruturam a vida social se encontram mais ou menos afetados. A população através das suas lutas, suas reivindicações, suas esperanças, seus sucessos parciais e suas derrotas, está no centro das políticas de saída de crise que, ontem como hoje, têm todos em vista um objeto principal: controlar a erupção momentânea, das massas trabalhadoras na cena política. É assim, que em 1986-1994 as classes dominantes, pela primeira vez, não conseguiram derrotar o movimento popular. Com o fracasso do aplicado após 1985, sob a liderança dos militares, é toda uma herança e metodologia política questionada. (Heitor, 2011: 97) .

Em fim tudo ao longo da evolução desse trabalho nos tateamos de demonstrar as frasco no sistema social e no regime político do País,sem duvida esse deterioração aconteceu durante as vinte cinco ano passado,e uma reprodução das práticos colonial e pós colonial.as percepção do povo Haitiano da componente militar,não se foco bastante sobre esse fato para perceber as tropas,mas não entanto,esse constituiu um fator importante de justificação para exigir sua saída,sem embargo esse abordagem não se compartilhar no tudo pais,então como eles percebem as atuação da ministha,como força militar armada estrangeira quem tem a missão de estabelecer a paz no pais_

Cap. 4 - As percepções haitianas sobre a participação do Brasil e dos países da América Latina na Minustah

Este capítulo tem como objetivo demonstrar a forma como os dois grupos selecionados para esta pesquisa, a saber, os educadores e os camponeses haitianos percebem a presença da Minustah em seu cotidiano. Esta pesquisa foi feita por meio de observação participante, quando estive por 2 meses nas cidades de Bocozelle, seção rural de Saint-Marc, município do Departamento de Artibonite e na cidade Cayes, considerada uma “metrópole” do sul. Esta pesquisa foi feita por meio de questionários com respostas fechadas e entrevistas realizadas particularmente com organizações e líderes sindicais do setor da educação no Haiti, através de uma das suas estruturas organizacionais, a C.N.E.H (Confederação Nacional de Educadores Haitianos). Para além da sua missão de educar, o professor é um cidadão haitiano que vive a realidade social, como todas as outras categorias sócio-profissionais no Haiti, de uma forma bastante precária.

O mundo rural representa um panorama diferente, esse categoria, no caso do Haiti, se compõe de cidadão pouco educado que se dedicara à agricultura sem qualquer tecnologia moderna, dependem do apoio do governo, sem formação ou renda, e muito vezes apresentam uma boa oportunidade de os políticos haitianos tirarem vantagem mediante uma estratégia clientelista para angariar votas nas eleições¹⁵⁴. Os camponeses apresentam um grupo importante na maneira como percebem o continente militar estrangeiro da Minustah, tendo em vista que os camponeses, depois da colonização francesa, além da ocupação americana no século XX, foi o grupo mais oprimido, uma das principais vítimas das intervenções armadas estrangeiras. Assim, suas percepções nos permitiram nesse estudo destacar a imagem real que este grupo constrói sobre a intervenção militar da MINSUTAH.

¹⁵⁴ Ver Gerard Barthelemy. *Le Pays en dehors*, Port-Au-Prince : Henri Deschamps, 1989.

4.1– Os haitianos e seu método de percepção dos atos da MINUSTAH

A percepção haitiana acerca das forças militares estrangeiras da Minustah é uma construção de uma realidade interpretada pelos haitianos e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida que forma um mundo coerente.¹⁵⁵ De acordo com Peter Berger,

“o mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles”. (BERGER, 2005:36)

Nesta pesquisa, identificamos os mecanismos que transformaram e moldaram as atitudes dos educadores, por um lado, na sua qualidade de distribuidores por excelência de valores normativos da educação em muitos aspectos como receptores privilegiados das tradições e normas sociais pré-construídos pelo Estado depois a época pós-colonial e, por outro, do grupo historicamente excluído de direitos no Haiti, os camponeses.

A vocação essencial da Antropologia interpretativa (GEERTZ, 1989) não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que os sujeitos falaram¹⁵⁶. O papel que ela desempenha na construção das imagens projetadas e percebidas em um dado momento nos permitirá discernir os pontos de concordância sobre a presença da MINUSTAH no Haiti.

4.1.1 – O setor educacional haitiano e sua percepção sobre a MINUSTAH

A representação do setor educativo através da CNEH não pode ser apreciada sem uma consideração geral sobre a luta e o estudo do movimento sindical haitiano, o que nos permitirá apreciar a interação existente entre eles. Localizado no centro dos debates da vida social cotidiana, o movimento sindical como uma força social organizada representa um ator importante na resistência e nas lutas políticas no Haiti.

¹⁵⁵ Ver BERGER, Peter, 2005, p.35.

¹⁵⁶ Ver GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC,2008.

As suas opiniões, inseridas em um quadro institucional, como é o caso do sindicato setorial, nos permitem captar a opinião e a imagem da MINUSTAH, como também de uma faixa social, em termos de categoria e setor da sociedade civil organizada. A pergunta que motiva o objeto de estudo desta dissertação é perceber como os sindicatos da educação e os grupos pró-rurais interagem e reagem a essa visão dupla e dinâmica sobre a presença da MINUSTAH no Haiti.

4.1.1.1- O sindicalismo no setor educacional haitiano

O movimento sindical do setor da educação foi o último a nascer a partir do grande movimento sindical haitiano que teve o seu início em 1946¹⁵⁷, com altos e baixos. De acordo com Andre Lafontant Joseph

«¹⁵⁸ En Haïti, l'année 1946 est marquée par un puissant mouvement d'agitation contre le gouvernement d'Élie Lescot. Ce mouvement qui prend naissance dans le milieu étudiantin ne tarde pas à s'étendre dans les autres couches de la population, notamment au secteur ouvrier. La Junte militaire qui gardait le pouvoir de janvier à août 1946 reconnaît pour la première fois le droit des travailleurs à s'organiser en syndicats en vue de défendre leurs droits et leurs intérêts socio-économiques. Ce droit sera consacré par la Constitution de 1946, en son article 19. Cette Constitution prévoit également l'accès obligatoire des travailleurs aux prestations sociales et aux congés payés. Même quand elle sera constamment violée, ce principe de la liberté syndicale est repris dans les Constitutions de 1964 en son article 23, de 1971 en son article 24 et de 1983 en son article 38. »

No entanto, é certo que o setor da educação teve sua primeira grande fase de mobilização, com a finalidade de garantir melhores condições de trabalho dos professores da educação básica. No Haiti, a maioria das escolas é de propriedade privada e pouquíssimas correspondem os critérios mínimos de infra-estrutura e de pessoal qualificado para o exercício da docência. A atuação do CNEH iniciou-se a partir de 1979, atingindo o seu apogeu em 1986, momento que marca a fase mais radical

¹⁵⁷ Esta data marcou o primeiro movimento social contra o governo de Lescot, pelos estudantes e consagrou a reconhecimento dos direitos do trabalhadores.

¹⁵⁸ -Ver : www.syndicatshaitiens.org para a história do movimento sindical no Haiti.

dos movimentos sociais e sindicais a partir da mudança do regime ditatorial dos Duvalier rumo a uma abertura democrática e de liberdade civil¹⁵⁹.

4.1.1.2- A confederação dos educadores haitianos e o movimento democrático

O movimento popular que levou à queda dos Duvalier, em 07 de fevereiro de 1986, teve a sua ponta de lança em Gonaïves, cidade localizada no Departamento de Artobonite e considerada o bastião das lutas políticas haitianas. Com efeito, esta cidade foi testemunha de grandes eventos da história do Haiti, tais como a proclamação da independência do Haiti, em 1804, o 5 de novembro de 1985, que marcou a primeira manifestação contra a Ditadura de 29 anos do regime dos Duvalier, momento em que três alunos foram assassinados, gerando uma mobilização que se generalizou em todo o país, e o 21 de setembro de 2003, com o assassinato de um líder de favelas Amiot Matayer, ponto focal da mobilização contra o regime de Aristide em 2004. Lá também está localizada uma favela, de nome Raboteau, que alimenta as principais manifestações políticas do país. Trata-se de uma cidade simbólica, no que se refere à catalisação dos movimentos populares e sociais em uma dinâmica de mudança dos regimes políticos. A trágica morte de três crianças em idade escolar durante uma manifestação anti-governamental¹⁶⁰ também marcou as lutas dramáticas da cidade em busca de melhores condições de subsistência. Durante o movimento sindical que já estava organizado em todo o país, esse esforço foi acompanhado por mudanças políticas¹⁶¹. A luta pela valorização da profissão de Professor seria uma palavra forte no âmbito de um movimento de protesto geral dentro dos movimentos de estruturação organizacional pós-ditadura em que as estruturas ou grupo de pressão tentavam se impor.

¹⁵⁹ O primeiro Conselho de governo depois a saída de Jean Claude Duvalier no poder foi constituído pelo General Henry Namphy, pelo General Wiliam, pelo Coronel Prosper Avril, por Alexis Cineas e por um representante da liga dos direitos humanos, Gerard Gourgue. Ver PIERRE, Etienne Sauveur. *Haiti: Misere de La democratie*. Paris: l'Harmattan, 1999 e MOISE, Claude. *Constitution et Lutte de Pouvoir en Haiti*, Tome 2. Montreal: CIDIHCA, 1990.

¹⁶⁰ Em abril de 1984, o país enfrentava uma situação difícil. Em 14 de maio de 1984, em Gonaïves, houve uma manifestação contra a fome, e no dia 28 de outubro um militante político, Pollux Saint-Jean foi preso. O povo se manifestou e pediu por sua libertação. Nesta passeata, os militares mataram três jovens: Daniel Israel, de 19 anos, Mackenson Michel, 12 anos, e Jean Robert Cius.

¹⁶¹ Ver CHOMSKY, Noam. *La tragedie d'Haiti*. Bruxelles, Belgique e Montreal: Editora Ecosociete, 1995.

A principal característica do movimento sindical haitiano é uma dinâmica de curtos períodos de avanços inevitavelmente seguidos de fases de regressão, forjando o desaparecimento dos sindicatos quase que completamente. Esta trajetória está ligada às vicissitudes do difícil desenvolvimento da democracia no país¹⁶².

Apesar da partida forçada de Jean Claude Duvalier, os regimes militares que se sucederam não tinham a pretensão de realizar grandes mudanças no sistema. Esta tendência de continuidade dos mesmos velhos reflexos e práticas dos “Duvalier sem Duvalier” favoreceu o radicalismo de grupos organizados sedentos da necessidade de mudança, em vista da melhoria das condições dos seus respectivos setores de interesse. A CNEH se encontrava no coração desta marcha, de luta social e reivindicativa.

Como organização, ela se empenhou nas lutas setoriais reivindicativas por mudanças e por democracia, através de diferentes esferas de ação. A organização de professores, a partir do seu diretório constituído de personalidades multidisciplinares, participou em companhia de outros atores sociais de tendência progressista, da vida nacional e ajudou na constituição do novo regime político que surgiu em 1991.

A derrubada de Jean-Claude Duvalier em 07 de fevereiro de 1986 foi um ponto de virada política importante no país. Assistiu-se ao renascimento instantâneo do movimento sindical. Caracterizado principalmente pela reaparição no palco da Central dos Trabalhadores Autônomos do Haiti, a formação da Confederação Nacional de Professores de Haiti (CNEH), (ou, em kreyòl, KonfederasyonOuvriyetravayèy) também surge neste contexto. Naquele tempo, a tendência chamada revolucionária animava os espíritos dos dirigentes sindicais, mas a posição do CNEH se situava ao centro, tendo em vista que a CNEH é uma organização que visa propostas e negociação, sem descartar outros modos de intervenção quando estas duas opções falharem^[163].

¹⁶⁴A batalha da época contemporânea na Educação começou com as ações tomadas pela CNEH para a valorização da profissão de

¹⁶² Ver LAFONTANT, Joseph Andre. *Le mouvement syndical Haitien, de ses origines aux debuts du 21^e siecle*. San-Jose, Costa-Rica : Editora (O.I.T), Organização Internacional Du Travail, 2003.

¹⁶³ Ver LAFONTANT, Joseph Andre, op. Cit.

¹⁶⁴ NOBERT, Simphile. *Papda, Plate forme Haitien pour un developpement Alternative, experiences dès luttes syndicale* 2007. Disponível em : www.papda.org. Acesso em novembro 2005.

professor. Na verdade, a CNEH foi constituída a partir das associações regionais como a AEP (Associação dose Professores de Port-au-Prince), começando o processo de conscientização e formação dos professores sobre o sindicalismo. Transmissões de rádio semanais foram feitas; sessões de treinamento na forma de universidade de verão foram organizadas. Este trabalho levou a movimentos de reivindicação que levaram a um acordo com o Estado para melhorar as condições de trabalho dos professores e à definição de um plano de carreira. Em apoio a essa tendência, os professores começaram a defender seus direitos no setor privado da educação, e aqueles que foram vítimas, se beneficiaram em geral de uma assistência jurídica por parte da CNEH. No entanto, muitos dos dirigentes sindicais aproximaram-se de Aristide-Preval recém-eleito pela população em fevereiro de 1991, e não foram mais capazes de fazer as suas reivindicações corretamente. Certa frustração começou a surgir.

Nesta fase, pode-se, então, dividir o período de luta em dois momentos chave, ou seja, o período que marca o início e o fortalecimento do CNEH como estrutura progressista e de reivindicação social. Em segundo lugar CNEH, se desliga do primeiro golpe de 1991 ao Presidente Aristide e termina o seu envolvimento com os novos atores do cenário político nacional como um membro da sociedade civil durante a segunda partida forçada do Presidente Aristide, à República Centro-Africana, em 2004. É necessário salientar que, nestes momentos, a força da notoriedade de sua estrutura e como por mais de vinte e cinco anos, ele foi capaz de espalhar seus valores à opinião pública, dentro de todas as províncias haitianas, sensibilizado os pais de alunos na divulgação de suas atividades, tornando-se um grupo de referência no setor e mais antiga organização sindical após 1986.

Durante esses períodos de crises e turbulências, vários esforços foram concedidos para a consolidação do setor sindical, através de iniciativas de consórcio com outras organizações militantes em prol dos professores que já ganhavam certa notoriedade na opinião pública como a Union National des Normaliens Haitiens (UNNOH). Esta última fase de movimentação facilitou a interação com outros grupos de professores e sindicatos de diferentes origens que se uniram em uma força comum, falando a uma só voz.

A CNEH era não apenas a parte envolvida do processo de democratização do país, como um grupo organizado do setor da educação, mas também acompanhou todo o processo do movimento democrático haitiano, e se distingue dos outros sindicatos, pela sua capacidade organizacional e estrutural^[165].

A influência política do movimento sindical como um todo foi muito importante para a história política do Haiti pós-ditadura dos Duvalier. Em março de 1990, a CATH (Central Autonome des Travailleurs Haitiens) a CNEH (Confederation Nationale des Educatrices et Educateurs Haitiens) a FOS (Federations Ouvrier Syndique) a OGITH (Organisation Generale Independante des Travailleurs Haitiens) e a FESTREDH (Federation de syndicat des Travailleuses et Travailleurs de L'électricite d'Haiti.) apoiaram a proposta da presidência provisória da Juíza Ertha Pascal Trouillot, no período de 13 de Março 1990 a 7 de Fevereiro 1991. O movimento sindical teve o seu representante no Conselho de Estado na pessoa de Ernst Malebranche. A C.N.E.H participou ativamente na organização e supervisão das eleições de 1990 e 1991. Quase todas as outras centrais intervieram na campanha de educação cívica para informar a importância das eleições democráticas e a participação do povo na tarefa pública da consolidação da democracia. As conquistas deste período foram importantes¹⁶⁶.

4.2 - Os Impactos e as influências do movimento sindical da educação nas esferas de decisão e de mobilização nacional

As diferentes atividades realizadas por este setor mostra, em certo nível, o grau de sua legitimidade ao longo do tempo e sua capacidade de influenciar nas esferas sociais, como por exemplo, é o caso da CNEH que, em novembro de 1986, pôde mobilizar os seus membros para uma greve geral, que em última instância resultou em um aumento do salário mínimo em 220%^[167]. Também os partidos políticos haitianos muitas vezes tentaram cooptar, sem sucesso, este sindicato, revelando os traços de uma estrutura não partidária.

¹⁶⁵ Ver LAFONTANT, Joseph Andre, op. Cit., p. 85.

¹⁶⁶ LAFONTANT, Joseph Andre, op. Cit., p.53

¹⁶⁷ Idem, p. 55

Com efeito, durante a primeira eleição realizada com organização democraticamente pós-regime dos Duvalier, a prática do CNEH agiu abertamente em favor do partido de Jean Bertrand Aristide, espalhando a sua atuação em suas diferentes redes a nível nacional. Além disso, a dinâmica da era da consolidação e organização social democrática com a CONACOM (Congres National des mouvements Democratiques), a CNEH desempenhou um significativo papel, considerando ser ela um reagrupamento não partidário na época, teve grande influência na elaboração da nova Constituição de 1987, em especial no Capítulo consagrando ao direito à educação. Mas a transformação desta organização em um movimento político exigiu das lideranças do CNEH tomar distância dos princípios do regime Lavalas (sistema político imposto Aristide em seu modelo de governo) quando começou a mobilizar o setor de ensino pelas reivindicações não atendidas, uma vez que o período de início de mandato da CNEH coincidiu também com o início do mandato de Aristide.

O início do primeiro mandato de Aristide começa com numerosas ações de governo antidemocráticas. Assim, os então setores aliados se levantaram contra essas práticas, marcando distância com seu regime, momento em que os militares decidiram realizar seu golpe de Estado. Essa mesma situação ocorreu durante seus dois mandatos (1991 e 2000/2004). A nosso ver, de qualquer forma, mesmo se o golpe não ocorresse, o regime Lavalas cairia inevitavelmente pelo movimento de revolta popular. Nesse sentido, os militares só antecipariam uma situação que de todas as maneiras deveria acontecer na época.

Em termos de atividades cívicas e de cidadania, a C.N.E.H demonstrou ter uma presença ativa nas campanhas de alfabetização no decorrer dos anos 90, e ganhou sua notoriedade por sua participação nas iniciativas da sociedade civil, chegando a impor pressão sobre o governo Préval (1996/2000) obrigando-o a criar um conselho eleitoral¹⁶⁸.

Não obstante às formas de participação, as organizações sindicais foram poucas no Haiti e poucos membros foram convocados para supervisionar as eleições de 2000,

¹⁶⁸ Até este momento, o Haiti não contava com um Conselho Eleitoral que pudesse supervisionar as eleições presidenciais, tornado o sufrágio de natureza duvidosa e muitas vezes antidemocrática.

que forneceram a controvertida eleição do segundo mandato de Aristide¹⁶⁹. Um dos impactos importantes para o mundo da educação foi a capacidade de divulgação, em uma emissão semanal radiofônica, difundida através de todo o país sobre as condições de trabalho dos educadores. Estas realizações feitas pela CNEH a tornaram um interlocutor privilegiado durante o período, como interface do setor de sindicatos da educação com o governo.

4.2.1 - A construção da imagem da MINUSTAH pelos dirigentes da CNEH

A percepção da organização sobre a MINUSTAH foi medida por uma combinação de entrevistas diretas realizadas com o comitê de direção e um dos membros fundadores. Estas perguntas estão situadas em um contexto de reflexões sobre a aparência física dos militares que compõem o contingente armado da Missão. No Haiti, mais que em qualquer outro lugar da América Latina, os critérios raciais de pertença e exclusão da nação são diacríticos importantes para delimitar o grau de animosidade nacional¹⁷⁰. Assim, à primeira impressão, todo o contingente militar da MINUSTAH apresenta um diacrítico importante de afastamento do povo: todos são estrangeiros, não importa se negros ou brancos. Ser Branco se assimila geralmente na mentalidade Haitiana a uma associação direta com os povos de Europa, no sentido *stricto sensu*, mas a cor tem um outro significado no Haiti: o branco se define com oposto a um “mulato” e a um negro “puro”.

A CNEH é uma confederação que reagrupa 11 federações de educadores. A organização realiza regularmente os seus congressos e elege um comitê executivo por três anos renováveis. A presença ou militância feminina ainda é reduzida. Na liderança da organização (que conta com 7 membros, apenas 2 mulheres a integra, seja na política ou nas organizações militantes). Embora as linhas de ação, assim como a representatividade do mesmo organismo se faça principalmente com as definições da educação primária e fundamental, as interações com as outras estruturas setoriais de

¹⁶⁹ As eleições de 2000 foram a base da crise política que originou a criação da MINUSTAH pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 2004. Na ocasião, os partidos políticos reclamaram a contagem dos votos e a OEA não reconheceu a vitória de Aristide.

¹⁷⁰ Relembro que as Constituições haitianas, desde 1805 a 1915 tornava proibido aos brancos e aos estrangeiros o direito à terra e à cidadania haitiana.

educação não devem ser negligenciadas em nossa apreciação, como evidenciado também no perfil das duas pessoas com quem realizamos entrevistas diretas.

Magalie Georges é uma das mulheres que ocupou o cargo de Secretária-Geral Adjunta, em 2004. Ela também militou ativamente nos agrupamentos femininos da organização de educadores de formação e de profissão. Atualmente, ela é Diretora de uma escola de ensino fundamental do estado ^[171].

Magalie fazia parte da antiga administração da coordenação em que presidia Lavaux Frederic. Esta gestão esteve no centro dos eventos políticos de 2004, quando da saída de Jean Bertrand Aristide do poder. Quanto à sua posição sobre a MINUSTAH, ela acredita que a missão deverá partir, e esta organização não cabe na lógica de movimentos radicais. Como apoio à sua visão, Megalie nos aponta a ocorrência de diferentes casos de estupro ouvidos e relatados pela agência de defesa dos direitos humanos ¹⁷². No entanto, acredita que a MINUSTAH é um “mal necessário”.

Outro entrevistado foi Jean Mary Pierre, o qual fez parte da primeira direção da CNEH. Este professor de ensino médio conheceu uma militância ativa na ditadura dos Duvalier. Sua militância ativa durante todos os grandes períodos de crise o tornou uma personalidade respeitada, ponderada e uma referência em seu meio.

Em sua apresentação do panorama do sistema educacional haitiano, Pierre nos confirma efetivamente que, no decorrer do século XIX, a grande massa não tinha acesso à escola, referindo-se ao trabalho do intelectual eminente Joseh Louis Janvier ¹⁷³. Pierre relata, por exemplo, que o Liceu Alexandre Petión, localizado em ao Bel aire, localidade de Porto príncipe centro da Capital, esteve reservado única e somente para os filhos dos generais, dos militares, ou de certos funcionários públicos. Quem estivesse fora destas categorias não teria acesso à educação.

Coube-nos perguntar a ele sobre as atividades da MINUSTAH e, especialmente, se haveria alguma desconfiança pessoal no trato com o contingente militar estrangeiro

¹⁷¹ Megalie é Diretora da escola de educação básica mais organizada de Port-au-Prince, infelizmente destruída no terremoto do 12 de janeiro 2010.

¹⁷² Ver o relato do RNNDDH (Reseaux National de Defense des Droits de l’Homme). Disponível em: www.rnnddg.org. Acesso em janeiro 2012.

¹⁷³ Nessa época, o regime militar que dominava o Haiti dividiu os cidadãos haitianos em dois grupos: os soldados (que teriam direito à educação) e os agricultores (confinados à exclusão e ao isolamento). Assim, o primeiro liceu do país serviu para instruir os filhos das elites e dos militares.

presente no país. Assim, perguntamos se ele tivesse a opção de recorrer tanto à Polícia Nacional Haitiana ou a um contingente da MINUSTAH, qual seria a sua preferência? Ademais, como ele iria imaginar que o cidadão médio haitiano reagiria?

Jean Mary Pierre compreendeu a delicadeza da questão, mas, acrescentou, sem reservas, que é normal que uma pessoa no contexto do Haiti contemporâneo não escolha recorrer à Polícia Nacional Haitiana (PNH), por razões justificadas. Como que está óbvio para a população que a MINUSTAH está muito melhor preparada que a Polícia Nacional Haitiana, dada a suscetibilidade que alguns policiais haitianos estariam no movimento de seqüestros e corrupção. Ao longo da entrevista, Pierre se mostrou um conhecedor dos fatos sociais haitianos, frente a seus muitos anos de experiência, de viagens através dos locais mais remotos do país, os quais reforçaram suas crenças e argumentos. A resposta de Pierre foi a mesma de um mesmo grupo por mim entrevistado de mais de uma dúzia de personalidades, todas de nível universitário, escolhidas ao acaso, que deram exatamente as mesmas respostas^[174]. As justificativas também são semelhantes, lógicas e compreensíveis. Assim, de acordo com os entrevistados, a MINUSTAH seria mais bem armada e melhor equipada do que a Polícia Nacional Haitiana. Muitos dos entrevistados simplesmente sequer confiavam na Polícia Nacional Haitiana.

Assim, as nossas preocupações de pesquisa passaram a ser as seguintes: será que as falhas no sistema de segurança nacional poderiam justificar a atitude de escolha do contingente estrangeiro, como sendo mais viável e confiável? Ou seria tudo simplesmente uma questão de interesse de sobrevivência e de existência, dependendo da convicção ou opinião, como a garantia da segurança de vida e dos bens, forjando uma escolha racional?

No início de 2004, depois de vários anos de esforços diplomáticos da comunidade internacional por meio do Conselho de Segurança das Nações Unidas para conseguir uma solução negociada da crise política gerada pelo regime Lavalas de Aristide, o Haiti de novo caiu em uma crise política, que se manifestou mediante forte desestabilização civil e violência política. Sob a pressão primeiramente da França e dos Estados Unidos, o Presidente Aristide deixa o país o 29 de Fevereiro. No mesmo dia, o

¹⁷⁴ Tomei pela casualidade dez amigos de nível meio e superior e coloquei mesma pergunta que fiz para a liderança do sindicato dos professores.

Conselho de Segurança das Nações Unidas autorizou o encaminhamento rápido de uma força de segurança multinacional interina, a MIF, para estabelecer a estabilização civil do país. Esta missão foi sucedida pela MINUSTAH em junho de 2004.

A saída rápida de Aristide foi percebida como o fim dos conflitos políticos haitianos, mas sua demissão permitiu uma perigosa reconfiguração da paisagem política haitiana com a emergência dos antigos militares, depostos em seu regime, os quais participaram ativamente no 1º. golpe de Estado realizado com sucesso contra Aristide no ano 1991¹⁷⁵.

4.3 – O setor rural haitiano e a sua percepção sobre a MINUSTAH

Como foi dito anteriormente, o setor rural haitiano, aos olhos de outros grupos de poder da sociedade haitiana, é interpretado como um grupo político de baixo poder de pressão política. Dependendo da região, as desigualdades são desproporcionais devido à heterogeneidade do território e do ambiente geográfico. A agricultura no Haiti não é rentável, é muito desvalorizada, e está reduzida a um estágio de economia de subsistência para os agricultores, os quais preferem imigrar para as áreas urbanas, em vez de se engajarem no plantio. Isso explica uma fraqueza e a falta de estrutura de defesa de interesses nesta área. A categoria, em geral, constrói sua auto-imagem como base de referência de seu ambiente aos olhos dos valores regionais, das condições semelhantes de existência. No entanto, em sua visão das coisas, nós esperamos representar aspectos específicos diferenciados das amostras destes mesmos setores na região de Artibonite, e na província de Cayes.

¹⁷⁵ Ver Le rapport Amérique Latine, Caraïbes de ICG, No 10, p. 8, une nouvelle chance pour Haiti. Port-Au-Prince e Bruxelles : ICG (International Crisis Group), 2004.



Departamento de Artibonite, no Haiti. Disponível em: www.dfid.gov.uk . Acesso em 19.03.2013



Disponível em: www.hobotraveler.com. Acesso em: 19.03.2013

4.3.1 – A Representação sociocultural do Norte e do Sul do Haiti

As regiões do norte e do sul do Haiti têm aspectos geofísicos bastante diferentes, mas cada uma delas se firma na tradição popular, em lendas específicas e costumes sociais particulares. A representação também em termos de rendimento agrícola, educacional e região de origem da produção de mito e do valor de resistência contra todas as formas de opressão e do meio de reforço de grandeza patriótica. Neste sentido, o norte rebelde, âncora da tradição *christophiana*, com Norte heroico e o Sul ponderado considerado o reduto de certa classe de mulatos e de pastoreio ^[176].

4.3.1.1- Os valores dominantes e as características próprias da região do sul

O Haiti é uma república unitária no seu sentido mais amplo, as regiões não representam verdadeiramente diferenças de clima ou geográficas. No entanto, o sul, por exemplo, por causa de seus penhascos baixos tem uma proximidade mais rápida com a capital, seu clima ameno e exuberante, em comparação com outras regiões constitui uma característica comum e própria. Como a maioria da população, as populações desta região vivem de agricultura e da criação de animais. No entanto, por causa da cultura da “vetiver”, uma planta aromática usada para a fabricação de perfume, preponderante na região¹⁷⁷, o sul possui uma fábrica de uma marca de renome internacional^{178]}. De acordo com Lincoln Price.

“Vetiver, an essential oil with a rich, woody aroma widely used in cosmetics and perfumes, is extracted from the roots of a perennial grass native to India (*Chrysopogon zizanioides*) . According to U.C. Lavania, a scientist at India’s Central Institute of Medicinal and Aromatic Plants, vetiver is an essential oil used in 90% of all Western perfumes. Annual world trade of vetiver is an estimated 250 tons. Major commercial producers include Haiti, Indonesia, China, Japan, India, Brazil and Réunion. For at least two island nations Haiti in the Caribbean and Réunion in the Indian Ocean the essential oil obtained from the roots of vetiver is a major source of foreign exchange earningsHaiti’s share of worldwide vetiver exports grew from 40% in 2001 to over 60% in 2007In the wake of the worldwide financial crisis, Haiti has seen a sharp reduction in vetiver exports. An estimated 60,000 people in Haiti’s Les Cayes region depend on vetiver as their primary income source ; the crop is grown on 10,000 hectares . The region also supports up to 13 distilleries that process

¹⁷⁶ Ver MADIOU, Thomas. *Histoire d’ Haïti*. Port-au-Prince: Impr. de J. Courtois Year: 1848.

¹⁷⁷ O sul do país possui uma fábrica de renome internacional chamada Agri Supply-Frager.

¹⁷⁸ .Ver Caribbean Office of trade negotiations. Disponível em: www.crn.org. Acesso em dezembro de 2012.

and extract vetiver oil for export. Before 2009, Haiti's vetiver crop was valued at approximately \$15- \$18 million per annum. In recent years Haiti's export earnings from vetiver have declined to around \$10 million per annum¹⁷⁹ ».

Segundo os índices do Instituto de Estatístico Haitiano, os dados de desenvolvimento demográfica da população sul tem a distribuição conforme segue^[180]:

“D’après les estimations de l’IHSI, le département du Sud regroupe 9.1% de la population actuelle du pays. Sa population est passée de 383.100 habitants au recensement de 1950 à 509.481 habitants en 1982, avec un accroissement annuel de 0,9% . Pour 1997, elle est estimée à 671.112 habitants, dont 96.863 urbains (14%) et 574.249 ruraux (86%). Notons que la population ici considérée comme urbaine est uniquement celle des chef-lieux de communes. Entre 1995 et l’an 2000, la population du département croîtrait à un taux de 1,28%. La majeure partie de la population vit dans les plaines et les vallées. D’après les analyses de l’IHSI, cette augmentation a été plus rapide en zones urbaines que dans les zones rurales. En effet, de 92,5% en 1950, l’importance des zones rurales est passée à 88% en 1982 et à 86% en 1997. Cela pourrait traduire des mouvements de population des zones rurales vers les zones urbaines en quête de mieux-être.

La densité moyenne de la population pour le département est de 221 hab/km². Toutefois, la pression sur les terres cultivées serait de l’ordre de 579 hab/km². Arniquet avec ses 830 hab/km², est la commune la plus dense. Aquin, la plus vaste commune (948,3 km²), est la moins dense avec 72 hab/km². Il faudrait aussi souligner la pression qu’exerce la population sur la zone des Cayes . En effet, sur les 1.162 km² de la zone, représentant 33% de la superficie totale du département, se concentrent près de 387,105 habitants, soit 48% de la population du Sud. »

Durante o tempo das grandes revoluções políticas (1779-1800), o sul foi a base regional de Rigaud¹⁸¹, contra o general negro Toussaint, durante os vários confrontos entre os dois campos. Toussaint, ajudado por Dessalines, massacrou numerosos mulatos no sul, no intuito de pacificar esta região hostil. Esta guerra fratricida pelo controle de

¹⁷⁹ Idem

¹⁸⁰ Ver as dados do instituto Haitiano de Estatísticas (IHSI). De maneira geral, 37% da população mora no departamento leste aonde esta a capital , 16% vive em Artibonite, 10% no norte e outros regiões comportam entre 4% a 7% da população. Dentro do Haiti, 59,2% da população vive nas zonas rurais e 2/3 da população moram nas zonas urbanas. Fonte: IHSI, 2007. Disponível em: www.ihsi.ht. Acesso em janeiro 2013.

¹⁸¹ Andre Rigaud foi preso, como Toussaint L’ Ouverture, depois da expedição da França em 1803 no Fort de Joux na França. Rigaud, ao contrário de L’Ouverture, sobreviveu e voltou à sua Região no sul e proclamou uma republica separatista nesta região. Morreu no ano 1811 na cidade de Cayes.

Saint Domingue fez ressurgir a divisão de cor no plano geográfico, deixando no imaginário popular haitiano uma percepção de que houve um massacre aos mulatos do sul pelos negros do Norte, em que o primeiro é visto como uma das vítimas dessas atrocidades. O sul nunca foi totalmente pacificado, quando da divisão do território em dois Estados em 1807. Assim, a parte sul, controlada por Petión, que fundou a República, foi confrontada com levantamentos vindos do extremo sul, como aquele de Rigaud que tentou subdividir o grande sul, por ambições pessoais.

As outras duas grandes revoltas foram em consequência da reforma agrária e da repartição da terra aos camponeses: a primeira foi a de Gomand¹⁸², e a mais espetacular e progressista foi a de Acaau¹⁸³, mas nenhuma dessas iniciativas deram um resultado de unidade nacional, já que a ação da Acaau tentou reconstruir o movimento com os camponeses para reivindicar participação social igualitária para eles, mas a sua resistência não durou muito tempo, pois seus principais aliados foram corrompidos pelos privilégios prometidos pelo negociador de Boyer¹⁸⁴.

Além do massacre de Toussaint¹⁸⁵ que representa uma imagem de dissensão lendária, a memória coletiva orquestrada pelos *noiristas*¹⁸⁶ da elite haitiana, supõe-se que o assassinato de Dessalines foi uma conspiração dos mulatos para se vingarem da sua participação ao lado de Toussaint, face aos excessos de poder e dos massacres operados no sul. Na verdade, o imperador Dessalines, por causa destes fatos ganhou grandes inimigos no sul.

Foi durante uma viagem ao sul, realizada com o objetivo de fazer respeitar os dispositivos imperiais, em sua política de reformas sociais e distribuição igualitária da

¹⁸² Gomand tentou de manter a República do sul criada por Rigaud, mas não conseguiu.

¹⁸³ Acaau foi o chefe do um movimento de camponês mais relevante da história nacional haitiana, que reclamou a compartilhamento da terra para o trabalho. O grupo fugiu para as montanhas no sul e sudeste do país para fazer a guerrilha contra o governo de Petión.

¹⁸⁴ foi uma revolta de camponeses que aconteceu na região sul do país no ano 1844 nas montanha,esse movimento reclamou a terra,esse rebelião colocou uma situação instável no país e o Boyer decidiu de lhe matar não para força,mais de maneira de traição,prometeu a terra e dinheiro para quem abandonou Acaau.

¹⁸⁵ Em uma guerra iniciada por Toussaint em 1800, o general L' Ouverture ajudou pelo Dessalines a massacrar vários mulatos no sul. No entanto, Rigaud venceu e fugiu na França.

¹⁸⁶ O "noirismo" é uma corrente ideológica que tomou corpo sob a forma de um movimento literário no período da ocupação americana. Foi também um foco nacionalista que se desenvolveu com base no questionamento dos mulatos nas funções importantes na administração pública. O movimento advogava pela inclusão dos negros nos cargos de poder. Na esteira deste movimento, Duvalier se elege em 1957.

riqueza nacional, das terras agrícolas abandonadas pelos colonos e capturadas sobre pretextos fraudulentos por um pequeno grupo de privilegiados, que Dessalines realizou um massacre contra diversos grupos. Seu testemunho pessoal relaciona o nível de ansiedade e o grau de repressão: “Depois do que eu fiz, no sul, se os cidadãos não se rebelarem contra mim é porque eles não são homens”¹⁸⁷”

Alguns meses depois, a resposta foi dada, com o drama da Pont Rouge. Nesta ponte, que liga Port-au-Prince às demais províncias haitianas, o Imperador Jacques Dessalines, quando saía da capital rumo à cidade Marchand, para combater outros insurretos no sul, sofreu um ataque e foi assassinado. Este episódio marcou a divisão do país, dando início a uma crise de ingovernabilidade crônica, presente no país até os dias de hoje, alternada por curtos períodos de calma e tranquilidade.

4.3.2 - Artibonite na tradição do Mito do Grande Norte

O departamento de Artibonite contém a maior população depois de Port-au-Prince e constitui um dos departamentos do país onde se constatou a menor taxa de imigração para outras regiões do interior do Haiti^[188], representando o celeiro do país por causa da sua planície, rica em arroz. Esta grande região do país faz, portanto, parte de uma vasta tradição na região comumente chamada o Grande Norte^[189].

Na luta entre Christophe e Petión pelo controle do Haiti, Christophe, ao perder toda a esperança de dominar toda a extensão do território haitiano, expandiu seu reino por meio de quatro departamentos¹⁹⁰. Por mais de catorze anos de reinado, o rei Henri realizou ações políticas, como a construção de fortalezas, palácios e cidadelas que melhoraram a imagem da região. A disciplina imposta em seu reino sobre a população permitiu que esta parte do Haiti desfrutasse de uma paz relativa. Christophe o primeiro

¹⁸⁷ Ver MADIOU, Thomas. *Histoire d’Haiti, Tome 3. Port-au-Prince, Henri Deschamps, 1992*, p. 297.

¹⁸⁸ Ver os dados do IHSI, Instituto Haitiana de Estatística. Disponível em: www.ihsi.ht. Acesso em fevereiro de 2013.

¹⁸⁹ Além do departamento do Norte, que envolve as províncias de cabo Haitiano, Christophe conquistou os Departamento do Noroeste e Nordeste do Haiti, que englobam as províncias de Artibonite.

¹⁹⁰ Além de três departamentos (norte, noroeste e nordeste, Artibonite) Christophe controlou a metade do Departamento do centro.

chefe de Estado haitiano a se preocupar com a estruturação da educação nacional por meio de uma cooperação com professores vindos da Inglaterra¹⁹¹.

Henri Christophe, de fato, caracteriza-se pelo seu perfil de bravo guerreiro. Ainda muito jovem, participou na Guerra dos escravos de Saint-Domingue. Também participou da guerra de independência americana que aconteceu no Savannah, de 1776-1783, no Estado de Georgia¹⁹². Quando do desastre das tropas de Leclerc em 1802 a armada indígena não conseguiu de vencer as tropas de Napoleão e alguns chefes fugiram, mas ele, Christophe, se recusou a se render, apesar da ordem de abdicação emitida pelo governo francês, Christophe respondeu aos emissários franceses que não entregaria a cidade a não ser em cinzas e até mesmo nas cinzas ele lutaria¹⁹³.

Aos olhos de todas estas façanhas, o rei Henry marcou sua época e deixou uma indelével marca na memória do povo do Norte. Os vocábulos relativos ao norte heroico, ou o orgulho christophiano têm a ver com as conquistas que as gerações posteriores conceberam como sendo uma razão de orgulho nacional.

Pondo à parte as constatações em torno do personagem Henri Christophe, a região norte, por ela mesma, foi o testemunho ativo dos várias batalhas militares e de eventos importantes para construção do projeto de nação e, especialmente, da luta antiescravista e, anticolonialista haitiana¹⁹⁴.

Assim, o povo do norte construiu uma personalidade própria, em torno dos valores “christophianos” e a região açambarca uma tradição de resistência. O famoso discurso citado por Boisrond Tonnerre¹⁹⁵ editor do *L'acte*, respondendo a uma proposta

¹⁹¹ Ver ARDOIN, Beaubrun, Ardoin. *Études pour servir a l'Histoire d'Haiti*. Port-au-Prince: Imp. Cheraquit, 1925.

¹⁹² Ver MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haiti, Tome 1(1499-1799)*. Port-au-Prince: H. Deschamps, 1989, p.102. Ver também PAMPHILE, Lacroix. *La revolution d'Haiti*. Paris: Edition Karthala, 1995.

¹⁹³ Ver BELLEGARDE Dantes. *Histoire du Peuple Haitien, 1492-1952*. Port-au-Prince: Editora Helde 1953.

¹⁹⁴ Ver MADIOU, op. Cit.

¹⁹⁵ Boisrond Tonnerre foi secretário particular de Dessalines, e sob a ordem do império, escreveu a Ata de Independência.

do Imperador para escrever o *L'acte*, explica a este que: para fazê-lo, ele precisa da pele de um branco como papel, uma baioneta como caneta, e o sangue como tinta¹⁹⁶:

« C'est alors que Boisrond Tonnerre intervint virulemment pour poser l'acte qui allait à jamais immortaliser les cérémonies de l'indépendance d'Haïti quand il déclara : Tout ce qui a été fait n'est pas en harmonie avec nos dispositions actuelles; pour dresser l'acte de l'indépendance, il nous faut la peau d'un blanc pour parchemin, son crâne pour écritoire, son sang pour encre et une baïonnette pour plume! ».

D'un bond, Dessalines se dresse et dit : « Boisrond, je te charge d'exprimer au peuple mes sentiments à l'égard des Blancs ». Et toute la nuit, l'immortel rédacteur de l'Acte de l'Indépendance écrivit avec fièvre, mais à l'aube, vaincu par la fatigue, il s'endormit à sa table de travail, et si profondément qu'on eut toutes les peines du monde à le réveiller pour la cérémonie ». (DORSAINVILLE, 1934, p. 23)

Outro aspecto também relacionado com o valor vinculado à questão da cor, refere-se ao que o historiador mulato Thomas Madiou¹⁹⁷ descreve como a maneira cruel que Christophe organizou o massacre dos últimos franceses. Com efeito, no conflito que Christophe tivera com o presidente mulato Petión, o Rei fez uma campanha para mostrar que Petión seria um francês e não um haitiano, como forma de incitar o povo a se rebelar contra ele. As vilas de Gonaïves geraram, assim, diversos movimentos insurrecionais, tornando-se o departamento que teve o maior número de conflitos de terra no país, marcado por lutas e guerras sangrentas em seus campos.

4.3 – A visão dos líderes camponeses do sul e de Artibonite a respeito da MINUSTAH

Nas vilas de Cayes, localizadas no sul do Haiti, realizamos duas entrevistas e distribuimos questionários aos líderes das organizações que trabalham diretamente no meio rural. Embora a nossa metodologia de abordagem se inscreva em uma dinâmica

¹⁹⁶ Ver TONNERRE, Boisrond. *Memoire pour servir a L'Histoire d'Haïti*. Port-Au-Prince : Editions Fardin, 1852.

¹⁹⁷ Ver MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti, Tome 1 a 7 (1499-1799)*. Port-au-Prince : H. Deschamps, 1989.

qualitativa, para fins de apresentação dos dados, nós quantificamos as informações para uma aproximação mais compreensível dos dados recolhidos.

4.3.1 A coleta dos dados empíricos

Na contagem de um conjunto de perguntas que temos tido o cuidado de administrar, entrevistamos doze cidadãos de Cayes, não necessariamente originários deste centro urbano e que têm uma forte ligação com o meio rural. A este respeito, em um conjunto de mais de 25 questões (o formulário encontra-se em anexo nesta dissertação) relacionadas ao objetivo da MINUSTAH no Haiti, construídas na perspectiva de entender como o sentimento nacionalista do mundo rural haitiano se manifesta na percepção dos componentes da MINUSTAH. Como lidamos com indivíduos envolvidos no trânsito entre espaços semi-urbanos ou claramente rurais, os elementos de informação têm certa suscetibilidade. Isso nos criou uma dificuldade na apreciação quantitativa das informações recolhidas em termos de distribuição por categoria, mas permitiu, por outro lado, às famílias certa liberdade para se expor abertamente sobre determinada questão. A nossa proximidade com eles permitiu-nos situar a sua faixa etária e nível de escolaridade real, quase todos pertencentes à faixa etária entre 25 e 40 anos. Em média, poucas pessoas do sexo feminino puderam participar devido ao fato da baixa participação das mulheres nas atividades cívicas, políticas e de militância no Haiti.

Para nos facilitar a tarefa de investigação da percepção sobre a MINUSTAH e nos permitir aproximar da base de informação objetiva, perguntas ora fechadas ora abertas lhes foram submetidas procurando determinar em que medida os critérios raciais, de cor ou fisionomia dos militares envolvidos na Missão eram capazes de diferenciar os componentes nacionais da MINUSTAH, e se seria possível a distinção das tropas brasileiras dos outros contingentes.

Estávamos interessados em saber exatamente se os camponeses distinguiam a existência de um ou mais país latino-americano na composição do componente militar de ocupação do território haitiano. Por outro lado, questões simples e diretas foram colocadas sobre a posição pela manutenção ou partida da MINUSTAH, além do grau de confiança na Missão e na Polícia Nacional Haitiana.

Em Cayes, realizamos duas entrevistas com personalidades de perfis diferentes, mas que se complementam. O doutor em medicina Kenscky Hyppolite, que é formado na U. E. H. (Université D' État D' Haiti) e na França, que opera no sistema de saúde da cidade, e que tem boa ligação com pessoas do campo. E, de outra parte, um outro quadro que se dedica à formação e ao enquadramento das organizações e líderes camponeses, como funcionário da CÁRITAS¹⁹⁸.

No decorrer desta entrevista, Dr. Hyppolite nos disse acreditar firmemente que a MINUSTAH deve sair do país. Ele comentou estar convicto que os problemas reais haitianos devem ser resolvidos pelos próprios nacionais. O outro entrevistado, Jacques Andre Louis, que cuja função principal é orientar os agricultores em atividades de desenvolvimento da comunidade teve um posicionamento totalmente contrário a esta visão.

Em Cayes, tivemos de fazer face às reticências de certos grupos que não nos quiseram conceder entrevistas, argumentando que iríamos ganhar dinheiro com o nome deles e lhes deixaríamos sem nada ou simplesmente negociaríamos informações em troca de dinheiro. Por eu ser uma pessoa de fora da comunidade, não recebi nenhuma confiança. A este nível, a nossa tentativa de realizar nosso trabalho, que tem um alcance apenas acadêmico, e o das ONGs que coletam dados no Haiti para fins comerciais, não convenceu muito. Assim, para o setor rural de Cayes, na região sul do país, obtivemos o seguinte resultado do contato com 12 pessoas que responderam às questões formuladas.

4.3.2 - Os camponeses e sua percepção do contingente militar da MINUSTAH.

De maneira geral, os camponeses do sul do Haiti reconhecem que o contingente militar da MINUSTAH vem majoritariamente da América do Sul, em vez do continente europeu ou dos Estados Unidos, tropas que tradicionalmente aportavam no Haiti. Como são apaixonados pelo futebol brasileiro, criam rapidamente um sentimento de empatia com, os soldados. Eles também têm certeza que nem todos os soldados da MINUSTAH vêm do Brasil. Esta distinção ocorre pela presença de contingentes do Nepal e da África.

¹⁹⁸ Uma associação de caridade que tem ligação com igreja católica.

Sem dúvida, o isolamento do Haiti e sua tradição de desconhecimento da América do sul, não permitiu ao povo construir uma imagem exata dos latino americanos. No que tange ao restabelecimento da paz no país, é notório o entendimento dos camponeses pesquisados que a MINUSTAH conseguiu estabelecer a paz no país, tendo em vista que antes da chegada da Missão, a população vivia sob forte clima de desestabilização civil. De modo geral, os camponeses não desejariam que a MINUSTAH se estendesse por tempo indeterminado. No entanto, a frequência desta percepção está mais presente entre os camponeses do norte do que sul. Assim, há uma visão geral de que a MINUSTAH não é boa e nem ruim, mas um “mal necessário” para a estabilização do Haiti. Chegamos a concluir que os Haitianos pesquisados não acham que a MINUSTAH é o problema central do país, tendo em vista que, para eles, a crise social e política se relaciona diretamente com a má gestão dentro do Estado haitiano. Assim, a mera opção de clamar pela saída ou permanência da MINUSTAH como alternativa de solução para a crise Haitiana seria muito simplista, na visão dos entrevistados.

Em relação às preferências dos camponeses entre a nacionalidade dos soldados da MINUSTAH e a força local apresentada representada pela Polícia Nacional Haitiana, a maioria dos camponeses do sul prefere a Polícia Nacional Haitiana. Aí podemos perceber a marca de um forte sentimento nacionalista ou um marco de confiança na força policial local. No entanto, constatamos um nível muito alto de abstenção de resposta a esta pergunta na região norte, o que nos leva a interpretar que talvez os poderes locais do Estado haitiano estejam mais fortemente presentes no sul do que no norte, fazendo com que o “nacionalismo de Estado” se expresse com mais força na região onde se percebe a presença do Estado do que no local onde ele está ausente.

4.4- Uma visão da MINUSTAH em uma perspectiva do movimento estudantil Haitiana, pós 2004.

A ideia de que a MINUSTAH se caracteriza como uma força de ocupação do Haiti chegou à militância no movimento estudantil com força total. O foco das mobilizações anti-MINUSTAH encontraram eco na Faculdade de Ciências Humanas da

Université D' État D' Haiti, provocando um efeito “dominó” nas outras faculdades e universidades do país. Assim, rapidamente, o mundo universitário conseguiu se mobilizar e organização diversas ações de protesto contra a MINUSTAH e tentar convencer a opinião pública (sobretudo os meios de comunicação que deram ampla visibilidade às manifestações de protesto) de que a MINUSTAH era ruim para o país, sempre vista como uma nova política coordenada pela ONU para implantar uma nova política de colonização do país. Essas opiniões foram apropriadas por grupos políticos nacionalistas, dentro e fora do país e criaram uma imagem forte na mídia de oposição à MINUSTAH, como se esta fosse a opinião geral e nacional.

Os resultados da nossa pesquisa no Haiti, mesmo que realizada por meio de pequenas amostras, são cheios de significado, especialmente na desconstrução do “mito anti-MINUSTAH” que estaria presente em todas as partes do país. Assim, percebemos que a divulgação desta visão, amis uma vez dialoga com uma percepção das elites do sul do país e não levam em consideração a visão dos camponeses que, em geral, veêm resultados positivos na Missão.

4.5 - Os novos desafios do ideal de Estado-Nação

Mediante o forte fluxo migratório que assolou a nação haitiana a partir de 1979, sobretudo, o qual é fruto da incapacidade do Estado de garantir o bem-estar de seus cidadãos, a maior parte das elites que são imigrantes vai articular seus interesses de fora do país e formar uma concepção de nação.

O fenômeno da imigração de cidadãos de países pobres para países ricos, não apenas coloca o problema da questão transnacionalidade ¹⁹⁹# como as novas formas de construção do Estado nação, não mais preso às suas fronteiras nacionais e territoriais, mas com amplas possibilidades de construção da política nacional em território estrangeiro, o que , de certa forma, desafia a ordem westfaliana no que tange à territorialização da política como forma de construção de uma ordem soberana

¹⁹⁹O fenômeno da transnacionalização representa o novo contexto empresarial-mundial, surgido principalmente a partir da intensificação das operações de natureza econômico-comercial no período do pós-guerra, caracterizado – especialmente – pela desterritorialização, expansão capitalista, enfraquecimento da soberania e emergência de ordenamento jurídico gerado à margem do monopólio estatal.

(CASTRO, 2001). Assim, no Haiti, a desterritorialização da política cria uma tensão com as ordens conservadoras vigentes de condicionamento da nacionalidade haitiana à permanência no território, o que no século XXI torna-se totalmente inviável²⁰⁰.

O autor indiano Appadurai²⁰¹ explica esses fatos mostrando novas teorias dos grupos sociais da nação, que aparentemente são vítimas passivas das forças que atuam nos fluxos migratórios em busca de melhores condições de vida. Appadurai argumenta a favor de um duplo desafio: o de "a idéia de uma camada de sentimento primordial a ser realizada à espreita sob a superfície de formas culturais²⁰²", mas também aquela de uma perda das identidades "primárias", que diluirão no anonimato de uma cultura cada dia mais global. Com efeito, segundo Appadurai, o local, como tal, não existe; é só uma invenção permanente da parte de diferentes grupos. Assim, o autor defende a idéia de que o Estado-Nação está hoje ameaçado pela intensidade dos fluxos que atravessam o planeta. Além de estarmos na era pós-colonial, também estaríamos na era pós-nacional. Dessa forma, o trabalho da comunidade imaginada, nos termos de Anderson (2008) seria uma prática social coletiva que daria origem a comunidades afetivas transnacionais "potencialmente capazes de passar do estado de representações que partilham aquele das ações que são executadas coletivamente e que cruzam várias experiências locais de sabor, prazer e política. As convergências de outro modo difíceis de imaginar podem assim nascer do encontro entre diversas ações sociais translocais²⁰³".

Arjun Appadurai defende, portanto, a seguinte tese: existe uma ligação clara entre o trabalho da imaginação como uma forma de resistência à dominação e a emergência de solidariedades globais suscetíveis a dar origem a uma nova política desterritorializada pós-nacional. Os três fatores que afetam mais diretamente a produção da localidade no mundo presente, a saber, o Estado-nação, os fluxos das diásporas e as

²⁰⁰ No Haiti, é comum que o Conselho Eleitoral provisório, responsável por organizar as eleições presidenciais e legislativas no país descredencie candidatos que não residam no país, tirando-lhes de forma arbitrária a sua cidadania haitiana. Uma reforma constitucional está em curso para retificar, dentre outras coisas, este critério. Ver Renata de Melo Rosa. "O Haiti e os projetos de desenvolvimento: entre o isolamento e a ocidentalização". In: III Seminário Brasil-Noruega de Paz e Reconciliação. Brasília: FUNAG, 2011.

²⁰¹ APPADURAI, Arjun, **Dimensões culturais da globalização A modernidade sem peias**. Teorema, Dezembro de 2004.

²⁰² APPADURAI, Arjun, **op. Cit.**

²⁰³ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

comunidades eletrônicas e virtuais - são articuladas de formas variáveis, surpreendentes, às vezes, e contraditórias quando se referem ao ambiente cultural, histórico, ecológico e de classe em que são recolhidos.

Esta perspectiva é interessante na medida em que Appadurai desconstrói a ideia de que a identidade nacional pode ser concebida de maneira determinista, tal como sempre ocorreu no pensamento social haitiano. O autor quer assim demonstrar que a globalização não é necessariamente sinônimo de uniformidade cultural. Assim sendo, “O trabalho da imaginação dá origem a fenômenos de hibridação e resistência à homogeneização, chegando às vezes a criar um desejo de autonomia política e cultural para um maior nível de integração e menor do que o Estado-nação²⁰⁴.”

No caso do Haiti, por exemplo, somente o fato de que há mais médicos haitianos no Canadá do que no Haiti, ajuda-nos a compreender o grau de desterritorialização das elites que, a partir de 1957, com a chegada ao poder de François Duvalier e a fase rígida de seu regime ditatorial, as expatriações em massa e os casos de exílio tiveram uma deflagração sem paralelo na história haitiana. Já nos anos 90, o padrão de vida no Haiti para os elementos ditos de classe média se tornou impossível, a falta de trabalho estável, a insegurança social e política, faz perder a confiança a esta fatia social importante da nação. O setor médico em particular e outros quadros profissionais do país aproveitaram os benefícios oferecidos por países estrangeiros, como o Canadá, por exemplo, para se fixar definitivamente, sem deixar de influenciar as mudanças políticas no Haiti.

Por outro lado, as massas urbanas e rurais embarcam nos navios de infortúnio rumo a Miami e às Antilhas Francesas ao preço de um grande risco para ali se estabelecerem. Os grandes momentos de crise social ou política que tiveram lugar no Haiti, em vez de construir um momento de unidade nacional, expressou a constante fragmentação da nação

Os grupos migrantes se reúnem em lugares novos, reconstróem a sua história e reconfiguram o seu projeto nacional para o Haiti. Neste sentido, os grupos não estão mais territorializados nem espacialmente relacionados, nem desprovidos de uma falta de consciência histórica de si mesmos, nem culturalmente homogêneos. Sem dúvida

²⁰⁴ APPADURAI, Arjun. **Après le colonialisme les consequences culturelles de la globalisation**, Petite Bibliotheque Payo. 1996.

alguma, estes grupos representam um sério desafio para a modernização política no Haiti.

CONCLUSÃO

A fragmentação do Haiti, em seus aspectos territoriais: norte e sul; intelectuais: falantes de francês e kreyòl; de classe: cidadãos e camponeses e diaspórico: quem está dentro e quem está fora da nação reaparece em diferentes períodos da recuperação da vida nacional haitiana. Desde o governo Dessalines que remonta ao projeto nacional de Toussaint Louverture, nenhum de seus líderes conseguiu construir uma unidade nacional que pudesse concatenar todas as contradições haitianas e elevá-las a um patamar dialético de síntese e unidade nacional. Pelo contrário, a falta de habilidade política de todos os líderes haitianos conseguiu aprofundar ainda mais as contradições internas a ponto de explodir em uma guerra civil e várias intervenções armadas aprovadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Os diferentes momentos das ocupações, francesas e americanas, juntamente com consecutivos outros tipos de ataques de potências estrangeiras, ajudou a construir o nacionalismo haitiano em oposição ao elemento estrangeiro caracterizado como branco. Esta forma de construção da ideia de nação manipulada pelas elites, tem mantido viva a chama do patriotismo até determinado tempo.

A divisão entre a elite e as massas nos indica o que Casimir classificou de “diálogo de surdos” (CASIMIR, 2009), tese que foi corroborada pela nossa pesquisa. Se, de um lado, as elites estão contra a MINSUTAH, os camponeses não.

Neste sentido, a teoria de Benedict Anderson (2008), permite-nos entender como o ideal de nação imaginada haitiana conheceu transformações, incluindo uma ênfase em ondas de imigração da classe média, de modo que a desaceleração do Estado e a constituição da diáspora no exterior, ocasionou a desterritorialização da política, o que em princípio, desafia, mas não desarticula a ordem westfaliana. A deterioração das condições de vida e as crises políticas sucessivas, separou ainda mais as massas das elites. Por vezes, as massas de camponeses fazem tranquilamente a negação dos valores patrióticos construídos pelas elites sobre as idéias do Estado-Nação que excluem o elemento estrangeiro como um conceito indivisível. Na verdade, a lamentável de miséria, de gestão cotidiana da vida incerta que se deteriora e a necessidade de existir obriga os camponeses a repensarem sua relação com o nacionalismo das elites e acreditar em instituições que possam lhe garantir um mínimo para a subsistência, como

o que ocorre com a presença da MINSTAH no Haiti, que não raras vezes substitui plenamente as funções do Estado haitiano.

Neste trabalho, tivemos o cuidado de escolher dois setores para representar a sociedade haitiana e garantir a modéstia das amostras, que não é representativa da sociedade haitiana na sua generalidade. No entanto, nossa maior preocupação não era a de realizar uma pesquisa com um número grande da população. O limite de tempo e os meios necessários não nos permitiram realizar um levantamento de opiniões sobre uma razoável amostra que fosse capaz de nos permitir generalizar.

O que nos era prioritário era a percepção dos dirigentes de estrutura organizacional ou de personalidades que tivessem alguma notoriedade e representatividade em conjunto com os camponeses, a outra ponta excluída da sociedade haitiana. A ideia era medir o impacto dos laços que os uniam com várias organizações da sociedade civil, nacionais, para medir a tendência das elites haitianas e dos camponeses sobre a presença de militares estrangeiros em solo nacional.

Os momentos históricos do período colonial geraram uma cultura de rebelião anti-escravagista frente às ocupações militares. O mito de origem da nação haitiana remonta ao contexto em que os ex-escravos ganharam a sua libertação e consolidaram a sua independência, uma história de luta e de agressões estrangeiras. Assim, a corrente nacional construído pelos intelectuais haitianos projetaram o sentimento nacional como um sentimento anti-branco e anti-ocupação. Contudo, as mudanças operadas no sistema internacional, e a instrumentalização da ONU, têm contornado essa barreira e contribuído para a revisão profunda deste modo de articulação do nacionalismo, tendo em vista que o Haiti não consegue sobreviver sem a presença da contribuição dos estrangeiros e da comunidade internacional

Assim, chegamos à conclusão de que a análise das informações sobre as opiniões recolhidas dos cidadãos haitianos tem a ver com a imagem que as elites têm inculcido à nação. Como entre as elites e as massas há uma relação de dominação e falta total de diálogo e disposição de construção de uma unidade nacional, encontramos opiniões bastante divididas em relação à presença da MIJNUSTAH. Esta divisão se relaciona diretamente com o grau de absorção do nacionalismo de elite a que os grupos estão ligados. Assim, a percepção que educadores e camponeses partilham sobre o contingente militar da MINUSTAH tem a ver com a imagem que eles têm do estado, do

país e da nação, sendo que esta última pode se descolar do território nacional, sem vínculo direto com o Estado.

ⁱ Movimento de autonomia colonial surgido no sul de Saint-Domingue, em 1790. O nome *leopardinos* se deve à volta deste grupo, derrotado, à França em um navio chamado “El Leopardo” (nome em espanhol, citado por Aimé Césaire, op. cit.). Este grupo, que formava a Assembléia de Saint-Marc, havia se recusado a se render a Peynier, general encarregado de dissolver o movimento autonomista do sul. Dessa maneira, optaram por regressar à França. Ver Aimé Césaire, op. cit., para mais informações.

BIBLIOGRAFIA.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo, Companhia das letras, 2008, 320p.

ANDERSON, Benedict. «**pioneiros crioulos. Comunidade imaginada**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo, Lisboa: edições 70, 1991.

ANTOINE, Regine. La **litterature. FrancoAntillaise**, Haiti, Guadeloupe et Martinique, Karthala, Paris, 1992, ISBN, 2 86537 376 2.

ABENON, Lucien René. **Antilles 1789, la revolution aux Caraibes**, Paris, Nathan, 1989.

APPADURAI, Arjun. **Après le colonialisme les consequences culturelles de la globalisation**, Petite Bibliotheque Payo, France. 1996.

APPADURAI, Arjun, **Dimensões culturais da globalização A modernidade sem peias**, Tradução de Telma costa Revisão científica, conucação Moreira, Teorema, Dezembro de 2004.

ARISTIDE, Jean Bertrand. **Investir dans l'humain**, livre blanc de fanmi lavalas, Port-au-Prince, Haiti, 1996 .

AVRIL Prosper. **l'Armée d'Haiti, Bourreau ou Victime** ? P-Au-P, imp. le Natal, 1997.

AMORIM, Celcio. Haiti e o Futuro. Folha de São Paulo, 31.03.2010.

ALEXIS, Jacques Stephene. **Compère Général Soleil**, Paris, 1955.

ALAIN, Gustave. **l'Empereur Soulouque et son empire**, Raybaud, Maxime, supposed author, Paris : Michel Levy, Frere, 1856.

AUGUSTE, Charles A. **Pour une education haitienne**. Port-au-Prince, Haiti: les Presses libres, 1954.

APPOLON, Willy. *Le vaudou, un Espace pour les « Voix »*. Paris: Galilee, 1976.

BEAUBRUN, Ardoin : **Etudes pour servir à l'histoire d'Haiti**, P-au-P, imp cheraquit, 1925, 5^e paris, Imp. De Moquet, 1858.

BELLEGARDE, Dantes : **Histoire du peuple haitien**(1492-1952), Edition, Held, Geneve, 1953

BELLEGARDE, Dantes. **l'occupation Americaine d'Haiti, ses consequences morales et économiques**, P-au-P, Cheraquint, 1929.

BELLEGARDE, Dantes. *Dessalines a Parle*. Port-au –Prince: Societe d'edition et librairie, 1948.

BERNARD, Gainot. **Le General Lavaux, Gouverneur de Saint Domingue**, neo jacobin, Annales historiques de la Revolution Française, 1989, Volume 278.

BRIERE, Jean-François. **Haiti et la France** :1804-1848, le rêve brisé, Karthala, 2008.

BOLIVAR, Simon. **Convocatório de congresso de Panamá**, in diaz lacayo, aldo, el congreso antifictionico, caracas, ed. corpozulia, 2006, p.95.

BLANCPAIN, François. **Un siècle de relation financier entre Haiti et la France**, L'Harmattan, 2001.

BASTIDE, Roger. **Les Ameriques noires**, 1967, Edition l'Harmattan, 1996.

BASTIDE, Antoine. **Henri 1^e, Henri Christophe, curieux roi de Haiti**, Miroir de l'Histoire, 1953, No 41, Pages 613 ; 621.

BOURDIEU, (pierre), PASSERON (Jean-Claud)-**La reproduction, éléments pour une théorie du système d'enseignement**, Paris, Edition de Minuit, 1970.

BRUTUS Edner. **La revolution dans Saint-Domingue**. Tome 1. les Editions du pantheon, Belgique, 1969, p24.

BOFF, Leonardo et Clodovis. **Qu'est-ce que la Théologie de la libération**, Mai 1987, collection foi vivante, No 223.

BATHELEMY, Gerard: **Le pays en dehors**, P-au-P, Haiti, H.Deschamps, 1989.

BARTHELEMY, Gerard., **Reflexions sur deux memoires inconciliables**, celle du maître et celle de l'esclaves : Le cas d'Haiti, cahier d'études Africaines (écoles des Hautes études en sciences sociales), No 173-174, 2004.

BARROS, Jacques. **Haiti et la France**, conjonction, Port au Prince, 1971, no 115, page 103, 119.

BRASIL e a crise Haitiana: a **cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**, Brasília: fundação Alexandre de Gusmao, 2007. 394 p.

BRASIL-Haiti-olhares cruzados= (Brasil-Haiti, Carrion, Drice (coord).sao Paulo: Reflexo texto e foto, p95, 2006.

BASTIEN, Remy. CASTOR Suzy , **la ocupacion norte-americana de Haiti y sus consequência**(1915-1934), siglo 21 editores, Mexico, 1971.

CAMARA, Irene Pessoa de lima. **Em nome da democracia: O.E.A e a crise Haitiana 1991-1994**. 1996. 2004, Tese (curso de Altos estudo), Instituto Rio Branco, Brasil.

COSTELLO, Patrick; sanahuja A. **Haiti, lós desafios de la reconstruccion**. informe: observatório de conflitos, no 1, 1996.

CASTOR Suzy. **Le massacre de 1937 et les relations Haitiano-Dominicaines**, edition CRESFED,imprimerie le natal, Port-au-Prince,Haiti,1988.

CASTOR Suzy . **L'occupation Americaine d'Haiti**,Haiti,imprimerie,Henri Deschamps,Port-AU-Prince,Haiti, Août, 1988.

CHARLES –V.Aubrun. **Bolivar et la Revolution Americaine**,Bulletin hispanique-vol 38 pp.173-207,1936

CAMILUS,Adler : La **paysannerie** et la **construction** de la nation **haitienne** :l'**ambiguité identitaire**. in colloque internationale-L'ethnologie et la construction de la nation politique du peuple, du citoyen en haiti, Port-au-Prince,les 16,17, et 18 février 2012, Université d'Etat d'Haiti.U.E.H.

CHOAMSKY,Noham,**La tragedie d'Haiti**,Chap.8 l'an 501, *la conquête continue* (l'herne).edition Epo,Bruxelle,1995.

CASIMIR,Jean. **La suppression de la culture Africaine,dans l'Histoire d'Haiti**,revue socio-Anthropologie,No 8,culture-esthetique,2000.

-----**Haiti et ses elites**,L'*interminable dialogue* de *Sourds*,Edition de l'université d'Etat d'Haiti,Port-au-Prince,Haiti,2009.

-----La **culture Opprimée**,Port-au-Prince,Haiti,Media-Texte/Fokal,2006

CADET,Charles,**Crise multidimensionnelle** » Port-au-Prince,Haiti,Chemin critique,Vol2,No2,sept 1991

idem .La **Republique Haitienne,la crise économique**,Paris,Karthala,1933.

CESAIRE,Aime. **La Tregedie du Roi Christophe**,Paris,presence Africaine,1970.

CARREIRO,Marcelo.**Brasil no Haiti : Brasil no Haiti,o desastre da minustha**. Rio de Janeiro,Revista,Eletrônica, Boletim do TEMPO,Ano 4,No.02,Rio 2009.

CHASSANY,Pascal.Un **republique independante en Peril?Haiti:1890-1911**,Nuevo mundo Nuevos,Bibliografias,Puesto em línea el 08 de Fevereiro,2005.

COMITE « **Defender o Haiti e defender a nos mesmo**, Boletim junho 2012.blog :retiadatropashaiti.

Caribbean office of Trade negotiations,Caricom's essential oils trade, private sector trade note,vol.9,2009.

DINIZ,Eugenio. **O Brasil e as operações de Paz in**: Altermani,Henrique, Leça, ANTONIO (org). *Relações internacionais do Brasil: Temas e Agendas*,v2.sao Paulo, saraiva, 2006.

DELHORMES, Demesvard. **Les Théoriciens au Pouvoir**, Edition, Fardin, Port-Au-Prince, Haiti, 1980

DEPESTRE, René : **Bonjour et adieu à la negritude**, Ed. Robert Lafond, 1980.

DELCE Maria Herrera : **La chronique des Ameriques** Avril 2004, No 43. la crise democratique haitienne : l'aneantissement d'un peuple-www.uqam.ca.

DESPAGNET, Frantz. **Le Traite de Paix entre l'Espagne et les Etats Unis**, Bulletin Hispanique, vol 1, 1983.

DEBIEN Gabriel. **Etudes Antillaise**, 18^e siecle, Paris Armand, colin, 1856.

DESPEIGNES Montalvo. **Le droit informel Haitien, approche socio-Ethnographyque**, Paris universitaire de France, 1976.

DORAIS, Louis-Jacques, **la construction de l'identité**, université laval, 2001

DARTIGUE, Jean-Joseph Maurice. *An economic program for Haiti, a special report*. Washington: Institute of inter-America affairs, Good supply division, 1946.

Donald H. Dyal; Brian B. Carpenter e Mark A. Thomas, *Historical dictionary of the spanish American War*. Greenwood Press, 1996

DESPAGNET-Frantz *Le traite de Paix entre l'Espagne et les Etats unis* Bulletin Hispanique, 1899, vol 1, pp.24.

ENRIQUE, Dussel. **The sociohistorical, of liberation theology** (Reflection about its origin and word context, P.5, Biblioteca.clacso.edu.ca.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FOUCHARD, Jean : **Regards sur l'Histoire**. Deschamps, P-au-P, 1988, 638 pages.

FOUCHARD, Jean : **Les marrons de la liberté**, ed. revue, corrigée et augmentée. Ed. Henri Deschamps, Port-au-Prince, 1988. p.447.

FRIEDMAN, Wolgany, **The changing structure of international law**, london, stevens et sons, 1964.

FIRMIN, Antenor. **De l'Egalité des Races Humaines**, Paris, Librairie, Collons, L'Harmattan, 2002.

FIRMIN, Anenor. **Les Lettres de Saint-Thomas**, Etudes sociologique, Historique et litteraire, Paris, 1910.

FANON, Frantz. **Les damnés de la Terre**, 1961, edition, la decouverte, France (2002).

FANON, Frantz. **Peau Noire, masques Blancs**, Paris : Edition Seuil, 1952.

FRANCE, **Le role de la diaspora dans la construction de la nation**. leçon a tirer par les Etats fragile et les Etats sortant de conflit en Afrique. prepare par : www.afdb.org.

GAUTHIER,Benoit,**Recherche sociale de la problématique** ,presse universitaire du Quebec,1984,535 pages.

GRONDIN,Marcelo,Haiti: **cultura,poder e desenvolvimento**,1e edição,são Paulo,editora Brasiliense,1985.

GUTIERREZ Gustavo.**Hacia una teologia de la liberacion** : perspectivas,lima CEP,1971.

GEERTZ,Clifford. **Interpretações das culturas**, ed.B.reimp.Rio de Janeiro,LTC,2008,323p,Cap.uma descrição densa,por uma teoria interpretativa da cultura.

GAILLARD,Roger.**Charlemagne Peralte** le caco,les Blancs débarquent Port-au-Prince,le Natal,2000.

GAILLARD,Roger.**La republique autoritaire**,le natal,1981,p.305.

GAILLARD,Roger.**La Republique exterminatrice**,Tome5,le grand Fauve(1905-1908),Port-Au-Prince,Edition le Natal,1995.

GOENDER, Jacob."**O epico e o tragico na Historia do Haiti**.Revista Estudos Avançado, 2004.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas** da America Latina.25 e edição.Rio de Janeiro:Paz e Terra,1987.

GARCIA, Carlos Bosh."**las ideologias europeísta**".In:ZEA,Leopoldo.America Latina em sus ideas, Unesco.1986.

GRANVILLE, Biografia de Jonathan Granville. Escrita por su hijo. Paris, 1873, 92.93, citado por Treudley, op. Cit., p. 224, apud Hoetink, p. 29.

HECTOR Michel.**Reflexion sur les particularités de la revolution haitienne**,Bulletin de la société d'histoire de la Guadeloupe,Barbarde,mai 2004,N0 special,nov 2006.

HURBON,Laennec.**Le barbare imaginaire**,cerf,Paris 1988.

HURBON,Laenec.**Comprendre Haiti**,Essai sur l'Etat,la nation,la culture.Port-au-Prince,1987.

HIPPEL, KarimVon. **Democracia pela força: intervenção militar dos EUA no mundo pos-guerra fria**, Rio de janeiro: Biblioteca do exército ed, 2003. 273p.

HOOKER,M.B. **Legal pluralism,an introduction to colonial and neo colonial law** calrendon press,oxford,1975.

HOBBSAWN,Eric J.**nações e nacionalismo,desde 1780**,paz e terra.S.P,Brasil,1990.

HIRST,Monica.La **intervencion sud americana em Haiti**.Crisis de estado e intervencion internacional,Buenos Aires,Edhesa.PP-29-22.

HAITI,-Actes du colloque International sur L' **ethnologie** et la **construction** de la **nation politique** du **peuple**, du **citoyen** en haiti, Port-au-Prince,les 16,17, et 18 fevrier 2012, Universite d'Etat d'Haiti.U.E.H.

HAMILTON, S.M., The Writing of James Monbroe. Nova York 1900, Vol. IV, 186.

JOLIBOIS,Joseph,**La doctrine Monroe** ,Imp.Auguste,Port-au-Prince, Heraux,1932.

JANVIER,Louis Joseph : **Les affaires d'Haiti**,Paris,Imp Flamarion,1886.

-----**Les constitutions d'Haiti**(1801-1885),Paris,Imp.Flamarion,1886.

-----**Du gouvernement Civil en Haiti**, Lille,Imp.Bogot Frère,1905.

JACQUES de Cauna.**Toussaint Louverture et l'indépendance d'Haiti**.Temoignage pour un bicentenaire,Karthala,France,2004.

JOACHIM Benoit : **Decolonisation au néocolonialismo** ? aspects fondamentaux des relations de la France avec Haiti aux 19^e siecle. These de 3^e cycle,Histoire,Universite de Paris 1 Pantheon-Sarbonne,1969.

Idem,Le **néo colonialisme** à l' **essaie** la France et l' indendance,d Haiti, France la Pensée,1971,no 156,P.35.

Idem,**la reconnaissance d Haiti par la France,1825,naissance de Rapport internationaux de type neo colonial**,Bulletin de la societe d Histoire moderne,73^e annee,15^e serie,no 7,1974 .

JOSEPH Andre L. **Le mouvement sindical Haitien**:de ses origines aux debuts Du 21e siecle.San Jose,costa Rica.oficina internacional del trabajo,2003.

JAMES,C.L.R. Os jacobinos Negros.Sao Paulo : Editora Boitempo,2000.

KWAME,Nkrumah,Le néo-colonialisme-dernier stade de l'imperialisme,presence Africaine,2009.

LINARD,A. : Une democratie Haitienne,triste bicentenaire en Haiti, le monde diplomatique, Fevrier 2004,S/RES/1529.

LEHMANN David,Struggle forth spirit: **Religious transformation and populoor culture in Brazil and latin America**, Cambridge,polity Press,1996.

LOWY Michael. **La guerre des dieux.Religion et politique en Amerique latine**,Paris,Editions du Ferlin,1988.

LAURANT,Gerard.Contribution de l'Histoire de Saint-Domingue,Imp.la phalange 1971.

LAROCHE,Maximilien. **La tragedies du Roi cHristophe**,du **point** de vue de l'**Histoire d'Haiti**,etudes litteraires,vol6,no1, Port-au-Prince,Haiti,1973.

LOUVERTURE,**Toussaint avant 1789,legende et realite**,comjonction,No 134,Haiti,1988.

-
- MENDRAS, Henri. **Element de sociologie**, Armand colin, France, 2002.
- MAURICE Vaisse, **les relations internationales depuis 1945**, collection U, Editeur, Armand, Collin, France, 2008.
- MEZIER Henri : **Revue du souvenir Napoleonien**, Paris, France, numero 440 Avril-Mai, Annee 2002.
- MARS, Jean Price : **Une etape de l'evolution haitienne**, P-au-P, imp. la presse, 1929.
- Moral, Paul : **L'economie Haitienne**, P-au-P, imp de l'Etat, 1959.
- Le paysan Haitien**, Paris G.P Maisonneuve et Larose, 1961.
- MANIGAT, Leslie: **L'Amérique Latine au XXe siècle: 1889-1929**, Paris Edition Richelieu, 1973.
- MANIGAT, L.F. **La Crise Haitienne contemporaine**, P-au-P, Collection du CHUDAC, Imprimerie, Media-Texte, 2^e Edition, Mai 2009.
- MANIGAT, Leslie, F. **The relationship between marronage and slave revolts and revolution in Saint ; Domingue Haiti, comparative on slavery in new york**, 24 Mai 1976, Annals of the new york Academy of sciences, Volume 292, 1977 .
- MANIGAT, Leslie. **La Politique Agricole du Gouvernement de Alexandre Petion, 1807.1818**, Port ; Au ; Prince, la phalange. 1962.
- MADIOU, Thomas, **Histoire d'Haiti**, Henri Deschamps 7 volumes P-AU-P, 1992.
- MILLET, Kethly. **l'Etat, Haitien et la paysannerie de 1930 a 1965**, Université de Montreal, 1989.
- MONTEJO, Esteban, **Biografia de um Cimarron**, Havana, Wiliam Rowlandson 1966.
- MARTI, Jose *Nuestra America*. Biblioteca Digital Ciudad Selva. Disponible em: <http://www.ciudadseva.com/textos/otros/nuestra.htm>. Acesso em janeiro de 2013.
- NERESTANT, Michel. **Anthropologie et sociologie a l'usage des jeunes chercheurs**, Karthala, Edition, Paris, 1977.
- MENOS, solon, **Affaire Luders**, Imp. J. verrollot (p-au-p), 1958.
- OFFERLE, Michel, **les partis politiques**, collection, que sais-je ? numero 2373, 19-09-Paris, France, 2012.
- POUMARROUX, lydie, GETRIN, Christiane. **Bolivar et les peuples de Nuestro America, des sans –culottes noirs au libertador**, centre d'études et de recherche caraibeenne (Antilles), Presse Universitaire de Bordeaux-1990.

PRICE-MARS, Jean. **La vocation de l'élite**, Port au Prince, edition des Presses nationales, Collection Patrimoine, Janvier 2001, p108.

PAULO ROBERTO Campo, Tarrisse da Fontoura : **Brasil, 60 anos operações de Paz**. Kathlab, 2010.

POUPART, Jean. A **pesquisa qualitativa, enfoques epistemológicos e Metodológicas** pp 124-200.

PONGNON, Vogly Nahum. "**La nationalité Haitienne d'Origine**", dans les **Constitutions Haitienne**. Monografia (memoire) de graduação para obter o grau (Licence) de Advogado, Haiti, Biblioteca da Faculdade de Direito e ciência economia da universidade do Estado do Haiti, 2010.

PONGNON, Vogly-Nahum. **Election Haitienne-Présidentielles de Novembre 2010**, Brasília: Revista Universitas-Relações Internacionais, Vol. 8, No 2, 2010.

PIERRE-CHARLES, Gerard. **Radiographie d'une dictature**, Edition nouvelle optique, Haiti, 1973.

POULIGNY-MORGANT, Beatrice. **Pouvoir dans la Caraibe**, 10/1998 : Haiti, l'oraison démocratique, **l'intervention de L'ONU dans l'Histoire politique recente d'Haiti, les effets paradoxaux d'une interation**. em ligne, le 09 Mars 2011, consulte le 14 Mars 2013.

PERCHELLET, sophie *Haiti: des siècles de colonisation et de domination*. Disponível em : www.cadtm.org. Acesso em : 23 de agosto de 2010.

RONCERAY, Hubert de. **Sociologie du fait haitien**, Ed. De l'action sociale. Port-au-Prince, 1979.

ROSA Renata de Melo: **A Nobles Haitiana nos Duzentos Anos de Imperio Negro**, in CABRERA, Olga, Almeida, Jaime (org) *caribe: sintonias e Dissonancias*. Goiania: Ed. UFG, 2004.

ROSA, Renata. **Republica Dominicana**, a construção do **Puebla criolo**, Univ. Rel, Int, Brasilia, 2008.

ROSA, de melo Renata. **Haiti e os projetos de desenvolvimento: entre o isolamento e a ocidentalização**. 3 seminário, Brasil-Noruega : **Perspectivas sobre paz e Reconciliação. A reconstrução da Paz no oriente Médio e Haiti**.

ROSA, Renata. **Subjetividade e subversão do Racismo: Haitianos na Republica Dominicana**. Rev. inter, Mob. Hum, Brasília, Ano 23, No 34. 2010.

CHARLES, Ragin. *La construccion de la investigacion social, introduccion a los metodos y su diversidad*. Bogota, Colombia Ed. Universidad de los Andes, 1994.

REVUE, Rapport, Amerique Latine/Caraibes, No10, International crises Groupe, Port-Au-Prince, Bruxelles, Port-Au-Prince, Une Nouvelle Chance pour Haiti, 18 Novembre 2004.

ROUMAIN, Jacques. *Le gouverneur de la Rosee*, P-Au-P, Paris, 1944.

SABOURIN Eric. **Camponeses do Brasil, entre a troca mercantil e a reciprocidade**, Terra mater Garamond universidade.edition, Armand collin, p.201, Chap6 .SCHOELCHER, Victor : **vie de Toussaint Louverture** (1889), Kathala, France, 1982.

SYLVAIN, F. **Le sermont du Bois- caiman et la premiere pentecote**, P-au-P, Deschamps, 1979.

SCHMIDT, Roger. **the united states occupation of Haiti**(1915-1934), new Brunswick, NJ :Rutgers university pree, 1971.

SAINSINE, Yves. **Mondialisation, developpement et paysans en Haiti** : proposition d'une approche en termes de resistance, these universite catholique de louvain, sept 2007.

SMARTH, Rosny. **crise, movimento popular, intervenção estrangeira e a presença da America Latina e do Brasil no Haiti**. Brasília, Revista Universitat-relações internacionais, Vol8, No.1, 2010.

Idem **Intervenções estrangeira e a presença da America Latina e do Brasil no Haiti**. Brasilia: Revista Universitas-Relações Internacionais, Vol.8, No 1, 2010.

SEITENFUS, Ricardo. **De Suez ao Haiti: a participação brasileira nas Operações de Paz**, in O Brasil e as Nações Unidas, Ed. MRE, Brasilia, 2007 (sous presse).

SEINTEFUS, Ricardo. *O Brasil e as Nações Unidas*. Brasília: FUNAG, 2007.

SUMNER, Welles *La viña de Naboth: La República Dominicana 1844-1924*. Santo Domingo: Editora Taller, 1981

SCOTT, Ian-Pierre. *La pensee sociale Haitienne aux 20^e siecle*. Disponible em : www.ficsum.qc.ca. Acesso em : 13-02-12

THEODAT, J. M. *Haïti et la République Dominicaine. Une île pour deux*, 1804-1915. Karthala, France, 2003

TROUILLOT Michel Rolph : **Democratie et societe civile**, in Laennec Hurbon (dir), les Transitions democratiques. (actes du colloque de port-au-prince, Haiti, sigros, 1996, DP.225-231.

TROUILLOT, Henock. *Dessalines, ou, Le sang du Pont-Rouge*. Port-au-Prince : Imprimerie des Antilles, 1967.

TROUILLOT, Henock. *Le code rural de Boyer et La paysannerie Haitienne, dans conjonction*, Port-au-Price : H.Deschamps,1964.

-----*Dessalines ou La tragedie post-coloniale*, Port- au-Prince: Edition Panorama,1966.

TREUDLEY, M., The United States and Santo Domingo, reimpresso no Journal of Race Development, Vo. 7, Nos, 1 e 2, julho e outubro de 1916.

SILIE,Rubens.**Aspectos variables de las relaciones entre Republica Dominicana y Haiti** in Revista Futuros,Vol3,No9,2005.

-----Poblacion y esclavitud em SSanto Domingo,en siglo 23 revista integracion y ciência,SantoDomingo/RD,Universidade APEC,Ano 1,n1.1986.

TARDIEU,Charles Dehoux. **L'éducation en Haiti de la période coloniale à nos jours**.Imp.H.Deschamps,1990.

TROUILLOT,Enock. **Le gouvernement du Roi, Henry Cristophe**,H.Deschamps,P-au-P,1997.

TROUILLOT,ErthaPascal. **Encyclopedie biographique d'Haiti**,ed.Semis,Montreal,2001,T1.

TROUILLOT,Michel-Rolph.**The caribbean Region**:na open frontier in anthropological theory,annual Review of Anthropology 1992.

TONNERRE,Boirond.**Memoire pour servir a l'Histoire D'Haiti**,Edition Fardin,1852.

TURNIER,Alain.**Quand la Nation demande des Comptes**,P-au-P,Edition le Natal,S.A,1998.320 Pages.

THOMAZ, Omar Ribeiro. "O terremoto no Haiti, o mundo dos Brancos e o lougawou". São Paulo: *Cadernos Cebrap*, no. 86, 2010.

VAVAL Duracine : **l'âme noire**, Port-au-Prince,Imp.Aug Heraux 1933.

VERENHITACH,Gabriel Daou :A **minustha e a política externa Brasileira :motivações e consequência**,dissertação de mestrado,santa maria,RS,Brasil 2008.

VINCENT,Stenio. **En posant les Jalons**,P-Au-P,imp.d'Etat,1938.

VITE,Sylvain : **L'Applicabilité du droit international de l'occupation militaire aux activités des organisations internationales**,RICR,Vol 86, France,No 853.Mars,2004

WARGNY,Christophe.**La crise politique Haitienne,est-elle Terminee**,le monde diplomatique,4 fevrier 2011.

idem,**Après le depart forcé de Aristide en Haiti,Un Etat à reconstruire**,du 4 Mars 2004.

ANEXO.

QUESTIONNAIRES.

Informations Personnelles:

- .Secteur d'activité :
- .Sexe de la personne :
- .Tranche d'âge de la personne :
- .Membre d'une organisation :
- .Categorie :Dirigeant, leader, membre de direction.....
- .Membre d'autres organisations, :.....
- . Son niveau de liaison avec le secteur politique.....
- .Sa religion et sa conviction citoyenne.....
- .Sa ligne ou doctrine politique de préférence.....
- .Son partie politique favorit.....
- .Niveau de formation, études.....

1-Où localisez -vous le bresil ?

2- Tous les militaire de la Minustha sont-ils Brésiliens ?

3-Viennent- ils des pays du sud americain ?

4-Connaissez -vous un autre pays hors des pays du continent sud americain?

5-Qu'est -ce qui vous permet de distinguer les différentes composantes de la Minustha. : leurs Habieiments , leurs couleur de cheveux, de la peau, des yeux, leurs façon de parler,leurs emblèmes.

6-Qu'est -ce qui vous permettez de differencier un soldats blancs americain et un soldat Latinoamericain. ?

8-Etes- vous pour le depart de la minustha ?

9-Etes -vous pour le maintient de la minustha et Pourquoi ?

10-Coment examinez- vous le comportement des troupes ?

11-Quant on parle de minustha, faites -vous différence entre les soldats brésiliens et les autres contingent ?

13-Comment voyez -vous les soldats de la minustha qui accomplissent la même mission à côté de la police nationale haïtienne ?

14-Pensez -vous que la minustha va se retirer en 2016, Pensez -vous qu'au départ de la minustha l'inécurité va augmenter ?

15-Connaissez -vous un victime de la minustha ,personnellement, par intermédiaire d'un ami,dans la presse,radio,journaux,télévision.

16-Entre un policier national et un soldat de la minustha qui faites- vous confiance le plus , avec qui sentez -vous plus confortable en terme de.(Protection vies et Biens).

17-Le Bresil a t-il un intérêt personnel à défendre dans le dossier de la crise haïtienne.

18-D'après vous ,il y à amélioration dans le climat de sécurité entre avant et après l'arrivée de la minustah : même ,pareille,plus au moins.

19-Lors d'une fouille de routine ,(voiture,corps,effets personnelles). Qui préfères-tu,les réaliser :les policiers de la Minustha ou les policiers nationaux ?

20- Penses- tu que la Minustha devrait nous aider au contrôle des frontières ,et nous protégés contre les agressions des Dominicains ?

Versao Kreyol.

-ki kote ou lokalize peyi brezil :amerik,erop,afrik,asi amerik sentral,karaibe

-Tout milite nan minista se bresilien ?

-Tout soti nan payi amerik latine ak afrik

-Eske ou konen nasyonalite lot payi ki na minista

-Ki sa ki fe w distinge yon solda ,de lot nasyon yo,rad ki sou yo,koule yo,cheve yo po yo,ge yo, jan yo pale,emble-m yo.

-Ki sa ki distingue yon solda bresilien,de yon solda ameriken

-Se ki misyon polis nasyonal,eder rekonstriksyon,tabli la pe,ou byen se lot bagay.

-Eske ou pou ministah ale ,soti nan peyi.

-Eske pou minista rete ou ale fe wout yo ,po ki rezon.

-Koman ou we kompotman twop milite minista yo,

-Yo bon.yo pa bon,yo pasab,yo pa bon di tou nan tout sans.

Bon ,mauvais, assez, totalement mauvais.

-Le yo ap pale de minista,ou fe difans ,nan nasyonalite yo,kisa ki pa egzamp fe ou fe diferans de yon solda brezilyen ak lot solda yo.

-Koman ou we solda minista yo ki ap fe menm travay kot a kot akpolis nasyonal la.

-Eske ou kwe minista ap gen pouli pati nan 2016,eske ou kwe tou si minista aleinsekirite yo prale monte anko pi red.

-Eske ou konnen pesonnelman yon mounn ke minista fe abi sou yo

-Yo polisie ayisyen ak yon solda minista,ki yes ou fe plis konfians,ou byen ou santi ou plis alez,nan sa ki gen pou we ak pwoteksyon vi ou ak byen ou

-Brezil,dapre ou gen intere pali ke li ap defann nan dosye kriz peyi a

-Dapre ou,gen ameliorasyon nan klima sekirite yo nan sa ki gen a we ak avan epi apre minista vini,koman ou we sa.

Menm jan an,li pi mal,gen ameliorasyon.

-Nan yon fouye konsa konsa,ki les ou ta swete ki fe sa sou ou,ministah ou byen polis nasyonal ?

-Eske ou kwe minista ta dwe ede nou nan kontwol sou frontye ya epi pwoteje kompatriot nou yo kont dominiken ki ap bat yo sou fontye

.Question ouverte

Qu' elle est votre opinion de la Minustha en Haiti ?

1-Les soldats de la Minustah et les policiers haitiens, en qui faites vous plus deconfiances,en terme de :

A-CAPACITE.

B-COMPETENCE.

C-SECURITE PERSONNELLE.

2-.Le Brésil a –t-il des intérêts personnels a defendre dans la crise haitienne ?

3-D'après vous qu'est –ce qui est la cause de la venue des soldats de la minustha en Haiti ?

4- Selon vous, la Minustha est entrain de realiser une mission de Paix en Haiti, ou elle est une force d'occupation ?

5- Quelle est l'implication des élites (politique, sociale, économique) dans l'intervention militaire armée en Haiti.

Versao portugues.

1- Onde você localiza o Brasil?

2 - Todos os militares da Minustha são brasileiros ?

3-Todos São dos países da América do Sul?

4-Você conhece algum outro país fora do continente sul-americano?

5-O que se pode te ajudar a distinguir os vários componentes do Minustha. : Suas vestimentas, a sua cor de cabelo, pele, olhos, sua maneira de falar, seus emblemas?

6-O que você permite de diferenciar os soldados americanos e os soldados latino-americanos. ?

8-Você é a favor da saída da Minustah no Haiti?

9-Você quer que a Minustah fica no Haiti e por quê?

10-Discuta como você examinar o comportamento das tropas

a) Bom, b) ruim , c) muito ruim ?

11-Quando falamos da MINUSTAH, voce pode diferenciar os soldados do Brasil e outros contingentes militar das tropas o?

12-Você acha que se a Minustah vai embora do Haiti em 2016, a Insegurança vai aumentar?

13-Você conhece uma vítima da MINUSTAH, pessoalmente? Por intermédio de um amigo, na, rádio, imprensa, jornais, televisão.

14-Entre uma polícia nacional e um soldado da MINUSTAH em quem você confia mais, que se sentem mais confortáveis em termos de suas proteções (Vidas e de propriedade).

15-O Brasil tem um interesse pessoal a defender no papel da Crise política haitiana?

16-De acordo com você há melhoria no clima de segurança entre antes e depois da chegada da MINUSTAH: mesmo, mais ou menos?

17-De acordo com você há melhoria no clima de segurança entre antes e depois da chegada da MINUSTAH: mesmo, mais ou menos?

18 - Você acha que Minustha deve nos ajudar a controlar as fronteiras e nos proteger contra as agressões dos dominicanos?